Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19 031 4$00

SEGUNDA-FEIRA 19 ABRIL 1976

Um aspecto da Sala de Imprensa

Eleições passam outra vez pela Gulbenkian

À semelhança do ano passado com a Constituinte também neste Abril de 1976 os resultados das eleições para a Assembleia da República vão ser centralizados no edifício principal da Gulbenkian em Lisboa. Para prestar apoio à Informação na cobertura das eleições decidiu o Ministério da Comunicação Social criar quatro salas de Imprensa, localizadas respectivamente em Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian), Porto (Câmara Municipal), Funchal e Ponta Delgada (Palácios das Juntas Governativas),

Hoje, pela 18 e 30, será aberta oficialmente a sala de Imprensa de Lisboa. Conta com a presença de Ferreira da Cunha, secretário de Estado da Informação.

(Ler em "DL Eleições")

Tentativa de burla na Caixa Geral: suspeito preso

. Foi sexta-feira à noite detido, pela Polícia Judiciária, um indivíduo cujo nome não foi revelado e que se presume esteja ligado à tentativa de burla na Caixa Geral de Depósitos, a qual envolvia 300 mil contos.

Sabe-se que para as operações em curso foram destacados os agentes e inspectores da Judiciária mais especializados neste tipo de investigação.

Entretanto, a P.J. intensifica as investigações contando que, ao longo desta semana, possa fornecer novos elementos aos órgãos da Comunicação Social, relacionados com a mais expressiva tentativa de burla dos últimos tempos e que viria a ser frustrada por funcionários da Caixa Nacional de Pensões.

Fim-de-semana trágico

. . A Páscoa este ano saldou-se já em 23 mortos e cerca de 100 feridos vítimas de acidentes na estrada. O acidente mais trágico teve lugar em Espanha, na estrada Madrid-Corunha, quando um autocarro de turismo da Agência Abreu, transportando uma excursão de trabalhadores da Sacor, sofreu, em virtude de uma derrapagem, um grave acidente que provocou sete mortos e cerca de 30 feridos, alguns dos quais em estado grave.

Segundo as afirmações da Polícia espanhola, a derrapagem deveu-se ao estado escorregadio do piso, em consequência das chuvas torrenciais que se tinham abatido sobre a região.

Entretanto, começaram a regressar ontem à tarde a Lisboa, por via aérea, os primeiros feridos, enquanto outros, devido à gravidade do seu caso, permanecem nos hospitais da capital espanhola, não havendo porém a recear pelas suas vidas.

24 PÁGINAS

A CINCO DIAS DO FIM DA CAMPANHA

DIREITA RECEIA RESULTADO ELEITORAL

A cinco dias do termo da presente campanha eleitoral assiste-se a uma deslocação nítida da tónica política para o período que medeará entre a publicação dos resultados das eleições para a futura Assembleia da República e o início da campanha para a eleição do Presidente da República.

Com cerca de metade do eleitorado abrangido pela acção de esclarecimento e propaganda dos 14 partidos em presença (calcula-se que 2 a 3 milhões de eleitores tenham sido directamente abrangidos por mais de 6 mil comícios até agora realizados), os dados estão lançados, e nada parece poder já alterar a sua marcação.

Com a publicação de sondagens à opinião pública proibidas, com a não divulgação (pelo mesmo motivo) dos inquéritos sectoriais que vão sendo efectuados por diversos partidos, a massa dos portugueses permanece alheia à actual tendência do conjunto do eleitorado. Tal não acontece, porém, com as forças directamente interessadas — partidárias ou militares —, que terão, neste momento, uma visão realista do desfecho desta campanha. Daí o significado deste inflexão direitista no sentido da próxima campanha e, mais precisamente, no período que a antecederá ainda que passando por uma certa depreciação da importância das legislativas, para o que se não hesita no recurso a comparações com as eleições de 1975, sem que se mencione a profunda diferença existente entre uma e outra

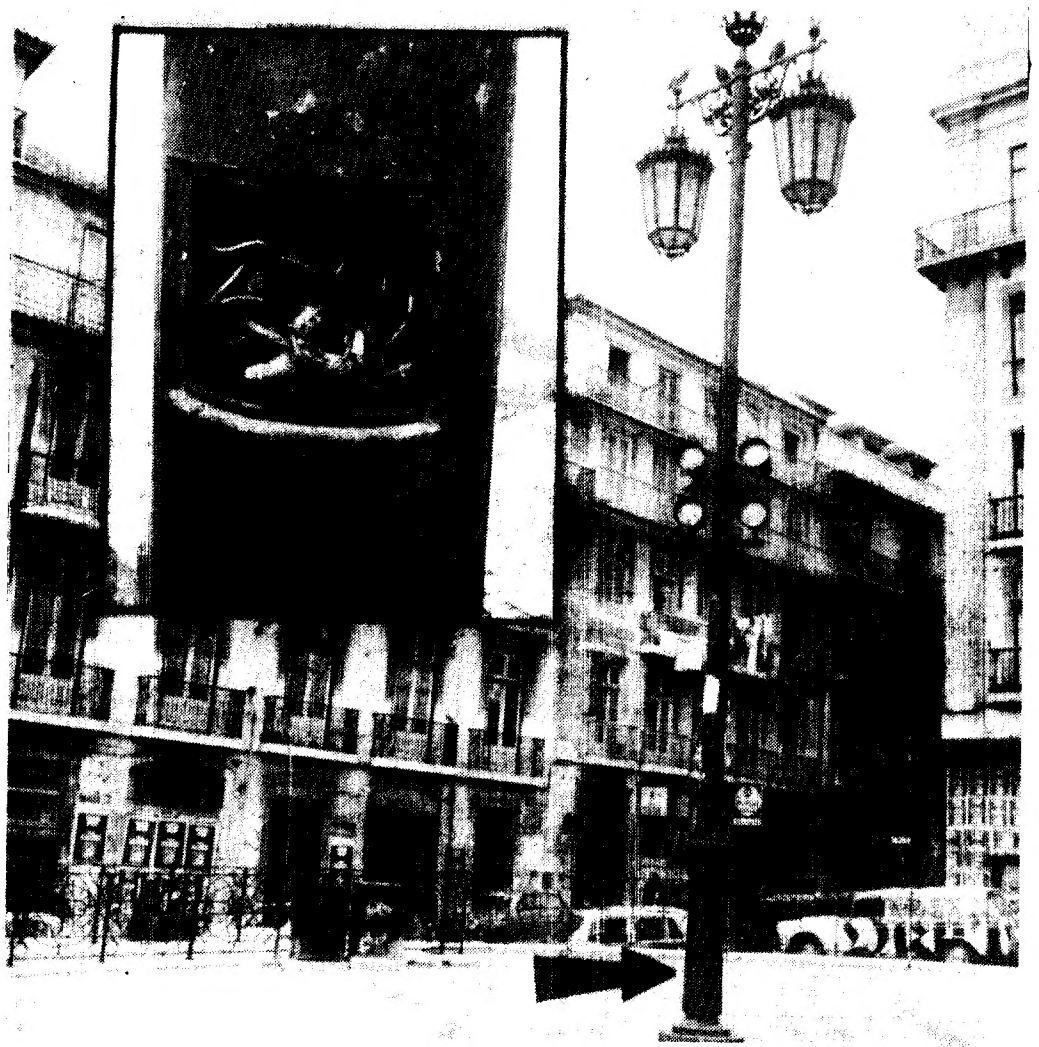
O contraste entre o optimismo que transparece das últimas declarações quer do P.S., quer do P.C.P., e o «desvio» de atenções do P. P. D. e do C. D. S. para as eleições presidenciais, sugere que a direita teme os resultados que dentro de poucos dias começarão a ser «despejados» dos computadores montados na Gulbenkian.

(ver «Campanha 76», pág. 5).

Sottomayor Cardia responde ao "DL"

. Com as respostas de Sottomayor Cardia, secretário do Partido Socialista, ao questionário que enviámos aos partidos mais votados há um ano, iniciamos hoje o «Ponto Político em Tempo Eleitoral», iniciativa com que pretendemos clarificar as posições respectivas e contribuir para dar à campanha eleitoral em curso algo que sirva mais para construir e esclarecer os eleitores do que para polémicas inúteis, que só poderão servir para confundir e acirrar ódios perniciosos a um País que mal desponta para a democracia e o socialismo.

Amanhã publicaremos os pontos de vista de Sá Carneiro, secretário-geral do Partido Popular Democrático, e na quarta-feira as respostas de Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português.



Perigo de morte na Praça Luís de Camões

Na Praça Luís de Camões, os fusíveis de um poste de iluminação apresentam-se como a imagem documenta, sem qualquer protecção. Fusíveis à vista representam perigo de morte, especialmente para crianças que por ali passam. Situações deste género são detectadas noutros pontos da cidade numa demonstração evidente de vandalismo, nuns casos, incúria noutros. Seja como fôr, cabe aos serviços de electricidade providenciar, desarmando estas ratoeiras que matam. Aos munícipes, torna-se legítimo exigir a atenção dos responsáveis. Os fios embaraçados que se mostram na gravura (ampliada) são condutores de alta tensão. Os incautos que aqui mexerem, crianças ou adultos, correm perigo de morte. Aqui deixamos o aviso, enquanto os serviços municipalizados não colocam a tampa no sítio.

Nacional

Política de A a Z

SILVA RESENDE NA BARRICADA

Quem tenha lido a entrevista do dr. Silva Resende, no jornal «Barricada» não se surpreenderá com o tom e o conteúdo das declaracões eleitorais do secretário-geral do Partido da Democracia Cristã (PDC). Com efeito, na referida entrevista nada ficava de pé; a descolonização era condenada; falava-se de cadeias que «receberam milhares de presos sem culpa formada»; da autorização de greves quando nos «países evoluídos uma greve é sempre tido como uma desgraça»; dizia-se que, pós-25 de Abril, a Informação foi «objecto da mais férrea e implacável censura»; afirmava-se que «o roubo, a invasão destruidora, a ameaça física, a extorsão e toda a casta de violências» eram o resultado da Reforma Agrária; falava-se das «prisões políticas pela calada da noite»; falava-se dos crimes do poder popular. Para Silva Resende estava-se perante «um crime e uma tragédia jamais conhecidos na História do País». E a sua acusação veemente e virulenta culminava na exclamação: «temos necessidade de saber quais são os novos Miguéis de Vasconcelos!».

Anunciava já Silva Resende, na «Barricada», o propósito do PDC disputar as próximas eleições que «hão-de seguir-se à redifinição da questão constitucional, da qual foi afastado por acto despótico do Poder». Em 1975, por ocasião das eleições para a Assembleia Constituinte, o PDC e o CDS tinham constituido uma coligação. A medida tomada contra o PDC causou transtornos e levou a improvisações por parte do CDS. Agora, a coligação não foi reconstituida.

AS QUATRO CHAGAS

Na Sala do Gil Vicente, em Cascais, perante a assistência escassa, o dr. Silva Resende, secretário-geral do PDC, segundo relato publicado, terá dito: «Não somos muitos, Mas somos bons». E aos bons, mas não muitos, democratas-cristãos, o dr. Silva Resende recordou que o PDC era «o partido mais novo e também o mais velho, pela nobreza do programa que tem, identificando-se com o Povo Português e seus anseios ao longo de oito séculos de História». Advertiu o auditório de que as eleições não eram «um desafio de futebol» e, entrou no ataque à ordem constitucional democrática que consagra as conquistas do «25 de Abril». É o seu direito. É o seu direito considerar que a Constituição é «uma roupa que não serve» (ao País). É o seu direito afirmar que, se o PDC tivesse tido voz na Assembleia Constituinte, não haveria «controlo operário», nem «o ensino estaria dominado pelo Estado». Mas já é menos legítimo, roçando pelo provocatório e pelo calunioso, dizer que: «Um País de oito séculos não pode ser mudado por uma minoria de desaustinados mentais e de vendidos políticos».

Na oratória do dr. Silva Resende, o PDC apresenta-se como um partido de nítida oposição ao «curso democrático pós-25 de Abril». A designação «democracia cristã» adapta-se mal a esta virulência demagógica, antidemocrática e anti progressista. A descolonização é, para Silva Resdende, «uma chaga em aberto». Mas outras chagas existem. A segunda «chaga» consiste nos crimes (sic) «cometidos em Portugal em nome da liberdade». A terceita «chaga» a «ruina económica e social do País». A quarta «chaga» referida com palavras que vale a pena transcrever: «Temos de saber se o País pode continuar a eleger traidores. Nalgumas das listas agora concorrentes às eleições continuam a figurar nomes que andaram metidos em golpes ainda não bem esclarecidos».

Não é do «28 de Setembro» que fala Silva Resende. Fala, com a autoridade de secretário-geral do mais novo partido, do partido identificado com oito séculos de História, da grande vocação que anima o PDC; ser barreira na rua. Com o PDC — ele o garante — «o comunismo não passará». E esta garantia (que faria a tranquilidade de Tomás e agradaria a Salazar) é reforçada com um atestado de pureza: «O PDC é o único partido que não tem as mãos conspurcadas...». E como não necessitam, eles, democratas-cristãos das eleições para lavarem as mãos, aconselham aos dos outros partidos que lavem as suas, que mudem de sabonete ou de toalha.

O partido da Democracia Cristã passa da política à publicidade, da declaração de princípios à demagogia.

O NOME DE CRISTÃO

Para o bispo auxiliar de Lisboa, D. António Marcelino, a apropriação do nome de cristão por um partido político não é conveniente nem legítimo. Numa entrevista concedida ao jornal «A Luta», afirmou D. António Marcelino: «Na realidade, a Igreja, por intermédio do Magistério do Papa e até dos próprios bispos portugueses, já disse que nenhum partido se deve arrogar a si o nome de cristão, uma vez que politicamente não há dogmas, há projectos, e os cristãos podem perfeitamente englobar-se dentro de diferentes projectos. É até uma riqueza que não haja um único projecto político dito cristão — seja numa linha de Democracia Cristã, seja uma linha socialista. Gostaria por mim, de ver um pluralismo sério, que é enriquecimento». E o bispo D. António Marcelino concretizou: «Quanto ao Partido da Democracia Cristã, a Igreja não tem que fazer condenações como de resto em relação a outros. A legislação faz-se segundo a exigência própria do País. Há uma orientação e essa foi dada, que os cidadãos aceitam ou não aceitam. Se um partido que, apesar de tudo, teima em chamar-se cristão, como é o caso, se aproveitar do nome de cristão para uma propaganda eleitoral, isso para mim, não é honesto nem é respeitador da mentalidade dos menos instruidos e dos mais simples».

Não se pode ser mais claro. A tentativa de aproveitamento do nome de cristão para um partido político, não a considera honesta o bispo auxiliar de Lisboa.

Cardeal Ribeiro em homilia

"A nossa sociedade continua a viver horas de interrogação e de procura"

«A nossa sociedade portuguesa continua a viver horas de interrogação e de procura. Queira Deus que não sejam horas de desânimo. À luz da Páscoa temos de manter firme a esperança do triunfo da vida sobre a morte, a esperança da vitória do bem sobre o mal. Indispensável é que os portugueses deponham ódios, as ambições mesquinhas, os oportunismos políticos-partidários que os dividem, e se reúnam em volta de um projecto coerente e realista de reconstrução nacional. É tempo de sepultarmos os fermentos velhos da malícia e da perversidade. É tempo de fabricarmos o pão novo da pureza e da verdade». Palavras do cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, a finalizar a sua homília de Páscoa, ontem, na Sé.

Lembrando que estava a celebrar «a primeira de todas as solenidades cristãs, o núcleo essencial da nossa fé e o acontecimento mais decisivo de toda a História do Mundo», D. António Ribeiro salientou que «o Senhor venceu a morte e o pecado». O cardeal-patriarca referiu-se ainda ao processo de purificação da Igreja, «que ainda não chegou ao fim e jamais deverá chegar».

BISPO DO PORTO NÃO À VIOLÊNCIA

No Porto, D. António Ferreira Gomes recordou o apóstolo S:ÃO Paulo e apontou o significado do cristianismo nos tempos actuais.

«O homem novo cultiva a virtude da fortaleza. Mas os fortes não são violentos. Os fracos sim. Sobretudo os fracos de carácter, mas também destituídos de coragem física».

O bispo do Porto lembrou ainda que «as condições do Mundo de hoje, nas relações internas e externas dos povos, recomendam mais o recursos ao direito e não à violência activa.»

Para terminar D. António Ferreira Gomes criticou aquilo a que chamou «o totalitarimo socialista», dizendo que «o grande pecado do socialismo não foi recusar a fé em Deus, mas recusar a fé no Homem».

EM ROMA 200 MIL PESSOAS

Mais de 200 mil pessoas assistiram à missa do Domingo da Ressureição com que o Papa Paulo VI concluíu os ritos da Semana Santa deste ano, iniciados na passada quinta-feira na Basílica de S. João de Latrão. Constrastando com os anos anteriores, a mensagem «Urbi et Orbi» de 1976 foi principalmente religiosa, descrevendo o significado da Páscoa e a Ressurreição de Jesus Cristo. Após ler a mensagem, Paulo VI desejou ao Mundo uma Páscoa feliz, falando em Italiano, francês, inglês, alemão espanhol, português grego, árabe, russo, ucraniano, chinês e latim.

Agrava-se a saúde do sargento "pára" Carmo Vicente

Apesar de todas as diligências feitas junto do Presidente da República e do Conselho da Revolução, continuam detidos no Forte de Caxias e no Presídio Militar de Santarém, em consequência dos acontecimentos de 25 de Novembro, três majores (Campos de Andrada, Mário Tomé e Cuco Rosa); seis sargentos da Força Aérea (Álvaro Neves, Manuel Rebocho, Vítor Luís, Pedro Rasgado, Carmo Vicente e Jesus Serigado); e os civis Eduardo Rosa Milheiro, Manuel Faustino Pinto, Armando Jesus Cabrita, Mário Santos Gonçalves e Jorge Paulo Baptista Pinto.

De acordo com a Associação de Familiares dos Militares Revolucionários Presos, «é muito grave o estado de saúde do 1.º sargento pára-quedista Carmo Vicente».

Como oportunamente noticiámos, Carmo Vicente necessita de ser internado num estabelecimento psiquiátrico.

Outra fonte declarou-nos ainda que os restantes militares e civis «se encontram completamente desanimados, tendo perdido a esperança de serem libertados antes das eleições de domingo».

Comício do P.S. no Porto

Teremos de lutar contra o perigo de direita"

PORTO, 19 — «Morte a Cunhal», com ataques frontais ao P.C.P...., críticas ao PPD e ao seu secretário-geral («Carneiro há só um assado e mais nenhum») e, ainda ao CDS foram a tónica do comício do PS realizado no último sábado no Palácio de Cristal do Porto.

O presidente do PS, dr. António Macedo na sua alocução afirmou: «Vivemos num golpe de Estado permanente. Lutamos contra o gonçalvismo que queria fazer desgraçada esta terra, subjugando-a à ditadura comunista». E mais adiante: «Se lutamos contra o gonçalvismo e o aventureirismo, hoje teremos de lutar contra o perigo que vem da direita».

Por sua vez o candidato Carlos Laje, referindo-se à burguesia cujos planos foram destruidos pelo movimento espontâneo das massas populares. Afirmou: «as nacionalizações, a Reforma Agrária e as comissões de trabalhadores, bem como a perda dos feudos coloniais, foram sinais para a burguesia portuguesa de que tinha de lutar para sobreviver como classe.»

Noutro passo, Carlos Laje disse: «A vitória da direita arrastaria à vigança e à retaliação que há muito acalentam». Após lembrar os despedimentos de trabalhadores progressistas em várias empresas do Norte (apontou os casos da TMG e Coronado) siblinhou: «nas aldeias e nas vilas, sob a capa de um Governo da direita, voltaria a arrogância e o domínio dos caciques e com ela as humilhações sobre as gentes da província».

Na sua intervenção, Salgado Zenha, depois de recordar os 48 anos de fascismo, os 13 de guerra colonial e ultimamente a ameaça de uma «ditadura soviétóide», afirmou a propósito. «O Partido Comunista não pode oferecer a Portugal nenhum futuro. O dr. Alvaro Cunhal só conhece a ditadura do prolateriado. Ora nós não queremos nenhuma ditadura sobretudo o proletariado que é aquela preconizada pelo dr. Álvaro Cunhal.»

Por último usou da palavra Mário Soares, que começou por dizer que «a vitória do PS é certa e que é apenas uma questão de percentagem numérica». Acrescentou depois que foi «pensando em termos de futuro que o PS elaborou um programa de governo através do qual quer responsabilizar-se perante o País».

Sobre uma afirmação recente do dr. Sá Carneiro, de ter o PS vocação para partido único, Mário Soares afirmou que o secretário-geral do PPD esqueceu já as lições de ciência política que lhe deu o seu mestre Marcelo Caetano. E frisou: «não sabe o dr. Carneiro que em Inglaterra é um só partido que governa mas não é o partido único? E na Súecia, e na Itália?».

O secretário-geral afirmou, já a concluir a sua intervenção que o seu partido se responsabiliza perante o povo português para governar sózinho no caso de ter a maioria dos votos que lhe dê esse direito. Admitiu que a situação económica do País é difícil de resolver, mas acentuou que com o apoio das massas trabalhadoras, o PS teria capacidade para superar a crise e governar sózinho.»

Silva Resende em Braga

"A Igreja não pode considerar-nos como qualquer outro"

«A Igreja não nos pode considerar um partido como qualquer outro» — afirmou Silva Resende, secretário-geral do PDC, Partido da Democracia Cristã, falando numa sessão de propaganda eleitoral da sua organização este fim-de-semana em Braga. — «Nós somos o único partido que tem no seu programa a doutrina social da Igreja».

Silva Resende: duras palavras para o processo político que vem a desenrolar-se desde 25 de Abril de 1974. «A revolução não foi uma revolução, mas um atentado» — afirmou — «Foi um crime multiplicado por vários crimes uma horrenda carnificina multiplicada por todas as parcelas do território português».

Duras palavras para o processo de descolonização e seus responsáveis: «Portugal não descolonizou. Entregou os seus territórios a potências colonizadoras.»

Falaram outros oradores. disseram coisas não mais benevolentas.

QUADROS A ÓLEO

Assim como mobiliário, candeeiros, estatuetas, bibelots e enorme variedade de peças decorativas em faiança e cristal, encontrará na

GALERIA ACTUAL

Av. da República, 12 (cruzamento com a Avenida Duque d'Ávila)

Punho, foice, martelo e apelo

«Uma autêntica provocação» — assim classifica o P. S. o aparecimento, em algumas zonas rurais de autocolantes representando um punho associado a uma foice e um martelo mais um apelo à união e ao voto na esquerda. «Tenta-se lançar a confusão nas pessoas menos esclarecidas, insinuando alianças que o Partido Socialista rejeita e que seriam uma traição ao povo português» — diz aquela organização, num comunicado emitido pela Federação de Lisboa Norte.

O P. S. «declina toda e qualquer responsabilidade no referido autocolante e denuncia mais esta tentativa de manipulação do eleitorado, reafirmando a sua política de não-alianças, apesar dos namoros, tanto da pseudo-esquerda como da direita». E atribui à esquerda e à direita («ou a ambas») a autoria deste colante.

ATENÇÃO MÍOPES

A MIOPIA

A Presbitia (vista cansada), a Hipermetrofia e a Afaquia (operado às cataratas) podem agora ser corrigidas com lentes finas e leves para óculos em cristal anti-reflexo, a partir de 4,25 até 30,00 Dioptrias, incluindo, quando necessário, até 600 Dioptrias de Astigmatismo.

Para mais informações dirija-se já à

Óptica Visual, Lda.

AGORA COM NOVA GERÊNCIA, Rua das Portas de Santo Antão, 27-2.º, telefone 36 55 15.

ATENÇÃO:

Entrada pela espingardaria

post scriptum

As máscaras começam a cair

Os campos cada vez se definem mais. E no sentido que tantos de nós previamos: o ataque a todas as forças antifascistas, para recuperação do 24 de Abril.

A reacção, depois de ter explorado a fundo, o êxito das desastrosas lutas partidárias da Esquerda e da barafunda anarquizante que fomentou entre massas despolitizadas e, por isso, facilmente manipuladas, aí a temos já a atacar o 6.º Governo, que começou por querer dominar, com o encarniçamento com que caluniou os sacrificados Homens do efémero 5.º Governo Provisório, com altas figuras de democratas como um professor Teixeira Ribeiro e outros, a quem a História fará a justiça que alguns lhes quiseram negar. O tempo o dirá!

Entrementes, os «révanchistas» já não escondem o seu objectivo final: atacar a Revolução de 25 de Abril e todos os antifascistas que a apoiaram e permitiram com sua resistência militante. O objectivo é a recuperação do domínio nazifascista. Os «afilhados» não se conformam em perder os padrinhos. Acoitaram-se nos lugares em que os protectores os alcandoraram durante meio século de sinecuras, e eles aí estão nas repartições, nas Caixas, nos diversos Serviços, nos tribunais, em altos lugares de poder e mando, que a fidelidade a um regime de compadrio lhes assegurou e que a generosidade dos revolucionários manteve. E agora já não se coíbem de morder os antifascistas que lhes abanaram o reino podre.

Os casos de perseguições e vinganças começam a apontar-se a dedo. As máscaras começam a cair ostensivamente.

Parece que já é mais do que tempo de todos os antifascistas se unirem no sentido de travar o passo à reacção.

A. Simões Costa — COIMBRA

A quem querem enganar esses senhores

Como português interessado em que este País encontre o rumo que nos garanta, a todos nós, um futuro melhor, tenho seguido com atenção a campanha eleitoral, com o firme desejo de melhor me esclarecer.

Não milito em nenhum partido, embora tenha a minha opção que, afirmo desde já, é uma opção socialista.

Verifico porém, com mágoa, que alguns partidos pseudo-revolucionários se remetem a uma campanha que, em vez de esclarecer, mais não fazem do que confundir. São partidos que, apelando para o que de mais sagrado existe num povo, os operários, os camponeses, todo o conjunto dos elementos humanos do factor trabalho, isto é, mormente o proletariado, orientam toda a sua actividade para desmobilizar e dividir as massas laboriosas.

Vem isto a propósito da propaganda de certos grupos que, habilidosamente, fazem uma campanha sistemática do anticomunismo «vendo», por todos os lados, agentes da KGB e, nem ao de leve sequer, mencionam os tenebrosos agentes da CIA, seus generosos benfeitores.

Comportamento idêntico se verifica em relação aos partidos da direita saudosista, a quem não só não criticam, como até deixam perceber aceitação pelo seu ideário capitalista.

Já na Itália de Mussolini, os tristemente célebres «camisas negras» se fizeram passar por «revolucionários» para, depois da ascensão ao poder do ditador fascista, serem legalizados e enquadrados nas suas milícias, de quem dependiam exclusivamente.

Infelizmente, a táctica, embora velha e estafada, parece ainda resultar.

A quem quererão enganar estes senhores?

António Portugal — PORTO

O canto do cisne do C. D. S.

«Foi com desilusão que vi ruir fragorosamente, aos olhos do público leitor do «Expresso» de 10-4-76, essa figura extraordinária de político e de homem de pensamento, que é — e continuará a sê-lo, porque os génios não mudam... — o distinto prof. Freitas do Amaral.

«(...) É pena ver um homem com a elevada craveira intelectual do dr. Freitas — que a tem, honra lhe seja — completamente encurralado pelas baias que a doutrina capitalista lhe impoẽ, a ponto de o impedir de ver que os trabalhadores não são, nem nunca foram, estúpidos. (...)

«(...) A plateia — ou seja, o eleitorado — está atenta a todas as acrobacias ideológicas dos actores. A mínima falha, ele vaia os executantes...

«S. Ex.ª tem do 'fair play' a justa medida, da derrota eminente a plena consciência, do descalabro político do seu partido a correcta perspectiva — logo, não ficará desiludido com o fiasco eleitoral do C. D. S...

«É que o mal do partido é não ser como S. Ex.ª: ele, partido, é demasiado ambicioso. Receio, até que o partido, com o seu triunfalismo alienante, vá derrubando as baias do bom senso. E é pena, porque S. Ex.ª merecia outro partido: menos *rigorosamente* ao centro.»

José Manuel Figueiredo Leite de Sá — LISBOA

OS MILITARES E A "REVOLUÇÃO SOCIALISTA PORTUGUESA"

S.B.

A crise de que tanto se tem falado está a atingir proporções que, perante a inexistência de mecanismos de enquadramento minimamente definidos, conduzirá a curto prazo a uma situação de rotura, após a qual se tornará impossível o seu controlo a não ser pela utilização de drásticas medidas de repressão de consequências imprevisíveis.

Mais uma vez (será a última?) os acontecimentos oferecem aos militares que detêm desde o 25 de Abril, a condução da vida política portuguesa, a oportunidade de assumir a responsabilidade efectiva pelo processo que inciaram e a que se convencionou chamar «revolução socialista portuguesa».

De facto, embora nominalmente responsáveis pela condução do processo, os militares têm sido sucessivamente marginalizados e ultrapassados pelos jogos dos partidos que têm feito prevalecer os seus interesses sobre os do Povo português. Foi assim no 25 de Abril, no 28 de Setembro, no 11 de Março e está a sê-lo no 25 de Novembro.

Como entretanto os parâmetros da crise não deixam antever um «fim feliz», é a altura dos militares pensarem que, apesar de não lhes caber profissionalmente a responsabilidade do insucesso, será a eles que a História irá acusar, a menos que, antes que outros venham a fazê-lo, estabeleçam já o balanço da actuação das forças partidárias e lhes comecem a pedir contas do cansaço e confusão que vêm lançando no meio do Povo e da incapacidade de que os seus representantes têm dado mostras ao assumir os lugares de maior responsabilidade na vida política.

No campo da economia a actuação que tem vindo a ser desenvolvida, revela-se inadequada à prossecução dos objectivos que a construção de uma sociedade sem explorados exige, noemadamente ao nível de áreas-chave como a independência nacional, a política nacional de trabalho e o aproveitamento das capacidades produtivas instaladas e das potencialidades naturais.

1 — Independência nacional

A importância que o conceito de independência nacional adquiriu é tal, que praticamente todas as correntes partidárias o têm utilizado como ponto-chave da sua propaganda.

Interessa, no entanto, esclarecer que o conteúdo do conceito é obviamente variável consoante a coloração do partido que o apadrinha e, portanto, normalmente determinado pela zona de afluência patrocinadora. Não será, pois, de estranhar que até agora nada se tenha feito com o objectivo de alcançar a verdadeira independência nacional, isto é, a não dependência específica de um país ou bloco.

As incipientes estruturas capitalistas do regime fascista, já analisadas noutros documentos, baseavam-se no papel preponderente que a actividade financeira e especulativa assumia em detrimento da actividade económica produtiva. Deste modo foram favorecidas as actividades comerciais que acentuaram a nossa dependência de certos países.

A evolução verificada na economia nacional durante a década de 60, caracterizou-se pelo acentuado crescimento daquela tendência em resultado, por um lado, do enorme aumento da emigração e, por outro, da guerra colonial, ambas retirando elevado contigente de mão-de-obra do mercado de trabalho, propiciando, em simultâneo, o aumento de massa monetária sem contrapartida na actividade produtiva. É esta situação que vai permitir desencadear e desenvolver actividades especulativas que atingem o seu máximo nos fins de 1973. Neste quadro não é de estranhar que os projectos de desenvolvimento entretanto escolhidos, tenham sido do tipo capital-intensivo e fortemente dependentes das relações comerciais com o exterior, já que, por um lado, eram os que melhor favoreciam a concentração da riqueza e, por outro permitiam ultrapassar as dificuldades derivadas da relativa escassez de mão-de-obra. Como exemplos surgem os projectos das auto-estradas, do novo aeroporto de Lisboa, da refinaria de Sines e complexos petroquímicos.

Vivia-se, então em plena época de especulação financeira, em que se apontavam investimentos da casa das dezenas de milhões de contos, e isto num País em que o rendimento «per capita» era um dos mais baixos da Europa e, consequentemente, os índices de bem-estar reflectiam a degradação da qualidade de vida do Povo.

É neste panorama, resultante da actuação desenfreada de um capitalismo primário, que surge o 25 de Abril e a possibilidade de fazer enveredar a economia para modelos de desenvolvimento, que permitissem colocar ao serviço da comunidade as capacidades e potencialidades do País.

Paradoxalmente, quase dois anos passados sobre aquela data e numa situação de recessão no mundo capitalista e de elevado nível de desemprego (cerca de 350 000 desempregados), são ainda alguns daqueles projectos que vão absorver a maior parte da capacidade de financiamento do País sem que se reduzam significativamente os graves problemas sociais resultantes do desemprego e sem contrapartida no grau de independência nacional. De facto numa situação caracterizada pela subutilização da capacidade de refinação da Europa (apenas 65 a 70 por cento são utilizados) e pela construção de novas unidades de refinação nos países produtores de petróleo, e ficando a nova capacidade de refinação inteiramente disponivel para a exportação, não se vislumbra senão um aumento do grau de subordinação em relação ao exterior, após entrada em funcionamento da nova refinaria. A situação é ainda mais graves no caso das petroquímicas dado o elevado valor da produção e a circunstância dos mercados serem fortemente controlados e altamente sofisticados (comercial e tecnologicamente).

Assim, numa sociedade que se diz em «transição para o socialismo» mantiveram-se os esquemas de desenvolvimento do capitalismo (não interessa se do tipo clássico ou de Estado), em prejuízo da utilização das capacidades de financiamento para projectos centrados não só na criação de maior número de postos de trabalho, mas ainda no desenvolvimento das actividades de «exportação mais fácil» que são as que permitem evitar ou substituir importações.

Nas presentes circunstâncias, em que alguns dos projectos já não podem ser interrompidos devido a encontrarem-se já em fase de instalação de equipamentos, é fundamental que sejam estabelecidos contratos de «processing», a longo prazo, com países que não tornem essa ligação asfixiante, o que exigirá da nossa parte a aplicação de uma política de ligações internacionais visando diminuir o grau de comprometimento com a política de blocos.

Quanto aos projectos ainda não iniciados devem fazer-se todos os esforços no sentido de evitar comprometer na sua realização as dezenas de milhões de contos previstos para o seu custo.

2 — Política nacional de trabalho

O desaparecimento dos mecanismos repressivos do regime fascista que o 25 de Abril proporcionou, fez desencadear um movimento espontâneo de reivindicações, fundamentalmente centradas nos salários e que se tem de entender como reacção natural dos que recebiam baixissíma percentagem da riqueza que criavam.

A este espontaneismo tentou sobrepor-se uma linha de conciliação cujos argumentos se baseavam no equilíbrio da exploração das empresas, esquecendo que estas continuavam a ser fon de acumulação para os seus detentores. Apesar dessas tentativas, a ausência de um projecto político definidor da capacidade de intervenção dos trabalhadores na vida nacional e dos objectivos visados a curto e médio prazo, ditou a prevalência do espontaneísmo reivindicativo. Na realidade, a hipótese de «transição para o socialismo» teria de incluir, no domínio do trabalho, a definição de uma política nacional centrada sobre pontos como os horários de trabalho, escalas salariais e formas de ajustamento ao custo de vida, estatutos das diversas categorias profissionais, planos de formação e reconversão profissionais, alargamento da prática de salários indirectos (transportes, habitações, cantinas, esquemas de férias, etc.)... O estabelecimento destas regras à escala nacional, acompanhado do indispensável controlo da produção através de organizações de base, teria permitido a participação efectiva dos trabalhadores na vida do País, para além de proporcionar os elementos básicos para pôr em funcionamento um esquema de planeamento global da economia.

Entretanto e apesar de desmantelados os esquemas de controlo pelo desaparecimento da alta burguesia, nenhum dos pontos acabados de focar foi até agora abordado.

Face a este vazio político e organizativo não é de estranhar que, apesar de volvidos largos meses após o 25 de Abril, continuem a prevalecer os movimentos espontâneos imediatistas, que a crise económica tenderá a agravar cada vez mais, conduzindo inevitavelmente à utilização de meios repressivos para os eliminar.

A correcção dos graves erros cometidos neste domínio, só será possível, recuperando o entusiasmo e adesão das massas trabalhadoras, do 25 de Abril, o que exigirá a autocrítica dos responsáveis, nomeadamente dos militares, acompanhada de um amplo esclarecimento nacional sobre esta matéria.

3 — Aproveitamento das capacidades produtivas instaladas e das potencialidades naturais.

A crise do sistema capitalista internacional, a que se adiciona a crise nacional, criaram fortes retraimentos do consumo de vários bens e produtos, originando uma quebra na utilização das capacidades produtivas instaladas. Desencadeou-se deste modo um processo de degradação acelerada da situação económico-financeira das empresas, que levou o Estado a criar mecanismo de intervenção para salvaguarda do interesse da economia nacional e do equilíbrio social. O prolongamento da situação de recessão vai afectar um número crescente de empresas tendendo a provocar uma reacção em cadeia, que a partir de certa extensão se tornará incontrolável.

Na situação presente, atinge já valor extremamente elevado o encargo suportado pelo tesouro público para pagamento de salários sem contrapartida na produção, pelo que se torna incompreensível o não aproveitar integralmente as capacidades produtivas existentes, uma vez que os encargos fixos estão a ser, ou foram já, suportados. Quer isto dizer que seria mais útil que os meios financeiros aplicados no pagamento desses salários improdutivos, fossem destinados a fomentar o consumo de produtos e bens essenciais no mercado interno e/ou na compensação da taxa cambial mais adequada à colocação da produção nacional nos mercados externos. No caso da exportação não será suficiente esta prática pois torna-se indispensável desburocratizar e dinamizar os organismos estatais de exportação manifestamente inadequados à elevada participação do Estado na economia nacional.

À parte o desaproveitamento das capacidades produtivas apontado, tem vindo a verificar-se um sistemático desprezo na utilização e desenvolvimento das potencialidades naturais, designadamente no sector agrícola (em produtos hortícolos, frutícolas, agro-industriais,...) e no turismo de massas, ambas podendo envolver elevado número de postos de trabalho.

É neste domínio que devem centrar-se os esforços no sentido de delinear projectos para lançamento imediato que, contribuindo para a diminuição do grau de dependência nacional, visam a eliminação dos problemas sociais criados pelo desemprego e evitem que as disponibilidades financeiras sejam aplicadas sem contrapartida na criação de riqueza. É neste tipo de projectos que devem ser aplicados os financiamentos programados para os grandes projectos capital intensivos, já que o nível de riqueza do nosso País aponta para modelos de economia cujos padrões de consumo e processos produtivos não podem ser iguais aos dos países da Europa Ocidental em que os rendimentos «per capita» ser 3 a 6 vezes superior ao nosso. Acontece até, que, dadas as incertezas, levantadas pela actual crise, quanto ao modelo de crescimento das economias capitalistas e à qualidade de vida que lhes está associada, provavelmente estaremos em melhor posição para iniciar a

Continua na pág. 4

Nacional

Encontro Ibérico de Cinema

Cineastas protestam junto de fraga Iribarne

PORTO, 19 (Por JORGE LEITÃO RAMOS) Com um violento telegrama a Fraga Iribarne e ao ministro de Informação e Turismo do Estado espanhol, exigindo a libertação do realizador Antonio Bardem, e solidarizando-se com a sua luta, abriram estas conversações cinematográficas luso-espanholas; com um comunicado prometedor (mas não muito) terminaram ontem.

Durante quatro dias alguns cineastas, críticos e cineclubistas de ambos os Estados discutiram e conviveram em torno do cinema, expuseram dificuldades, projectos e esperanças, empreenderam uma primeira ponte de contacto permanente, trocaram experiências.

Quem esperasse que destas primeiras conversações saíssem coisas grandiloquentes como co-produções ou acordos concretos e imediatos veria goradas as expectativas. De parte a parte, e pelo menos enquanto o regime fascista vigorar sobre os povos de Espanha, não parece possível nem desejável que uma íntima colaboração institucional surja à luz do dia. Porém os contactos pessoais a nível de trabalhadores do cinema e de organismos democráticos encontram nestas conversações uma primeira porta entreaberta. Timidamente entreaberta, é certo, mas ainda assim possibilitando futuros empreendimentos que veremos se serão tão frutuosos quanto as intenções verbalmente anunciadas.

Como cinema quer dizer filmes, concretamente, pode adiantar-se ter sido esta uma falha destas conversações. Do lado espanhol uma película menor foi exibida, enquanto do lado português se ficou por filmes já exibidos comercialmente. Uma excepção, apenas, se ficou a dever a Fonseca e Costa que, chegado directamente de Paris no sábado, fez passar uma cópia (que ele classificou de «super-zero», dadas as deficiências laboratoriais) da película «Os demónios de Alcácer Kibir», a que brevemente nos referiremos, numa primeira abordagem, nas páginas do «DL», mas que para já se avisa tratar-se de uma obra a todos os títulos singular no cinema português, o que, aliás, não escapou aos seleccionadores para Cannes. Neste momento o filme de José Fonseca e Costa é, praticamente, exigido quer pela quinzena dos realizadores quer pela semana da crítica daquele festival, o que não deixa de ser extremamente revelador.

Entretanto, e para que conste, aqui fica arquivado o comunicado final destas conversações, elaborado por um secretariado provisório misto (cuja parte portuguesa é formada por António Pedro Vasconcelos, Seixas Santos, Fernando Matos Silva e um representante do Núcleo de Produção do I. P. C.); com o desejo de que para o ano, em Barcelona, nos encontremos de novo e cheguemos a concretizações por agora difíceis:

. «Ao finalizar as conversações ibéricas de cinema constituiu-se, com a aprovação da assembleia de assistentes, um secretariado composto por pessoas vinculadas e distintos sectores das cinematografias dos Estados espanhol e português. Este secretariado faz constar os seguintes pontos:

1 — Que o seu carácter é provisório pelo que a sua tarefa mais imediata é o aperfeiçoamento do mesmo incorporando novas pessoas representativas dos distintos sectores profissionais e entidades democráticas de ambos os Estados relacionados com o cinema e outras actividades culturais com base na criação de um secretariado definitivo.

2 — Que ao longo das conversações, e desde o primeiro momento, as pessoas assistentes estimam necessário um esclarecimento político preciso para a criação de vínculos solidários entre os trabalhadores de ambas as cinematografias.

3 — Que assumimos como primordial o estabelecimento deste secretariado com carácter permanente prévio à confirmação e designação democrática dos seus membros.

4 — que a relação entre os trabalhadores de ambas as cinematografias deve contribuir para a luta que os povos dos dois Estados desenvolvem para a prossecução da liberdade necessária para a realização efectiva dos seus objectivos comunais, profissionais e artísticos.

5 — Que este secretariado fica constituído no Porto, Lisboa, Madrid e Barcelona, e propõe-se como imprescindível a extensão destas delegações a todas as cidades de ambos os Estados.

6 — A necessidade de um intercâmbio permanente de informação que rompa a incomunicabilidade mútua que por razões governamentais nos foi imposta.

7 — A constituição em forma sólida de colaboração ao nível da produção e divulgação das cinematografias de ambos os Estados.

8 — Este secretariado une-se à solicitação da amnistia e das liberdades democráticas que neste momento exigem clamorosamente todos os povos do Estado espanhol.»

Semanário polaco comenta situação portuguesa

VARSÓVIA, 19 — «A nova Constituição Portuguesa é a primeira lei básica progressista aprovada democraticamente em Portugal, embora elaborada em difíceis condições de confrontação ideológica e de tensões políticas» — escreve o órgão dos juristas polacos, «Pravo i Zycie» (Lei e Vida).

«Durante o período da sua elaboração a nação portuguesa mostrou uma extraordinária maturidade. Tem sido bem difícil a luta desde a abolição da ditadura fascista, pois o que se procura é assegurar uma via democrática e progressista de desenvolvimento do País, rumo ao socialismo. Neste contexto, as três principais crises ocorridas depois de Abril de 1975 devem ser consideradas perfeitamente naturais e o seu resultado até agora inspira optimismo».

«As dificuldades do processo revolucionário podem criar ainda as mais diversas espécies de tensão, como já aconteceu no passado, que as forças reaccionárias não deixarão de tentar explorar para conseguirem atingir os seus objectivos.

«A democracia das eleições cria condições adequadas para tais actos. É por isso que a luta pela manutenção e alargamento das conquistas revolucionárias vai, sem dúvida, ser intensificada em Portugal, nos dias imediatamente a seguir — prossegue o semanário.

Mais adiante, o semanário comenta ainda: «A inclusão na Assembleia Constituinte de um número considerável de activistas progressistas, escolhido numa altura em que os anseios revolucionários surgiam à superfície, tornou possível dar à Constituição um cariz progressista e um conteúdo revolucionário. A linha ideológica de considerável número de deputados candidatos à Assembleia Legislativa pode ser descrita como mais de centro. Esta eventualidade é levada em consideração pelos dirigentes da Revolução Portuguesa e é por isso que a Constituição concebe poderes especiais ao Exército e ao Presidente.»

A concluir, a revista afirma que só agora Portugal entrou num período de verdadeira prova.

Campinos processa o "Expresso"

O Ministério do Comércio Externo e Turismo emitiu uma nota oficiosa onde se afirma que o ministro Jorge Campinos decidiu proceder judicialmente contra o semanário «Expresso». A nota oficial é do seguinte teor:

. «O semanário «Expresso» publicou na sua edição do passado dia 10, na rubrica *Gente*, sob o título «Conselheiros e Ministros Sim — Ma non Troppo», reproduzindo no «Jornal da Madeira», uma notícia em que se afirma que o conselheiro da Revolução major Vítor Alves e o ministro do Comércio Externo e Turismo, professor Jorge Campinos, durante uma recente deslocação ao Algarve, teriam, na «boite» Pony, na Quinta do Lago, consumido do «conhecido (e caríssimo) «champagne» francês «Don Perignon» e, no fim», «mandado pagar a elevada conta... ao Palácio de Belém.

«Nestas circunstâncias e dado que o «Expresso» não desmentiu convenientemente no seu número seguinte aquela falsa notícia, o ministro do Comércio Externo e Turismo decidiu proceder judicialmente contra aquele semanário. No entanto, solicita, desde já, a todos os órgãos de comunicação social que abram as suas colunas, de preferência antes das eleições de 25 de Abril próximo, à divulgação das provas que o «Expresso» queira apresentar.»

Relativamente ao desmentido a que se refere a nota oficiosa, lembramos que o «Expresso», na sua edição do dia 15, publicou uma carta do ministro Vítor Alves seguida de uma nota da redacção que passamos a citar:

«Apesar das nossas fontes de informação nos merecerem a maior confiança (e por isso publicámos a notícia) não temos razões para duvidar do ministro Vítor Alves». Em seguida, o «Expresso» anota dois pontos específicos que afirma expressamente rectificados: «Nenhum dos visados bebeu «champagne» D. Perignon; daqui infere o ministro Vítor Alves que nenhum dos visados afirmou que a conta seria mandada pagar ao Palácio de Belém.»

Os militares e a "Revolução Socialista Portuguesa"

Continuação da pag. 3

reconversão dos nossos hábitos de consumo.

A análise de carácter qualitativo, que se acaba de fazer a actuação desenvolvida até agora nas três áreas-chave escolhidas, não pretende mais do que apontar as graves contradições de que está recheada a «Revolução Portuguesa». A quantificação dos erros cometidos, já feita noutros documentos, mostra a urgência de fazer o balanço e escolher, de uma vez por todas, acabando com as ambiguidades, ou o retorno a um capitalismo ainda mais incipiente, ou a saída para uma sociedade mais justa.

Agora, como no 25 de Abril, no 28 de Setembro e no 11 de Março, é aos militares que cabe aproveitar a oportunidade que se lhes oferece para, reivindicando a sua qualidade de responsáveis pelo processo, imporem às forças partidárias as limitações que lhes permitam a eles marcar a rota e mobilizar e dinamizar a vontade das massas trabalhadoras para a construção da sociedade socialista que nada tem a ver com a propagandeada pelos «vendilhões da política» que em vez de procurar soluções para ultrapassar a crise económica, têm vindo a preferir utilizá-la como arma de chantagem política.

S.B.

13.12.75

P.S. — Este texto foi produzido em 13 de Dezembro passado e teve então uma divulgação restrita por não se considerar oportuna a sua publicação.

Passados que são praticamente três meses verifica-se que não só a deterioração da situação tem vindo a acentuar-se como continua a manter-se a incapacidade de determinar um centro de poder que, sem limitar as práticas democráticas, consiga controlar e relançar a instabilizada economia portuguesa, conduzida ao sabor dos acontecimentos fortuitos.

Face ao clima de divisionismo reinante na sociedade portuguesa de que as próprias F.A. são vítimas e denunciam não é pensável, a não ser em termos utópicos, a ultrapassagem desta situação através da entrega, em exclusivo, aos «políticos» da tarefa de definir e lançar o projecto de recuperação nacional, remetendo-se os militares a um apoliticismo que, perante as dificuldades presentes, poderá ser interpretado como uma fuga às responsabilidades num processo que eles próprios iniciaram e, pelo menos até agora, conduziram.

Que se pretenda devolver o poder ao Povo é desejável e necessário. Que se confunda essa devolução com a entrega, em exclusivo, aos políticos, é prematuro e perigoso. E isto porque se está a considerar viável a aplicação à nossa sociedade actual, instabilizada em extremo, de modelos de escolha e correspondente delegação de poderes (as democracias do tipo europeu) aplicáveis a sociedades com experiência histórica e vivência política, longamente sedimentadas.

A existência de uma autoridade militar apartidária é um dado permanente em qualquer regime político dos tempos modernos. Numa situação de instabilidade, a consolidação de uma prática democrática passa pela articulação dos mecanismos de decisão político-económicos com um centro de poder apartidário que, a não ser desempenhado pelas F.A., não se vislumbra quem possa vir a assumir esse papel. Poder-se-á interpretar que será assumindo essa difícil responsabilidade que as F.A. se resgatarão do papel de suporte ao regime fascista e ao colonialismo, origens próximas e remotas dos problemas que se abatem hoje sobre o Povo Português.

S.B.

Ainda a "Declaração da Direcção do D.N."

Relativamente à «Declaração» inserta na passada quinta-feira no «Diário de Notícias», da autoria da Direcção (Vítor Cunha Rego e Mário Mesquita), de resposta a uma moção aprovada na Redacção daquele matutino em que se alude «a práticas censórias» ali praticadas, os delegados sindicais esclarecem que «contrariamente ao que se afirma logo no primeiro parágrafo da dita «Declaração» (...) «não compareceram trinta e dois dos sessenta e sete jornalistas do «DN», mas sim quarenta e quatro. Trinta e dois era o número de presenças no momento de votar a moção, dado que, como é facilmente compreensível, alguns tiveram de ausentar-se por razões de serviço», havendo ainda a registar «casos de doença»

Acentua-se na nota que «acresce esclarecer que os delegados sindicais convocaram, por carta individual e com três dias de antecedência, todos os seus camaradas de trabalho que integram o corpo redactorial, tendo convidado, por duas vezes, oralmente, a Direcção a estar igualmente presente.»

Analisando a «Declaração», afirmam os delegados sindicais que «a Direcção classifica, como **segunda fase** de pretensa **táctica golpista,** o facto de delegados sindicais discutirem, no Sindicato dos Jornalistas, o que qualificam de censura interna no «Diário de Notícias». A este respeito, os delegados esclarecem «que a sua actuação se rege pelo capítulo VI, secção I, artigo 56.º dos Estatutos do Sindicato dos Jornalistas, onde nos parágrafos 2.º e 3.º se afirma ser «da competência dos delegados sindicais.»

E mais (segundo os Estatutos do SJ): «Manter a ligação entre os sócios que enquadram o Sindicato, informando obrigatória e imediatamente a Assembleia Geral, a Direcção, o Conselho Técnico e todas as comissões de carácter permanente, sobre o não cumprimento do Contrato Colectivo de Trabalho, dos estatutos e eventuais violações à liberdade de Imprensa.»

Depois de outras considerações pertinentes, os delegados sindicais do «DN» exprimem «o mais enérgico repúdio pelo conteúdo da «Declaração da Direcção do Jornal», onde proliferam insinuações que, essas sim, consideramos torpes.»

«DN» AFIRMA NÃO HAVER CENSURA

O «DN», então, para demonstrar que não há censura política interna, afirma que até à sua edição de 14 do corrente o P.S. mereceu nas páginas daquele matutino 2295 linhas; o P.C.P., 2182; o P.P.D., 1466; o C.D.S., 1715; o P.D.C., 566; e a A.O.C., 200.

Entretanto, uma nota do S.I.P. do P.C.P. considera essa aritmética «um truque de algarismos». Citando:

«Julga a Direcção do «Diário de Notícias» que assim fica justificado o tom apologético e triunfalista das notícias e reportagens, realizadas por iniciativa do jornal, sobre actividades do P.S.; a remissão do P.C.P. para espaços desfavorecidos das páginas do jornal; as reportagens fotográficas, inclusive na primeira página, de iniciativas do P.S.; os títulos garrafais com mensagem de tipo propagandístico visando o mesmo partido; as entrevistas constantes com homens do Governo em que se fala mais de projectos partidários que das realizações governamentais; o editorial quotidiano em que a linguagem se disfarça de considerando anónimos para mais eficazmente veicular as posições do P.S. e da direita em atenta coordenação com o decorrer da campanha eleitoral; etc.»

Melo Antunes em Espanha

O ministro Melo Antunes fez neste fim-de-semana prolongado umas curtas férias.

Acompanhado pela família visitou Córdova, onde foi cumprimentado pelo alcaide da cidade, dr. Alarcón, visitando em seguida a mesquita e outros monumentos da cidade.

Após o almoço num restaurante típico do bairro da Judiaria, Melo Antunes prosseguiu a sua viagem por outras zonas andaluzas.

Nacional

Álvaro Cunhal no Alentejo

"O P.C.P. não pretende comandar o povo: vive com o povo, luta com o povo"

...«Nós, os comunistas, temos uma mesma política onde quer que actuemos, onde somos fracos e onde somos fortes, em todo o lado temos uma política de unidade com todos os portugueses e portuguesas que queiram juntar-se aos comunistas na luta para salvar a nossa Revolução, para salvar as liberdades, para salvar a Reforma Agrária e as outras conquistas da Revolução e para prosseguir o processo de consolidação da democracia portuguesa» — afirmou Álvaro Cunhal neste fim-de-semana em Aljustrel, numa concentração-comício que reuniu cerca de 6000 pessoas.

Relembrando o perigo representado pela situação antidemocrática que se vive em grande parte do território nacional, citando especialmente os Açores, o Nordeste Transmontano e mesmo distritos do Minho, das Beiras e do Centro, «onde praticamente são proibidas as actividades do P. C. e de outras organizações democráticas» Álvaro Cunhal referiu-se ao povo do Nordeste nos seguintes termos: «O Norte não é reaccionário, o Norte é progressista. Reaccionários são os caciques, são os senhores locais, são os grandes proprietários, são os grandes capitalistas que ainda tiranizam o povo do Norte, que não lhe permitem que ele exprima as suas opiniões, que lhe contam todas as histórias, as maiores falsidades, fazem-no acreditar em que os comunistas roubam as terras, roubam as mulheres, matam os velhos com um tiro atrás da orelha, fazem-no acreditar em toda essa mentira.»

. O secretário-geral do Partido Comunista Português, que teve um fim-de-semana de grande actividade, visitou ainda diversas outras vilas alentejanas.

No Torrão esteve numa concentração-comício com cerca de 1500 pessoas, na sua maioria trabalhadores agrícolas; em Ferreira do Alentejo outra concentração-comício reuniu cerca de 4000 pessoas, principalmente trabalhadores agrícolas, destacando-se uma grande participação de mulheres; em Ervidel centenas de trabalhadores rurais, em cima de tractores, aguardaram Álvaro Cunhal para o saudar; em Castro Verde Cunhal atravessou a vila a pé entusiasticamente saudado, até ao local do comício que teve cerca de 3000 pessoas a assistir; em Odemira onde falou também o jornalista Miguel Urbano Rodrigues, cerca de 5000 pessoas assistiram ao comício que o P. C. P. ali realizou. Cercal, Sines e Grândola foram outros pontos do itinerário político de Álvaro Cunhal. Em Santiago do Cacém a comitiva do P. C. P. foi forçada a uma paragem para a população saudar Álvaro Cunhal.

Em todos os comícios o secretário-geral do P. C. P. destacou a necessidade de uma grande maioria de esquerda para defender a liberdade do povo português e as conquistas da Revolução.

Sobre a política seguida pelo P. C. P., Álvaro Cunhal salientou no Cercal:

. «A nossa política é clara e creio que se há dúvidas o povo trabalhador, o povo português, mais não tem que perguntar aos comunistas e dizer-lhes: temos dúvidas sobre isto, ou mesmo parece-nos que isto não está certo. Se por parte dos trabalhadores há críticas à nossa actividade, podem ter a certeza que sempre que essas críticas apareçam, nós nos debruçamos sobre elas, vamos ver quem é que tem razão. Nós estamos sempre prontos para ouvir as críticas dos trabalhadores e se na nossa política há alguma coisa que os trabalhadores pensam que não está certa, pois que nos digam, porque vamos ver, discutir e encontrar a melhor maneira de defender os interesses dos trabalhadores. Da mesma forma em relação aos pequenos e médios agricultores, pois a reacção anda a envenená-los e a dizer-lhes que os comunistas são contra eles e, perante isto, nós dizemos que já aqui fizemos várias reuniões e tomámos a iniciativa de fazer encontros para que sejam os pequenos e médios agricultores a dizerem quais são os seus interesses e que querem que façamos para os defender. Se nos dizem que querem a fixação do preço dos produtos antes das sementeiras ou das colheitas, nós estamos de acordo. Se nos dizem que querem que haja garantia de escoamento da produção, nós estamos de acordo. Tudo isto para dizer que o nosso partido não pretende comandar o povo, luta com o povo e a ele está ligado. A nossa própria força vem do facto de que somos um partido que está ligado com todas as suas raízes ao povo trabalhador, é daí que nos vem a força, é daí que vêm as energias e é daí que nos vem a confiança no futuro.»

Eleições 76

Uma campanha diferente

Setecentos e oitenta e dois comícios e sessões de esclarecimento efectuaram-se em todo o País nos últimos sábado e domingo. A este total haverá que adicionar mais duzentos comícios e sessões de esclarecimento realizados na sexta-feira, o que eleva a cerca de mil o número de iniciativas políticas desta natureza concretizadas no longo fim-de-semana pascal.

Um pouco menos de um milhar de realizações partidárias no espaço de três dias contra mais de mil em apenas dois relativos, ao fim-de-semana anterior (10 e 11), assinalam um decréscimo na actividade dos 14 partidos que concorrem às eleições legislativas, justificada pelas comemorações religiosas da Páscoa.

Quanto ao total de comícios e sessões de esclarecimento até hoje realizados, ele eleva-se a seis mil cento e vinte e dois em catorze dias de campanha eleitoral. Calcula-se que, pelo menos, cerca de metade dos eleitores inscritos (seis milhões) tenha já sido directamente abrangido pela actividade dos partidos, sem contar, evidentemente, com a campanha eleitoral da Rádio e na Televisão.

A cinco dias do encerramento da campanha eleitoral, estes números revelam o enorme esforço que tem sido despendido pelos partidos em presença nomeadanente pelos de esquerda aos quais cabe a maior parcela de toda esta actividade política.

De todos estes dados, ressalta uma modificação da táctica de campanha em relação às eleições de 1975. Enquanto nestas últimas se optou, em larga medida, pela organização de grandes concentrações de massas, englobando num só comício populações de diferentes localidades e regiões, na presente campanha decidiu-se, inversamente, pela «descida» ao eleitorado, com candidatos e esclarecedores dispersando-se pelos mais diversos pontos do País e por um grande número de empresas e organizações populares.

Ao PCP (à frente dos restantes), PS e UDP tem cabido a maior actividade, o que revela a importância concedida pela esquerda aos resultados eleitorais.

AS TENDÊNCIAS

Com a proibição da publicação de sondagens à opinião pública durante a campanha, as tendências do eleitorado são ignoradas pela maioria da população. Tais sondagens, no entanto, vêm sendo realizadas pelos mais diferentes sectores — entre estes os próprios partidos concorrentes — e, embora quase secretas, influenciam as suas movimentações e reflectem-se nas cúpulas militares.

Para além do imediato — as legislativas — as oscilações para a esquerda ou para a direita do eleitorado influenciam também tomadas de posição a prazo um pouco mais longo, ou seja, quanto às eleições presidenciais que se seguirão. Reconhecidas por todos como da maior importância, não deixa todavia de ser sintomático que forças de direita iniciem desde já a colocação da tónica na votação de 27 de Junho (ou 4 de Julho), subtraindo um pouco as atenções dos resultados que na próxima semana serão conhecidos. E alguns observadores não deixam de pontuar a coincidência (pelo menos aparerente) deste novo sintoma da direita, com a revelações recentes em torno do «caso Spínola-Wallraff».

Num e noutro cado, porém, o eleitorado português encontra-se ante uma opção fundamental: o prosseguimento na via democrática e revolucionária aberta pelo 25 de Abril, ou o retrocesso que o aproximará (senão o lançar abertamente) aos tempos sombrios do fascismo.

E. R.

Independentes com o P.C.P.

Vitória da alternativa de esquerda exige unidade da esquerda

...«Pensamos que a vitória da alternativa de esquerda exige a unidade da esquerda, e que ela não se consegue com a divisão dos votos, mas com a sua concentração» — dizem os candidatos independentes do P. C. P. numa declaração conjunta por eles elaborada e distribuída quando duma conferência de Imprensa realizada no sábado passado, no Porto.

O texto dos independentes que figuram nas listas do P. C. P. é uma explicação das suas candidaturas. «Não se estranhará que homens de esquerda, há muito devotados em erguer a única barreira capaz de se opor à reacção e ao fascismo, que é a unidade de esquerda, estejam mais uma vez lado a lado, com os combatentes comunistas, que há longos anos vêm dando as mais duras provas de sacrifício pela liberdade e pela democracia» — dizem eles. «Durante 48 anos, o fascismo utilizou o preconceito anticomunista para esmagar as liberdades e explorar o povo português. E ainda hoje esse preconceito anticomunista continua a ser uma arma usada pela reacção e pela direita, para tentar atingir a situação democrática conquistada pela revolução de 25 de Abril. O avanço das forças de direita depois de 25 de Novembro ainda mais tornou urgente e essencial a unidade da esquerda. In meras medidas reaccionárias ao serviço da recuperação do grande capital, o aumento do custo de vida e a suspensão da contratação colectiva, os ataques à Reforma Agrária, no Sul, à lei do arrendamento rural e aos interesses dos pequenos e médios agricultores, no Norte do País, o terrorismo, os saneamentos à esquerda, a repressão sobre os trabalhadores e as suas organizações, a libertação de mais de mil agentes da ex-P.I. D. E./D. G. S. e dos implicados no 11 de Março, o regresso de capitalistas sabotadores — são alguns dos muitos exemplos que evidenciam o perigo que ameaça a própria situação democrática existente.»

. «É neste contexto que se inserem as próximas eleições para a Assembleia da República e, por isso, elas se revestem da maior importância, já que os seus resultados vão condicionar fortemente a evolução da situação política» — dizem os independentes, para quem se põem duas possibilidades: «ou triunfa uma alternativa de esquerda, ou a vitória eleitoral da direita significa o assalto ao aparelho de Estado e a liquidação da democracia.»

. O texto dos independentes lembra um pormenor que a muitos passou certamente despercebido. Nas eleições para a Constituinte, o M. D. P. precisou de uma média de 42.600 votos para eleger cada um dos seus cinco deputados, enquanto o C.D.S. precisou apenas de uma média de cerca de 27.000 votos para eleger cada um dos seus 16 deputados. Isto é, com menos do dobro da votação do M. D. P., o C. D. S. elegeu mais do triplo dos deputados.

«É em face da actual situação política que apelamos para todos os homens e para todas as forças de esquerda para reforçarem a concentração de votos no P. C. P., pois só o voto de todos os antifascistas no P. C. P., como único voto seguro na esquerda, poderá assegurar a defesa da situação democrática, conquistada com o 25 de Abril e consubstanciada, em grande parte, na Constituição política e recentemente promulgada, e o seu ulterior progresso, rumo ao socialismo.»

. O texto é subscrito por independentes candidatos pelo P. C. P. nos círculos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Porto, Aveiro e Viseu.

Arnaldo Matos em Moscavide

"Tudo o que os operários fizeram, fomos nós que lhes dissemos para fazer"

. «Sempre existiu a santa aliança PS-PCP» — garantiu Arnaldo Matos num comício do MRPP este fim-de-semana em Moscavide. O secretário-geral daquela organização referia-se às controversas relações entre os dois maiores partidos da esquerda em Portugal e atacou-os com uma grande violência verbal. Pronunciou-se, muito desfavoravelmente, aliás, em relação à generalidade dos partidos concorrentes à presente campanha eleitoral.

PS e PC — «Foram — disse — os que se levantarem sempre contra todas as lutas dos operários e dos camponeses, através de uma actuação nefasta e sinistra». Por isso — acrescentou — «é preferível uma aliança CDS-PPD a uma maioria de esquerda PS-PCP». Todavia, criticou pelo menos o CDS. «O CDS diz que quer governar quando já governa desde 1926. Já conhecemos os seus ministros e os seus deputados. Eles dizem que são um partido da oposição, e nós dizemos que são um partido da situação».

Todos os partidos excluídos, restavam dois, o MRPP e a AOC Arnaldo Matos disse: «A AOC, que tem um programa de culinária, é um partido a soldo do imperialismo americano, o que no entender do secretário-geral do MRPP, não impede aquela organização de «fazer também o jogo do social-imperialismo». E porquê? — «Porque, em vez de o atacar em termos políticos, fá-lo em termos folclóricos». Classificou ainda a AOC como o «melhor braço do partido de Cunhal». Quando a AOC diz que nunca se vergou — afirmou Arnaldo Matos — está a falar verdade, porque nunca levantou a cabeça».

Sobre o próprio MRPP. «Nós somos hoje o grande partido da classe operária. Tudo o que os operários fizeram desde 25 de Abril, fomos nós que lhe dissemos para o fazer».

Manuel Serra em Beja

«Então os americanos e os capitalistas europeus são alguma instituição de caridade?» — perguntou Manuel Serra no sábado em Beja, durante um comício da F. S. P. O primeiro dirigente desta organização falava dos auxílios estrangeiros, que verberou com violência. «Não precisamos da ajuda dos americanos» disse Serra. «Os americanos, assim como os países capitalistas europeus nada nos emprestam. Eles investem para continuarem a explorar-nos. Vejam-se as condições em que esses empréstimos se fazem.» E mais duas perguntas: «Porque não dizem os senhores ministros, quando vêem falar à Televisão, das condições em que esses empréstimos são feitos? Porque não nos falam dos juros que o povo terá de pagar, nem na desvalorização a curto prazo da nossa moeda que tais empréstimos implicam?»

. Noutro passo da sua intervenção, Manuel Serra abordou a Reforma Agrária. «Não foram os ministros que fizeram a Reforma Agrária» disse. «Foi o povo, foi o povo organizado, foram as massas trabalhadoras organizadas e conscientes que a fizeram.» Para Serra «defender a Reforma Agrária é defender a Revolução».

MÓVEIS
NÓRDICOS
MODERNOS
SÉCULO XVII
D. MARIA
LUIZ XV e XVI
IMPÉRIO
D. JOSÉ
D. JOÃO V
RENASCENÇA
Grande variedade em exposição
TROCAMOS MÓVEIS USADOS
Facilidades de pagamento
ARTIS
Rua Maria Andrade, 64
(Perto igreja dos Anjos)

Nacional

PUB

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL

CONVOCATÓRIA

De acordo com a alínea C, pontos 1 e 2, da proposta aprovada na Assembleia Geral realizada em 30 de Março do corrente ano, convoca-se a Assembleia Geral do Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Sul, para sessão extraordinária, a realizar no dia 22 do corrente Mês de Abril, às 21 horas, no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Rua Um, n.º 3 — Chelas, Olivais Sul, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Tomar conhecimento de uma comunicação da Mesa da Assembleia Geral
2 — Discussão e votação do Regulamento de Participação do SETS nas Convenções de Trabalho
3 — Discussão e Votação do Regulamento do Orgão de Delegados Sindicais.

Se na hora marcada não estiver presente a maioria dos sócios, realizar-se-á a sessão meia hora depois, com qualquer número de presenças.

Lisboa, 12 de Abril de 1976

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

Antero André Palma Antunes

PORTUGAL NA IMPRENSA SOVIÉTICA

A direita prepara um golpe se os resultados das eleições não satisfizerem os seus chefes

MOSCOVO, 19 (ANOP-APN) — O «Pravda» e outros órgãos da Imprensa soviética publicam hoje uma correspondência da Tass em Lisboa, sobre a marcha da campanha eleitoral no País — e salientam que a campanha está a tornar-se cada vez mais activa. A correspondência destaca o apelo para que a reacção seja repelida, feito pelo secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, no comício realizado no Porto. Os jornais soviéticos dão — relevo — às suas palavras no sentido de que a reacção está a actuar em várias direcções: procurando apoderar-se dos postos-chave na máquina de Estado, urdindo conspiratas para armar um golpe de Estado e, em muitas regiões do País, lançando mão da violência e do terror a fim de assegurar o seu êxito nas eleições, atingir o Poder e depois liquidar a Constituição e a legalidade democrática. A correspondência da Tass chama a atenção para a advertência de Cunhal de que não se deve subestimar o perigo real que representa a conspiração dos correligionários do ex-general Spínola.

O artigo «Bombas dos spinolistas e balas dos maoístas» de Igor Fessunenko, publicado no semanário «Literatrnaia Gazeta», tem como tema a actividade contra-revolucionária de Spínola.

Mal refeito do choque causado pelas revelações do «autor invisível» do seu livro «Portugal e o Futuro», Spínola viu-se novamente envolvido numa história escandalosa: o ex-general, que se julga um político perspicaz, mordeu a isca do jornalista ocidental-alemão Guenther Wallraff que tendo-se apresentado como representante de um grupo político da extrema-direita da RFA, manteve com Spínola negociações acerca da venda de grandes partidas de armas e da organização de um golpe militar contra-revolucionário. Após estas conversações, o jornalista ocidental-alemão chegou à conclusão de que, no Norte de Portugal, existe uma organização terrorista clandestina que recebe ajuda financeira dos círculos neonazis da RFA e se prepara para um levantamento armado, caso os resultados das eleições do dia 25 não satisfaçam os chefes spinolistas.

Fessunenko acentua que, em todas estas revelações sensacionais, não existe o mínimo exagero. Em toda uma série de distritos e, em primeiro lugar, em Braga, Bragança e Viseu bem como na ilha da Madeira, a campanha eleitoral decorre em ambiente de violência.

O artigo assinala que, na escalada da violência, participa o grupo maoísta MRPP.

A agudeza da situação torna as vésperas das eleições — escreve o autor — mostra o carácter oportuno e fundamentado dos insistentes apelos lançados pelo PCP para que todas as forças progressistas e democráticas se mantenham coesas a fim de repelir o fascismo.

O «Pravda» informa, ainda, os seus leitores de que o Conselho de Segurança da ONU começou a discutir a situação no Timor Oriental. O jornal comunica, entre outras coisas, ter usado da palavra, na reunião do Conselho de Segurança, o representante permanente de Portugal na ONU, que declarou que o seu Governo apoia as legítimas reivindicações do povo do Timor Oriental para que lhe seja concedido o direito à autodeterminação e para que cesse a ocupação militar estrangeira.

Vivas à FLAMA no aeroporto da Portela

FUNCHAL, 19 — A chegada dos componentes do Clube Desportivo Nacional a esta cidade, após um jogo no Continente a contar para o Campeonato da III Divisão, foi precedida de grave incidente no Aeroporto da Portela: apesar de terem o «O.K.» nos seus bilhetes de passagem, os jogadores foram «atirados» para a lista de espera. A reacção foi imediata: deram-se vivas à Flama, à independência da Madeira e gritou-se «Rua com a TAP da Madeira».

Recorda-se que os jogadores do Nacional são todos amadores e deveriam regressar aos seus empregos no dia seguinte ao do desafio de futebol. Daí, que não aceitassem inscrever-se na lista de espera.

O alarido que se verificou, então, numa das salas do Aeroporto da Portela, levou à rápida intervenção do intendente da TAP, que apresentou desculpas aos elementos da caravana (18 jogadores e um dirigente), prometendo-lhes que tudo faria para que regressassem naquela mesma noite ao Funchal. Tentar-se-ia, inclusive, meter a caravana no avião de uma qualquer linha estrangeira que tocasse a Madeira. As diligências, porém, não lograram êxito, e os jogadores tiveram mesmo de ficar em Lisboa, até à manhã do dia seguinte.

Entretanto, e a despeito dos vivas à Flama e à independência da Madeira, gritados pelos futebolistas mais exaltados, a caravana madeirense não se pode queixar da hospitalidade proporcionada em Lisboa pelos serviços da TAP: hospedagem gratuita no Hotel Penta, telefones à disposição de quem quisesse telefonar à família.

Quando na manhã do dia seguinte chegaram ao Funchal, esperava-os uma nova atenção das Relações Públicas da TAP: a companhia escrevera a todas as entidades patronais dos componentes da caravana do Nacional, apresentando desculpas pela chegada tardia dos trabalhadores. A culpa era sua, da TAP.

PUB

SINDICATO TRABALHADORES COMÉRCIO E SERVIÇOS DISTRITO SANTARÉM

CONVOCATÓRIA

AOS TRABALHADORES ABRANGIDOS PELO

C. C. T. ARM. MERCEARIAS | ARM. AZEITES, ARM. BATATA, EXP. FRUTAS

REUNIÕES EM 20/ABRIL

SANTARÉM na Inatel, às 21.30 h.
ABRANTES no Centro de Cultura Popular, às 21.30 h.
T. NOVAS na União Sindical, às 21.30 h.

Ordem de Trabalhos:

1 — INFORMAÇÕES
2 — DISCUSSÃO da proposta de revisão do C.C.T.

NÃO FALTES

A DIRECÇÃO

ZOOM ZOOM ZOOM

1971—BRITO & FINO, LDA.—1976

AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, 14 — LISBOA

NA PASSAGEM DO SEU

5.º ANIVERSÁRIO

vem cumprimentar e agradecer aos seus estimados CLIENTES, AMIGOS e FORNECEDORES, as atenções dispensadas, fazendo VOTOS para continuar a merecer a preferência com que tem sido distinguida.

A GERÊNCIA

PUB

C. P. — Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 6 de Maio de 1976, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bufete da estação de Barcelos.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 5 500$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C. P. a quantia de 1 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Barcelos
— Viana do Castelo
— Serviço Comercial da Região Norte
PORTO (SÃO BENTO)
— Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (SANTA APOLÓNIA)
— Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA - 2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar — LISBOA-2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração do bufete da estação de Barcelos».

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

3.ª VARA

ANÚNCIO

Faz-se saber que, por esta Vara, 1.ª Secção e autos de execução ordinária hipotecária — em que são: exequente — **José Joaquim de Moraes** (Visconde de Moraes) casado, residente na Rua Ramalho Ortigão, 47-1.º esquerdo, em Lisboa, e executado — **Johannes Joseph Alexander Makosch** — de nacionalidade Alemã, residente na Rua do Alecrim, n.º 65-2.º Dt.º, também em Lisboa, correm éditos de **20 dias**, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do dito executado, para no prazo de **10 dias**, decorrido o dos éditos, reclamarem, querendo, o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados, desde que, sobre os mesmos gozem de garantia real.

Lisboa, 1 de Abril de 1976.

O Juiz Corregedor
2.º Adjunto
(a) **Agostinho da Silva**

O ajudante de escrivão
(a) **José São Pedro Catarino**

VENDE-SE
ROULLOTE
3-4 pessoas—Tel. 23955
TORRES VEDRAS

Na NAZARE o DIARIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA BATISTA

Freitas do Amaral quer "nivelar por cima"

FUNCHAL, 19 — O C. D. S. realizou no último fim-de-semana um comício na Madeira.

À chegada ao Funchal, Freitas do Amaral impressionou: não se serviu da sala dos V. I. P.s, utilizando a escada rolante dos passageiros comuns.

Cá fora, era aguardado por centenas de automóveis. Por vários pontos por onde passou, a sua fala foi muito apreciada.

Todavia, ontem, no Largo do Colégio, onde decorreria um comício, Freitas do Amaral decepcionou: diz o povo que em vez de «homilia de cardeal», houve «conversa de sacristão».

Ao longo do comício C. D. S., com o Largo do Colégio à pinha, viria a ser defendida, mais uma vez, a necessidade de ser lançada na Madeira moeda própria, para que o arquipélago não sofresse com a crise económica que afecta o continente. Depois, um breve ataque ao P. P. D., «socialista na cidade» e que, no campo, defende a propriedade privada.

Por último, a palavra de Freitas do Amaral: que o C. D. S. era um partido baseado na doutrina social da Igreja e que, enquanto os marxistas procuravam «nivelar por baixo», o C. D. S. procurava «nivelar por cima» para que todos fossem proprietários.

Em Faro

"Por cada acusação que nos fazem mais dez ou quinze mil votos..."

«Por cada acusação que nos fazem são mais dez ou quinze mil votos que vêm parar direitinhos ao C. D. S, porque o povo português começa a estar farto do clima de provocação que é bem contrário ao seu pensar» — palavras de Diogo Freitas do Amaral, presidente do C. D. S., durante um comício desta organização este fim-de-semana em Faro.

O primeiro nome do partido do Centro considerou que o comício naquela cidade algarvia «demonstra» — disse — «a implantação do partido do Minho ao Algarve, e anula a ideia do País dividido politicamente em dois».

Galvão de Melo esteve presente, falou, e defendeu a tese de que houve não uma revolução, mas duas, ou antes, uma revolução e uma subversão. Nas suas palavras: «Em verdade não aconteceu uma revolução, mas duas. Uma, empreendida por militares patriotas de espírito aberto, desejosos de dar ao povo, ao seu povo, uma verdadeira democracia que pudesse juntar todos os portugueses à volta de um mesmo ideal, um ideal de dignidade humana. Esta era a revolução dos militares bem intencionados mas ingénuos. Simultaneamente, e tomando o passo à primeira, foi desencadeada não uma revolução, mas uma subversão. Não uma revolução para o povo e pelo povo mas uma destruição sistemática, brutal, das forças morais, administrativas, militares e económicas, com a finalidade de entregar a pátria dos portugueses ao imperialismo estrangeiro. Esta foi — disse — a revolução dos comunistas ao serviço de Moscovo.» Esta foi a revolução que Galvão de Melo disse que combateu «desde a primeira hora». Esta é a «revolução que continuo a combater, porque, embora muito abalada, ela ainda não está totalmente vencida. Ainda se ouvem vozes e se vêem gestos contrários aos interesses dos portugueses».

P.P.D. açoriano confessa

Órgãos de Governo próprios são ponto de partida para revisão constitucional

O Conselho da Revolução, na sua próxima reunião marcada para depois de amanhã, examinará o «Estatuto de Autonomia Político-Administrativa dos Açores», segundo conclusões elaboradas por uma comissão de análise que, no passado dia 15, entregou o seu trabalho ao Presidente da República. Embora para esta próxima sessão do C.R. estejam inscritos na agenda outros pontos de trabalhos — descolonização de Timor, situação política e serviço cívico estudantil —, é provável que a questão do estatuto de autonomia suplante os outros temas, com excepção para a situação política em Portugal, que envolve numerosas implicações na «ponta final» da campanha eleitoral.

Embora Mota Pinto, ex-deputado independente, que emparceirou na comissão de análise com o brigadeiro Sousa Meneses, Vitorino Nemésio, Miguel Galvão Teles, Álvaro Monjardino, João Salgueiro e Carlos Bettencourt, tenha afirmado existir «completa harmonia entre o projecto de estatutos e o texto da Constituição», algumas «nuvens negras», adensam-se sobre o problema, apontando para a autodenominada Frente de «Libertação» dos Açores (FLA) e para partidos acusados de com ela manterem intima ligação nomeadamente o CDS e o PPD.

O PRIMEIRO PASSO

Surgem indícios reveladores de que, para um e outro, a solução agora em marcha com «Estatuto de Autonomia Político-Administrativa» não é tido em grande consideração (no que coincidem com as aspirações separatistas da FLA), servindo-lhes antes de primeiro passo, ou trampolim, para algo de mais vasto e muito mais grave: a revisão da Constituição, intento para o qual os dois partidos, mesmo depois de derrotados na ex-Assembleia Constituinte, não desmobilizaram.

É significativa a seguinte passagem de um texto da Comissão Política Distrital do PPD em Ponta Delgada, divulgado em 30 de Março último e transcrito no órgão oficial do PPD «Povo Livre», de 14 deste mês, no qual, depois de se referir à urgência da realização de eleições para a futura Assembleia Regional dos Açores (o texto em referência chama-lhe, significativamente, Assembleia Legislativa), a quem caberá escolher o governo local, confessa: **A experiência de funcionamento desses órgãos de governo regional será o ponto de partida para a REVISÃO DA CONSTITUIÇÃO, que, segundo o PPD, se deverá fazer quanto antes, ampliando nos termos devidos, as faculdades de autogoverno dos Açores. Portanto: «A LUTA CONTINUA!»**

VASTA OFENSIVA

O problema de autonomia político-administrativa dos Açores assume, assim, implicações muito mais profundas, transcendendo o âmbito regional, e integrando-se na vasta ofensiva da direita contra a institucionalização de algumas das principais conquistas do 25 de Abril.

De esperar, portanto, que a promulgação do Estatuto agora elaborado e enviado pela Junta Regional — e que o PPD exige que seja feita antes do 25 de Abril — não encerre a questão, antes abre um novo flanco na estratégia da direita.

Significativa é também a exigência do PPD para que as eleições regionais sejam separadas de quaisquer outras e se realizem **antes ainda das presidenciais, marcadas para finais de Junho próximo**, o que, na eventualidade de concretização da sonhada vitória da direita para a Assembleia Constituinte e, em seguida, para a Presidência da República, criaria todas as condições para o lançamento de um golpe institucional para a execução do qual a questão açoriana seria apenas uma parcela.

Afirma o PPD, no texto da Comissão Política Distrital de Ponta Delgada, que **o caminho fica aberto à nossa frente** e Sá Carneiro, referindo-se ao texto constitucional aprovado sobre a questão do regime político administrativo dos Açores e Madeira, adianta também que, **não é aquilo que nós defendemos e que os Açores desejavam e mereciam.**

E O CDS?

A estas posições do PPD, há que adicionar a atitude, e mesmo a acção do CDS, um e outro acusados nas colunas do «DL» (17/4/76), por membros da LAPA, de apoiarem a FLA, numa táctica que confere ao movimento separatista a sua forma exclusiva de poder político, já que o apoio que recebe das massas populares açorianas se baseia, exclusivamente, na acção intimidatória de caciques locais e dos seus caceteiros terroristas. Aliás, segundo os mesmos declarantes ao «DL», o CDS suplanta mesmo o PPD neste tipo de actividade, relegando para segundo planos o partido de Sá Carneiro. Um e outro disputam, no entanto, uma maior penetração e não é de mais realçar o carácter secundário deste «confrontozinho» e apontar-se com firmeza, para uma identificação de objectivos e pontos de vista.

Todas estas considerações terão de, inevitavelmente, de pesar nos debates que os conselheiros da Revolução deverão manter dentro de dois dias. A importância deste tema, que não pode ser dissociado (antes pelo contrário) da conturbada, poder-se-á mesmo dizer periclitante, situação política (militar) interna, justificará na opinião de fontes responsáveis um debate exaustivo e dominante, a menos que outras questões, nesta época em que os acontecimentos se precipitam venham a forçar um lugar predominante.

Para alguns elementos responsáveis da cena política e militar, outra hipótese poderá passar pela não promulgação do estatuto antes do 25 de Abril (portanto já na reunião do dia 21) o mesmo acontecendo quanto à realização das eleições regionais antes das presidenciais.

Conhecendo-se os interesses que estão, por detrás de toda a movimentação direitista nos Açores, e remetendo-nos ao texto constitucional sobre regiões autónomas uma só alínea do artido 230º, justifica a senha da reacção: **É vedado às regiões autónomas restringir os direitos legalmente reconhecidos aos trabalhadores.** Isto, se não se justifica tudo, constitui pelo menos, elemento de peso.

Sá Carneiro revela na Madeira

P.P.D. não apoiará Costa Gomes para a Presidência da República

Falando numa conferência de Imprensa no Funchal, Sá Carneiro afirmou que o P. P. D. não escolheria ninguém como candidato à Presidência da Rapública que propygnasse uma aliança P. S./P. C. P., «como fez, por exemplo, o senhor general Costa Gomes, mais do que uma vez».

O secretário-geral do P. P. D. foi mais claro ainda ao sublinhar que o seu partido apoiará por certo «um candidato da nova concepção democrática das Forças Armadas». Pôs, todavia, como condição saber previamente se o eventual candidato seria mais útil no seu actual cargo, ou na Presidência da República e apontou «a título pessoal» como possíveis candidatos os generais Ramalho Eanes e Pires Veloso.

Sá Carneiro esteve presente também no comício de apresentação dos candidatos a deputados do P. P. D. pelo círculo do Funchal. A apresentação foi feita pelo ex-redactor do órgão da A. N. P. na Madeira, Alberto João Jardim, actual director do «Jornal da Madeira», órgão da Diocese do Funchal.

A insatisfação pelo grau de autonomia fixado na Constituição para a Madeira e uma nostalgia pelo «nosso tragicamente perdido ultramar» como se expressou o advogado Pontes Leal, constituiram a tónica do comício do P. P. D.

C D S CONTRA O SOCIALISMO

Ao som do «Bailinho da Madeira», música usada como hino pelos separatistas madeirenses, o C. D. S. fez também a apresentação dos seus candidatos. Estava presente Freitas do Amaral, que atacou as nacionalizações e a Reforma Agrária, acentuando a posição anti-socialista desde sempre assumida pelo seu partido.

«A autonomia verdadeira com o C. D. S. na Madeira» foi a palavra de ordem mais frequentemente gritada pelos simpatizantes do partido do ex-assistente de Marcelo Caetano, dr. Freitas do Amaral.

C.N.E. tem "falta de meios"

"Mais lata actuação não lhe é possível"

Tendo tomado conhecimento — «quer publicamente, quer através das participações dos diferentes partidos» — das «lamentáveis violências de que se tem rodeado a campanha eleitoral que decorre em todo o país», a C.N.E., Comissão Nacional de Eleições, emitiu mais um comunicado informando das providências tomadas a propósito e apelando para o civismo da população.

A C.N.E. — diz — «tem participado esses factos às entidades competentes para os perseguir criminalmente, tem contactado com diferentes autoridades no sentido de, na medida do possível, serem prevenidos esses actos, e tem insistentemente pedido aos seus delegados assistência ao desenrolar das averiguações, por forma a serem descobertos os culpados e a proceder-se, o mais rapidamente possível, ao seu julgamento. De resto, mais lata actuação não lhe é possível, por falta de meios materiais para a concretização».

Segue-se, no texto, o apelo «para o civismo responsável dos cidadãos, em geral, e dos partidos, em particular, no sentido de serem respeitadas as leis, por forma a obter-se a maior regularidade possível até ao fim da campanha, tomando consciência de que as suas responsabilidades virão a ser-lhes exigidas, logo que devidamente apuradas.»

Uma chamada à atenção das autoridades policiais: — para a necessidade de, perante detenções quando de actos de violência ocorridos, «os detidos, acompanhados das respectivas participações, deverem ser remetidos aos tribunais, não devendo ser restituídos à liberdade sem o competente mandado de soltura.»

U.D.P. contra moção da Cintura Industrial

A propósito da recente aprovação, num plenário de comissões de trabalhadores e delegados sindicais da Cintura Industrial de Lisboa, de uma moção em que se exortam os trabalhadores presentes nesse plenário a aconselharem os seus camaradadas de trabalho presentes nesse plenário a aconselharem os seus camaradas de trabalho, dispersos por organizações de esquerda minoritária, a votar nas organizações maioritárias de esquerda, a U.D.P. emitiu um comunicado em que afirma não poder «deixar passar em branco», o que considera como «manobra» do Partido Comunista Português.

No ataque que no comunicado é dirigido ao P.C.P., afirma-se que este partido «se opõe ao prosseguimento e reforço do actual movimento grevista» e que «alinha com todos os outros partidos burgueses na defesa da chamada «tégua social» durante as eleições».

Depois de citar o argumento do Partido Comunista Português, de que votar nos partidos minoritários de esquerda não adianta porque não elegem deputados, o comunicado da U.D.P. diz que votar no P.C.P. «não é travar o fascosmo, é votar na conciliação com ele, na traição à luta do Povo «e acaba por afirmar que votar no P.C.P. é desperdiçar votos»...

Nacional

A Reforma Agrária na Beira Baixa

Quinta da Vargem
"A fruta é boa onde tudo vai bem"

Texto de LOURDES FERIA

Sentimos uma curiosidade subitamente imperativa em visitar a Quinta da Vargem. Na encosta Sul da serra da Estrela, perto de Unhais da Serra, está patente a ocupação feita pelos trabalhadores na base do argumento dô facto consumado.

A primeira terra ocupada no Norte do País. Parte do extenso latifúndio da família Garrett. Agora transformada em cooperativa agrícola funciona como um punhal cravado nas goelas da reacção. Objecto de reportagem do «DL» em Maio de 75. Na altura em que foi ocupada. Um ano depois decidimos ir ver como marchavam as coisas. Ali na Quinta da Vargem. Sobre ela correm os boatos mais contraditórios. Essa a razão por que não quisemos deixar de passar por lá...

RECORDANDO

Enquanto percorríamos a estrada de curvas apertadas em direcção à Quinta da Vargem, num esforço de memória, recordámos o processo da ocupação a que alguém chamou «exemplar». A ocupação veio na sequência da não satisfação do caderno reivindicativo por parte da entidade patronal. Esgotadas as formas de luta, um punhado de trabalhadores agrícolas, quase todos muito jovens, deram o «xeque-mate» ao latifundiário beirão. Um senhor, déspota e arrogante, que mandava prender os seus assalariados por ninharias.

Por exemplo: terem comido um pêssego tirado do pomar... Que contratava crianças na idade escolar para colherem a fruta. Pelo trabalho pagava-lhes tuta e meia. Obrigava os trabalhadores a aceitarem os salários de miséria porque todas as terras da região lhe pertenciam. A família Garrett é proprietária (ainda hoje) de cerca de 20 mil hectares. Os trabalhadores viam-se perante uma alternativa bicuda: ou vendiam a sua força de trabalho ao eng.º Garrett por um preço irrisório, ou ficavam no desemprego. Esta segunda hipótese significava a fome negra, a marginalização. Um trabalhador que recusasse trabalhar para o Garrett estava condenado à emigração, pois nunca mais arranjava trabalho na zona.

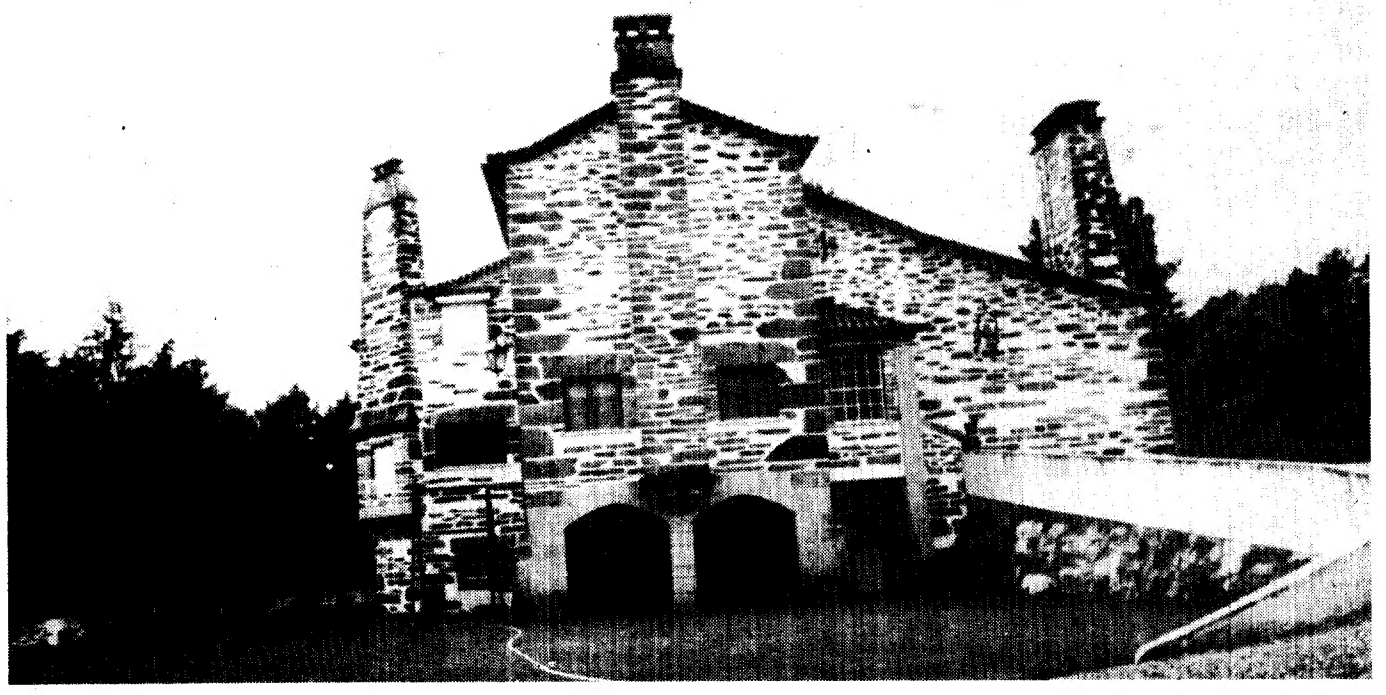
Acabou-se a exploração na Quinta da Vargem. No mês de Maio de 1975, quando a Revolução desabrochava (sem limites), os trabalhadores eventuais da Quinta da Vargem desencadearam um processo de luta, que se baseava num caderno reivindicativo e que culminou com oito dias de greve. O eng.º Garrett, figura grata do antigo regime, recorreu às mais hábeis artimanhas para dividir os trabalhadores. Tentou baralhar tudo. Apoiado por um delegado do Ministério do Trabalho, na Covilhã, que ainda não tinha sido saneado, jogou a sua última cartada. No entanto, o poder do senhor feudal já se aproximava da agonia. Os trabalhadores não se deixaram envolver em manobras e ocuparam a Quinta. Algum tempo depois o latifundiário fugiu para o Brasil...

Interrompamos as recordações. Num desvio da estrada, uma tabuleta indicava a entrada para a Quinta da Vargem. Então o nosso **olhar** abarca o presente. Deparámos com um vale lindo. Um pomar florido. Uma cascata. No cimo do monte escondido entre o arvoredo está o palacete onde o capitalista vinha, de vez em quando, passear o tédio. Quando os trabalhadores ocuparam a Quinta da Vargem, encontraram no solar onze caixotes cheios de loiças valiosas e pratas antigas. Ainda hoje lá continuam dentro do casarão que os trabalhadores não utilizam.

Um membro da Comissão de Trabalhadores disse-nos:

«Os caixotes estavam preparados para sairem do País. Nós não queremos aquilo para nada, mas achamos que não deve voltar às mãos do Garrett que, segundo consta, está no Brasil.»

As Forças Armadas contactadas, para decidirem o destino a dar aos caixotes, nada fizeram. De início, quando souberam da existência dos caixotes os trabalhadores desconfiaram que o recheio pudesse ser constituído por armas. Mas depressa se aperceberam que as suas suspeitas eram infundadas. Com uma pessoa da qualidade do Garrett nunca as precauções são de mais...



O palacete de Garret.

«TUDO VAI BEM»

A nossa visita à Quinta da Vargem foi rápida. Uma breve troca de impressões para fazer o ponto da situação. «Como vai isto por cá?» — perguntámos ao Oliveira, um jovem que se distinguiu na condução do processo de luta. Que nunca caiu no aventureirismo fácil. Que tem uma consciência muito clara da situação.

Calmamente, com um sorriso permanente nos lábios, Oliveira respondeu: «Vai bem. Não temos problemas económicos. Até estamos a pensar em aumentar os salários. Neste momento procedemos a um balanço das contas. Depois se verá...» Ao princípio, os trabalhadores contaram com um empréstimo do Ministério do Trabalho e serviram-se também do Crédito Agrícola de Emergência. Essas dívidas já foram pagas. Uma das preocupações da Comissão de Trabalhadores da Quinta da Vargem é a contabilidade. Acham urgente uma contabilidade rigorosa. Por sector — a fim de terem uma ideia das culturas que dão mais rendimento. Para o efeito pediram ajuda ao Centro da Reforma Agrária já há alguns meses. Até agora ainda não obtiveram resposta.

Por outro lado debatem-se também com dificuldades no escoamento dos produtos. Quando chegou a altura da venda da fruta, depois de estudarem várias hipóteses, tiveram de optar por uma via da qual hoje se lamentam. Os intermediários, que vêm colidir com os princípios orientadores de uma cooperativa gerida por trabalhadores. Que seguiu um processo de luta exemplar. Mas a da Quinta da Vargem, como outras tantas cooperativas, sente-se bloqueada nos canais de comercialização. E os trabalhadores não podiam deixar apodrecer a fruta que é uma das mais importantes fontes de riqueza que eles possuem. Vinte e sete hectares de pomar representam um bom rendimento na economia da Quinta da Vargem.

«Os intermediários aparecem aqui não com o intuito de nos apoiar. Eles já tinham relações com o Almeida Garrett. Comparámos as condições oferecidas pela Junta Nacional das Frutas e pela Cooperativa da Cova da Beira com as dos intermediários. Chegámos à conclusão que estes apresentavam condições mais vantajosas e fizemos um acordo: cinco escudos o quilograma de maçã. O contrato selou-se dois meses antes da colheita. Mais tarde os intermediários vieram dizer que os preços iam baixar. Perguntámos à Junta Nacional das Frutas se de facto era assim. Responderam que, pelo contrário, previa-se uma subida de preços. Então resolvemos vender à Junta Nacional das Frutas. Aqui a selecção é muito mais rigorosa do que no intermediário e isso prejudicou-nos. E havia três escalões de preços consoante a calibragem. Foi uma experiência muito má que nos pôs de pé atrás contra os organismos de Estado. Ainda mais: no negócio rejeitaram cerca de 30 toneladas a pretexto de que a fruta não era própria para conserva» — diz Oliveira.

Os trabalhadores da Quinta da Vargem sabem que estando à mercê dos intermediários, sujeitam-se a ser enganados. Acontece, porém, que a Cooperativa de Frutas da Cova da Beira não lhes oferece confiança, pois foi fundada por Almeida Garrett e outros grandes produtores da região. Alguns dos quais ainda lá estão inscritos. De cooperativa só tinha o nome.

INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA

A Quinta da Vargem tem um pequeno olival de 10 hectares, 35 mil bicas de pinhal, 600 ovelhas, 60 vacas leiteiras e 22 vitelas em criação. Nela trabalham 42 assalariados efectivos. E quando o serviço justifica, empregam outros tantos na condição de eventuais. Na época da maçã, a cooperativa chegou a ter 70 pessoas a trabalhar. «E os salários nunca faltaram» — acrescentou Oliveira. Dantes o Garrett afirmava que a herdade apenas podia comportar oito trabalhadores em regime fixo.

Os trabalhadores reunem-se todas as semanas para discutirem os problemas da cooperativa. Ficou assente que os lucros não seriam divididos, mas sim investidos no aumento de salários e em melhoramentos. As férias foram conquistadas. O décimo terceiro mês será a próxima regalia a conseguir. No aspecto de gestão definiu-se que se devia assegurar a independência económica da cooperativa.

«O Centro da Reforma Agrária queria fazer aqui uma vacaria (frisou Oliveira) com salas de ordenha. Por dois mil contos. Ora, quanto a nós, isso significava que podíamos perder a independência económica em relação ao Estado. Como não sabemos qual o rumo que a situação política vai tomar, recusámos os encargos da vacaria. Decidimos apoiar-nos apenas nas nossas próprias forças para que os progressos não sejam ilusórios.»

Ainda a propósito das relações com o Centro da Reforma Agrária, o membro da Comissão de Trabalhadores da Quinta da Vargem disse que «eles tentaram mandar mas desanimaram logo à primeira». Os trabalhadores vivem espalhados por três aldeias: Unhais da Serra, Paul e Eirada. Com os operários da fábrica de lanifícios Penteadora, propriedade do Garrett, apesar de este tentar criar divisões, estabeleceram-se boas relações. Instalaram em Unhais da Serra um posto de venda directa de queijo em ligação com a Comissão de Moradores da aldeia. Na Eirada, todavia, nunca os trabalhadores da Quinta da Vargem conseguiram impor um entendimento harmonioso. Da Eirada partem muitas vezes ataques e calúnias contra os trabalhadores agrícolas da cooperativa.

E pronto: abandonámos a Quinta da Vargem com a convicção de que tudo corria bem. Pelo menos no rosto de José Oliveira transparecia um saudável optimismo. E um riso permanente...

Os trabalhadores da Quinta da Vargem já não são explorados...

um livro duro cheio de ternura

2.ª edição

À venda

VASCO GONÇALVES

I discursos
I conferências
de imprensa
I entrevistas

O TESTEMUNHO POLÍTICO E MORAL DE UM GRANDE REVOLUCIONÁRIO.

Geral

Empregos em risco na Marinha Mercante

«Portugal dependerá, a breve trecho, de transportadores estrangeiros e o pessoal português será despedido», afirmou um elemento da comissão de trabalhadores (mar) da Companhia Nacional de Navegação, durante um encontro com a Imprensa em que foi focada a situação da marinha mercante nacional.

As perspectivas são «sombrias», disse-se. Com efeito, foram já abatidos ao efectivo dez navios, prevendo-se que, até 1985, a frota nacional fique desfalcada em 19 navios, originando uma onda de desemprego no sector.

«Numa conferência internacional, o ano passado, o representante português alinhou no grupo dos que preconizam que as marinhas dos países pobres devem reduzir-se, ficando o transporte marítimo entregue aos países ricos. Tudo leva a crer que será esta a política que vai ser seguida», alerta a comissão de trabalhadores da CNN.

A transformação dos navios nacionais não só evitaria o desemprego de muitos trabalhadores, como iria permitir ocupar os nossos estaleiros, que estão a passar por grave crise — propõem os trabalhadores, que asseguram:

«Argumentou-se que é de mais de um milhão de contos o pagamento de salários, e que o País está sem dinheiro. Mas perderá muito mais se entregarmos o transporte marítimo a estrangeiros.

CONFLITO NO «BEIRA»

Continua o conflito que opõe a maioria dos tripulantes do cargueiro «Beira» aos oficiais. Os tripulantes exigem que se proceda imediatamente às obras necessárias para instalar uma messe única no navio.

Este sistema vigora já nos restantes 26 barcos da CNN.

A comissão de trabalhadores da CNN, contactada pelo nosso jornal, considerou, no entanto, «especulativa» a hipótese, que chegou a ser levantada, do conflito vir a originar uma greve generalizada na Marinha Mercante nacional.

35 horas

Campanha para reduzir o horário de trabalho

. Jack Jones, secretário-geral do poderoso Sindicato britânico dos Transportes e Trabalhadores Gerais, lançou ontem uma campanha para a instauração das 35 horas de trabalho em toda a Europa.

Jones, por força do seu cargo um destacado membro do Congresso Britânico de Sindicatos (TUC), afirmou que «o objectivo devia ser uma semana de trabalho não superior a 35 horas em todas as indústrias, a ser atingido antes do fim de 1978.

O alvo final é reduzir o desemprego. O plano melhoraria a produtividade, mas não significaria uma redução no salário — acrescentou.

O dirigente sindical salientou ainda que não seria de agir unilateralmente na Grã-Bretanha, mas sim a nível do movimento sindical europeu.

Inter-Agro

Desvio de fundos pelos alemães leva o Estado a intervir

Por despacho conjunto dos ministros das Finanças e da Agricultura e Pescas, foi suspensa a administração da Inter-Agro, Sociedade Internacional de Valorização Agrícola Lda. empresa de capital alemão que se encontra em regime de autogestão.

Na sequência de um inquérito elaborado a pedido dos trabalhadores, constatou-se a existência de desvios de fundos da actividade corrente da empresa efectuados pela administração alemã, no valor de largos milhares de contos, e a prática de actos de má gestão lesivos dos interesses patrimoniais da firma e de seareiros fornecedores de matéria-prima.

A Inter-Agro deve à banca nacional a soma aproximada de 13500 conoos, a nacionais, cerca de três mil contos, e a fornecedores diversos cerca de 4700 contos. Em contrapartida, a firma alemã Silva Werke, também propriedade dos donos da Inter-Agro, deve a esta empresa cerca de oito mil contos.

A administração abandonou as instalações da empresa em Março do ano passado, para não mais regressar. No mês imediato, os trabalhadores da Inter-Agro entraram em regime de autogestão. No entanto, segundo despacho conjunto agora publicado no *Diário da República*, a comissão de trabalhadores «não revela capacidade de resolução dos problemas, tanto orgânico-estruturais como de gestão».

Actualmente, a situação económico-financeiro da empresa é de completo desequilíbrio, com tendência para se agravar. A Inter-Agro emprega cerca de 170 trabalhadores efectivos na sua fábrica do Cartaxo, e cerca de sessenta eventuais nos campos de Benavente e Valada. Da laboração da fábrica vivem ainda cerca de duzentos pequenos e médios agricultores, espalhados por uma área que se estende de Peniche a Canha, fornecedores da matéria-prima.

A empresa, que se dedica à valorização e industrialização de produtos agrícolas, tem um capital de dezasseis mil contos, 99 por cento do qual pertence a três sócios de nacionalidade alemã. A comercialização de produtos, na sua quase totalidade, era canalizada para o mercado externo.

"Liberdade sindical" dos trabalhadores do Estado

Os trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa, em reunião geral efectuada no dia 8, aprovaram uma moção em que protestam «firmemente contra a ingerência do Governo na vida sindical dos trabalhadores do Estado, os quais devem ter os mesmos direitos que quaisquer outros trabalhadores».

Na mesma moção, em que se considera «que os trabalhadores da Função Pública e das Autarquias Locais não viram até hoje garantidas as suas liberdades sindicais», exige-se a revogação imediata do Artugo 50.º da Lei Sindical. Mais exigem os trabalhadores da CML: «Uma legislação clara quenos dê garantias iguais a todos os outros trabalhadores, quanto aos direitos sindicais, direito à greve, etc., e que respeite os Artigos 57.º e 59.º da Constituição, segundo os quais a liberdade sindical e o direito à greve são garantidos a todos os trabalhadores sem qualquer discriminação».

Cintura Industrial de Lisboa oferece tractor a cooperativa transmontana

. Operários da Cintura Industrial de Lisboa entregaram ontem à Cooperativa Agrícola «Os Pioneiros», freguesia dos Cortiços, distrito de Bragança, um tractor com o respectivo atrelado e alfaias agrícolas, comprado com o dinheiro quotizado entre aqueles trabalhadores.

Uma caravana composta de três autocarros e dezenas de automóveis deslocou-se de Lisboa e outros pontos do país à cooperativa transmontana, instalada numa herdade de 160 hectares, antiga propriedade de um arquitecto que, ao mudar-se para o Porto, a vendeu à Junta de Colonização Interna. Inaproveitada por este organismo do Governo fascista, a herdade foi ocupada em 31 de Julho pelo povo de Cortiços que criou também a cooperativa. A necessidade urgente de instrumentos de trabalho, levou os trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa a solidarizarem-se com aqueles trabalhadores do campo, comprando e oferecendo-lhes o tractor e demais instrumentos necessários.

. . Na cerimónia da entrega falaram o presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Seixal, um operário da Siderurgia Nacional, um trabalhador da «Os Pioneiros» e o eng.º Júlio Martins, da CRARA. Todos salientaram a importância da Reforma Agrária para a construção do socialismo em Portugal e a necessidade dos trabalhadores se solidarizarem para que o socialismo seja uma realidade no nosso país.

Ao desfile do tractor e de centenas de pessoas seguiu-se alegre convívio, regressando a caravana a Lisboa cerca das 19 horas.

Sindicato da Função Pública

Estatutos em discussão na especialidade

Ficaram definitivamente aprovados na generalidade os estatutos do Sindicato da Função Pública da Zona Sul, depois de os trabalhadores terem rejeitado em plenários as impugnações apresentadas em seis secções de voto.

No dia 6 de Março, por voto secreto, os trabalhadores da função pública aprovaram a constituição do respectivo Sindicato, Zona Sul, com cerca de dezoito mil votos a favor e pouco mais de trezentos contra. Simultaneamente, foi feita a votação dos estatutos que deverão reger o Sindicato, sendo aprovado o projecto proposto pela Comissão Directiva Regional Provisória (C. D. R. P.), com 7274 votos favoráveis, entre cinco projectos concorrentes.

Posteriormente, foram impugnadas as eleições em seis mesas de voto: Setúbal, Portalegre, Entroncamento e Lisboa (M. E. I. C., Ministério dos Transportes e Ministério da Agricultura e Pescas). Em plenários dos trabalhadores recenseados por estas secções de voto, realizados desde sábado até ontem, foram rejeitados em todos aqueles plenários os processos de impugnação.

A partir de agora e durante quinze dias será feita a discussão na especialidade dos estatutos da função pública, com base no projecto já aprovado na generalidade. A discussão será feita nos locais de trabalho e os resultados do debate serão coordenados pela mesa da assembleia constituinte, composta por um representante dos proponentes de cada projecto de estatutos.

As eleições para os corpos gerentes realizar-se-ão posteriormente, dentro dos prazos previstos na lei sindical.

O Sindicato da Zona Sul abrange cerca de setenta mil trabalhadores da função pública, de oito distritos do Sul do País.

Milhares de pessoas prestaram homenagem ao operário morto em Beja

BEJA, 19 — Cinco mil pessoas acompanharam o funeral do operário da construção civil, Manuel Pratas Palminha, nos três km até ao cemitério, constituindo o préstito a maior manifestação de pesar dos últimos anos, nesta cidade alentejana.

Manuel Pratas Palminha, pai de sete filhos, fora atingido no confronto entre populares e forças de intervenção da PSP, em Beja, no passado dia 3.

«O povo não se deixa vencer nem mesmo quando vê os seus camaradas assassinados», afirmava-se na moção da Associação dos Moradores do Bairro da Esperança, a que o trabalhador morto pertencia, lida antes do corpo descer à terra. Além desta, foi também lida uma moção da secção do Sindicato da Construção Civil do Distrito de Beja, a enviar ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução, exigindo a extinção do corpo de Polícia de Intervenção e de todas as forças mercenárias de repressão, e ainda a abertura de um inquérito aos acontecimentos. Ao mesmo tempo, são repudiadas as afirmações de que «existiam armas entre os manifestantes» e de que «foram os soldados a disparar sobre o povo» pois «tais mentiras só visam dividir o povo, encobrir os verdadeiros responsáveis e lançar a repressão sobre os antifascistas».

Por seu lado, o padre Gil Urbano, capelão do Hospital distrital e celebrante das cerimónias fúnebres, afirmou que «o direito à violência não é reconhecido a ninguém».

No funeral, fizeram-se representar vários partidos políticos de esquerda, sindicatos, comissões de moradores e trabalhadores e diversas organizações populares.

A comissão do Conselho Nacional da UDP distribuiu um comunicado em que, recordando o assassínio do padre Maximino e de Maria de Lurdes da Silva, afirma: «O povo saberá cerrar fileiras à volta dos seus mortos!». No texto, a UDP saúda também o povo alentejano na sua luta contra os grandes agrários e fascistas e o movimento em defesa da Reforma Agrária.

Sanimar

163 desmentem "calúnias e boatos"

. Desmentindo «calúnias, boatos e mentiras espalhados pela não identificada Comissão de Luta», 163 trabalhadores da Sanimar divulgaram um comunicado em que responsabilizam o Governo pelo não pagamento dos salários de Março, por ter nomeado «arbitrariamente uma Comissão de Gestão, nas costas de todos os trabalhadores, ignorando os princípios e as propostas democráticas, múltiplas vezes por eles defendidos».

Por outro lado, os trabalhadores da Sanimar afirmam que continuam a ser os mesmos dez elementos que constituem a Comissão de Trabalhadores, contrariando deste modo notícias postas a circular pela «Comissão de Luta».

Outro ponto do comunicado refere-se ao não pagamento dos salários de Novembro de 1975: «Não foram pagos os daqueles funcionários bem instalados na vida, que fizeram greve nas lojas para apoiar o regresso do ex-administrador, contra a vontade dos seus camaradas de trabalho.»

E continua o esclarecimento sobre este ponto: «No que se refere a Fevereiro de 76, também só não foram pagos os dos mesmos boicotadores que se recusaram a marcar os cartões de ponto, conforme decisão tomada em plenário, norma esta que desde sempre foi praticada nas fábricas.»

A terminar, o comunicado desmente a violação da selagem das instalações.

Automóveis de luxo a prestações

O Governo aprovou uma proposta do Ministério das Finanças para introduzir alterações à portaria que proíbe a venda a prestações de automóveis ligeiros de passageiros de preço superior a 200 contos (considerados «de luxo»).

Assim, as firmas que detenham em «stock» automóveis desse valor deverão fundamentar «em propostas bem concretas e caso a caso» as condições que permitirão a sua venda a prestações.

O regime de pagamento inclui 50 por cento de desembolso inicial e 12 meses como prazo máximo para liquidação total.

Esta excepção funcionará transitoriamente, até que se esgotem os «stocks» dos veículos referidos, adquiridos pelas empresas antes da entrada em vigor da portaria.

As alterações agora introduzidas na lei em vigor constam de diploma publicado no «Diário da República», I Série, n.º 92.

Navio-escola "Sagres" numa regata internacional

No dia 11 de Maio o navio-escola «Sagres» partirá para uma das viagens mais importantes da sua história, como representante de Portugal na grande regata «Tenerife-Bermuda-Newport».

Esta regata, que reunirá cerca de 30 veleiros, terá como objectivo comemorar o bicentenário da independência dos EUA e reunir milhares de jovens de várias nações

Nacional

SOREFAME: DESEMPREGO AINDA

A indústria metalomecânica pesada portuguesa tem potencialidades muito grandes. As perspectivas a médio prazo parecem excelentes, sobretudo se arrancarem uma série de investimentos previstos. Entretanto, e a curto prazo, há algumas nivens no horizonte da metalomecânica, devidas nomeadamente à recessão económica capitalista internacional.

Com efeito, o nível de actividade neste sector é presentemente satisfatório, mas pode deixar de o ser a curto prazo se, nos meses mais próximos, não arrancarem os investimentos previstos ou se não se obtiverem algumas encomendas nos mercados externos.

A Sorefame é uma das maiores empresas do sector, empregando cerca de quatro mil trabalhadores. O que não significa que seja excepção à situação que acabamos de descrever, como se conclui, de resto, das declarações que nos foram prestadas pelo eng.º Eduardo Abranches de Magalhães, administrador da Sorefame.

Texto de J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

ABRANCHES DE MAGALHÃES: «ESTAMOS A SENTIR UM VAZIO BASTANTE GRANDE»

«A capacidade de produção da Sorefame não está, com efeito, neste momento, a ser utilizada nalgumas das suas divisões.

«Na metalomecânica começamos a sentir uma certa falta de carga, devido ao atraso no lançamento dos investimentos previstos, como é o caso das centrais de energia. Só agora foi lançado o concurso para a central do Pocinho; a central de Setúbal está atrasada no tempo do seu lançamento; e a barragem do Alqueva é um projecto que ainda está no seu ançamento inicial, o que significa que para a indústria metalomecânica só existirá um pouco mais tarde, de maneira que estamos a sentir aí um vazio bastante grande.

«O caso é idêntico no que diz respeito às empresas químicas previstas, onde está tudo pronto para ser lançado, mas na realidade só agora foi aberto o concurso.»

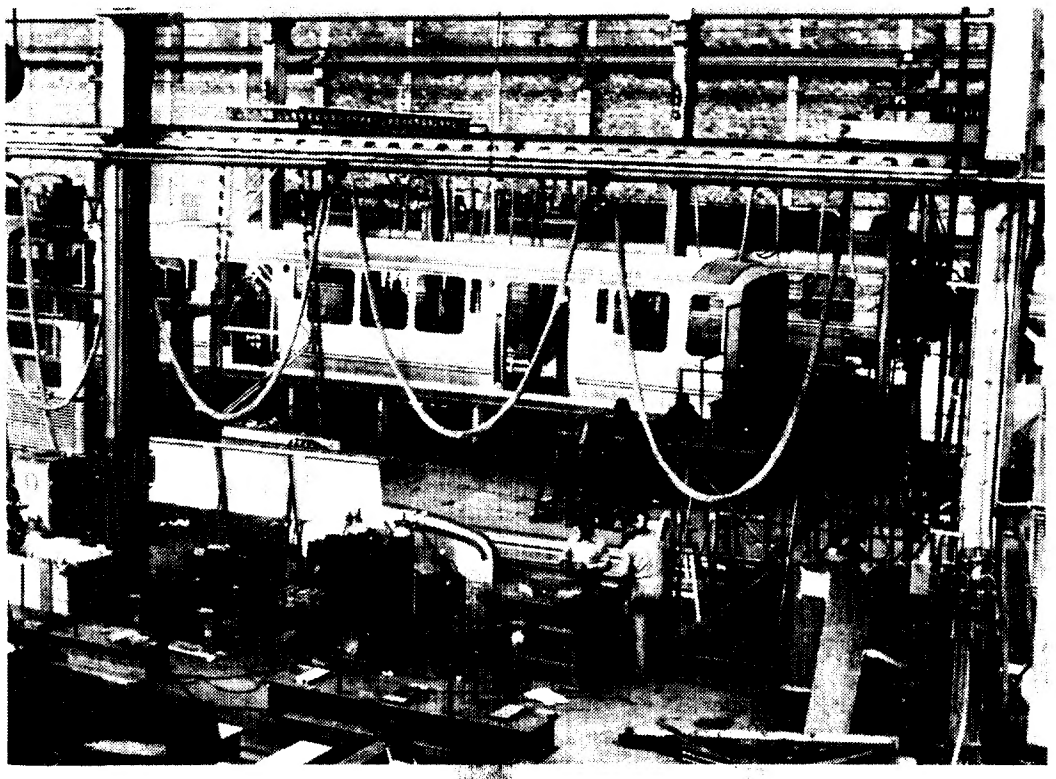
E o eng.º Abranches Magalhães prossegue, falando-nos agora do modo como se processa ainda a passagem de encomendas pelas entidades públicas:

«Na verdade, nada mudou ainda sobre a maneira como se processa a passagem de encomendas pelas entidades públicas às empresas públicas ou para públicas.

«Continuamos no sistema clássico dos concursos: a abertura do concurso, a apreciação das propostas e a decisão em função de determinadas coordenadas, ou determinados factores, mas não essencialmente dos factores de capacidade das diferentes unidades capazes de produzir aquele tipo de equipamento.

«Ora o que há a fazer é uma planificação de fundo, planificando o sector utente dos bens com o sector capaz de os produzir. E depois encontrar uma maneira de negociar os contratos, baseada em negociações directas com o sector. Assim acontece, por exemplo, em França, onde a electricidade de França, que tem duas linhas produtoras de energia, trabalha com duas linhas produtoras de bens de equipamento no que diz respeito a alternadores e turbinas, térmicas ou hidráulicas, e negoceia, caso a caso, alternando as suas encomendas ou distribuindo as suas encomendas de acordo com a carga de cada um desses produtores, e serve-se de duas tecnologias e não de mais porque de contrário não é possível promover o processo tecnológico. Com efeito, se se pulverizam as encomendas não se chega a adquirir a capacidade tecnológica suficiente para fazer face aos problemas de produção, que são cada vez mais difíceis, na medida em que os custos da produção sobem sensivelmente.»

A construção de equipamentos «off-shore», quer dizer de plataformas para a exploração de petróleo nos mares, atravessa uma crise desde que os países árabes inverteram a tendência para a alta do preço do petróleo. Sobre as repercussões desta situação na actividade da Sorefame, Abranches Magalhães sublinhou tratar-se «de uma actividade que está até em riscos de atravessar uma recessão muito grande, embora estejamos a procurar activamente no mercado internacional novas encomendas, para ver se conseguimos, a curto prazo, qualquer encomenda. Mas tudo indica que vamos entrar num período de crise nessa actividade».



Técnica muito avançada no material ferroviário circulante

Fortes posições no mercado externo

A Sorefame está associada ao grupo francês ALSTHOM, assim como a duas empresas brasileiras: a Barefame, empresa de montagens, e à B. S. I., empresa de metalomecânica, onde a Sorefame instalou um gabinete de estudos e um laboratório de Hidráulica, e onde assegura a direcção técnica. A Sorefame tem também contratos de licença no Brasil e na África do Sul.

Neste momento, a Sorefame está a procurar alargar todas as suas possibilidades de exportação, que se centram essencialmente na exportação de material ferroviário. Os primeiros clientes da Sorefame foram os E. U. A. A Sorefame forneceu, nomeadamente, material ferroviário para o metropolitano de Chicago. Este material é também exportado para o Brasil, onde o principal cliente da Sorefame é a Feposa. Para o Brasil a Sorefame fez os projectos das unidades triplas eléctricas e fará o fabrico das motoras, enquanto os brasileiros fabricarão os reboques, de acordo com o projecto da empresa portuguesa, isto no quadro de um consórcio formado pela Sorefame, pela Mapersa do Brasil e pela Aceque da Bélgica, que fornecerá uma parte do equipamento eléctrico. É importante sublinhar que o projecto deste empreendimento foi elaborado pela Sorefame.

Em Angola, a Sorefame possui duas empresas: uma é a Sorefame de Angola, um estaleiro naval no Lobito; e a outra é a Sorefame de Luanda, em associação com uma casa inglesa.

A Sorefame dedica-se ainda à exportação de equipamentos hidromecânicos para as barragens, actividade onde já tem uma longa tradição, exportando para inúmeros países em todo o mundo.

Uma actividade recente, infelizmente parece que com carácter fugaz, foi a actividade dos «off-shore» para o mar do Norte. A Sorefame teve duas grandes encomendas, que realizou em tempo «record». A baixa do preço do petróleo árabe e a recessão internacional reduziram, porém, consideravelmente, as actividades ao «off-shore», e, consequentemente também, as encomendas.

Num contexto desta natureza, o desemprego, ou o subemprego, terão já tocado a Sorefame? Abranches Magalhães diz-nos que não, precisando ao mesmo tempo que nas empresas deste género existe sempre uma certa inactividade, isto de uma maneira geral, digamos da ordem dos 2 a 3 por cento. Digamos que isto é corrente neste tipo de indústrias.

Propriamente inactividade de ter uma centena de pessoas sem trabalhar, diz-nos ainda o eng.º Magalhães, isso não existe neste momento, «mas pode vir a acontecer se não se concretizarem relativamente a curto prazo encomendas, o que pode suceder, e receio mesmo que isso venha a suceder. Já este ano haverá uma certa inactividade, sobretudo no segundo semestre, e tenho receio que a partir do ano que vem já alguma coisa comece a tornar-se excessivamente pesada nesta matéria de inactividade, sobretudo se tivermos que absorver uma parte do pessoal do «off-shore», já que não é de esperar que consigamos relançar a actividade «off-shore» com a intensidade que seria para desejar».

Entretanto, na Sorefame não se fica de braços cruzados à espera de novas encomendas que permitam preencher capacidades e evitar a inactividade e um eventual desemprego parcial. Pelo contrário, diz-nos Abranches de Magalhães:

«Nós temos uma actividade bastante intensiva de procura de novos mercados naquele campo em que somos já conhecidos.

«Nos equipamentos hidromecânicos nós estamos, neste momento, apresentando propostas que vão desde a Índia até à África do Sul. No material ferroviário, estão a aparecer agora mais hipóteses de colaboração e de encomendas.»

AS POSSIBILIDADES NOS MERCADOS DO LESTE EUROPEU

Q. . .«A tentativa de abertura aos mercados de Leste, infelizmente no que diz respeito aos equipamentos produzidos pela Sorefame não tem muitas hipóteses de se concretizar ao nível de encomendas. No fundo, somos um pouco concorrentes desses países. De facto, todos os países de Leste produzem material circulante de caminho-de-ferro, equipamentos hidromecânicos e equipamentos para centrais.

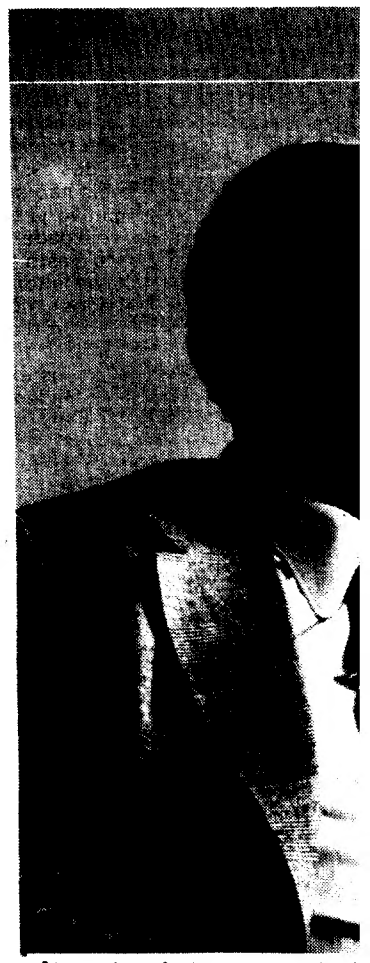
«Industrialmente, pois há até alguns países de Leste que são mais desenvolvidos que nós, como a República Democrática Alemã. No entanto, é possível uma colaboração com esses países mais desenvolvidos, que tenham falta de capacidade de produção, onde nós portanto poderíamos intervir como subcontratantes para o seu mercado próprio; e é possível também uma colaboração em mercados de exportação comuns, onde uma associação possa resultar útil, ou porque um possa ter mais penetração política, ou porque o outro possa ter mais penetração tecnológica.

«Em todo o caso» — prossegue Abranches de Magalhães — «nós continuamos a encontrar mercados possíveis na zona dos nossos mercados actuais, que são os países em vias de desenvolvimento, e também os países industrialmente avançados. Nós trabalhamos para a França em subcontratos para as centrais nucleares francesas, através da nossa associada ALSTHOM, e estamos agora a começar a entrar no mercado ferroviário americano, que é um mercado extremamente vasto. Estou convencido que esta primeira penetração no mercado americano é apenas o princípio de uma penetração mais substancial.»

GRANDES PERSPECTIVAS APESAR DE TUDO

Isso pode querer dizer que as perspectivas, a médio prazo, para a Sorefame podem ser francamente mais favoráveis do que as a curto prazo, quer da Sorefame quer da metalomecânica em geral. É também esta a opinião do eng.º Abranches de Magalhães:

«Estou absolutamente convencido que a indústria metalo-



Abranches de Magalhães: Nad... como se processa a passagem ... públicas às empresas ...

Nacional

NÃO, MAS...

Fotos de JOSÉ TAVARES

...ada mudou ainda sobre a maneira ...m de encomendas pelas entidades ...as públicas ou parapúblicas

mecânica pesada é das indústrias de grandes perspectivas em Portugal neste momento, isto se forem lançados os investimentos que se anunciam. E digo-lhe mais: se forem lançados esses investimentos a capacidade instaladora na metalomecânica não chega. O nosso próprio plano de investimentos, que portanto é um plano bastante ambicioso, terá que ser eventualmente ampliado e integrado num conjunto, porque eu suponho que uma das virtudes do sistema poderá ser exactamente a efectivação de um plano de desenvolvimento do sector de forma integrada e nacional, de modo que as diferentes empresas do sector sejam englobadas num mesmo estudo e que cada uma se desenvolva num conjunto harmónico. Estou convencido que todos nós teremos que investir largamente se quisermos na realidade fazer frente ao mercado que se nos abre com o lançamento dos investimentos referidos na siderurgia, nos aromáticos, nas petroquímicas, enfim, no próprio material circulante dos caminhos-de-ferro. Portanto o futuro, se realmente se passar do projecto à execução, a metalomecânica será um sector de larga actividade para os próximos cinco ou dez anos.»

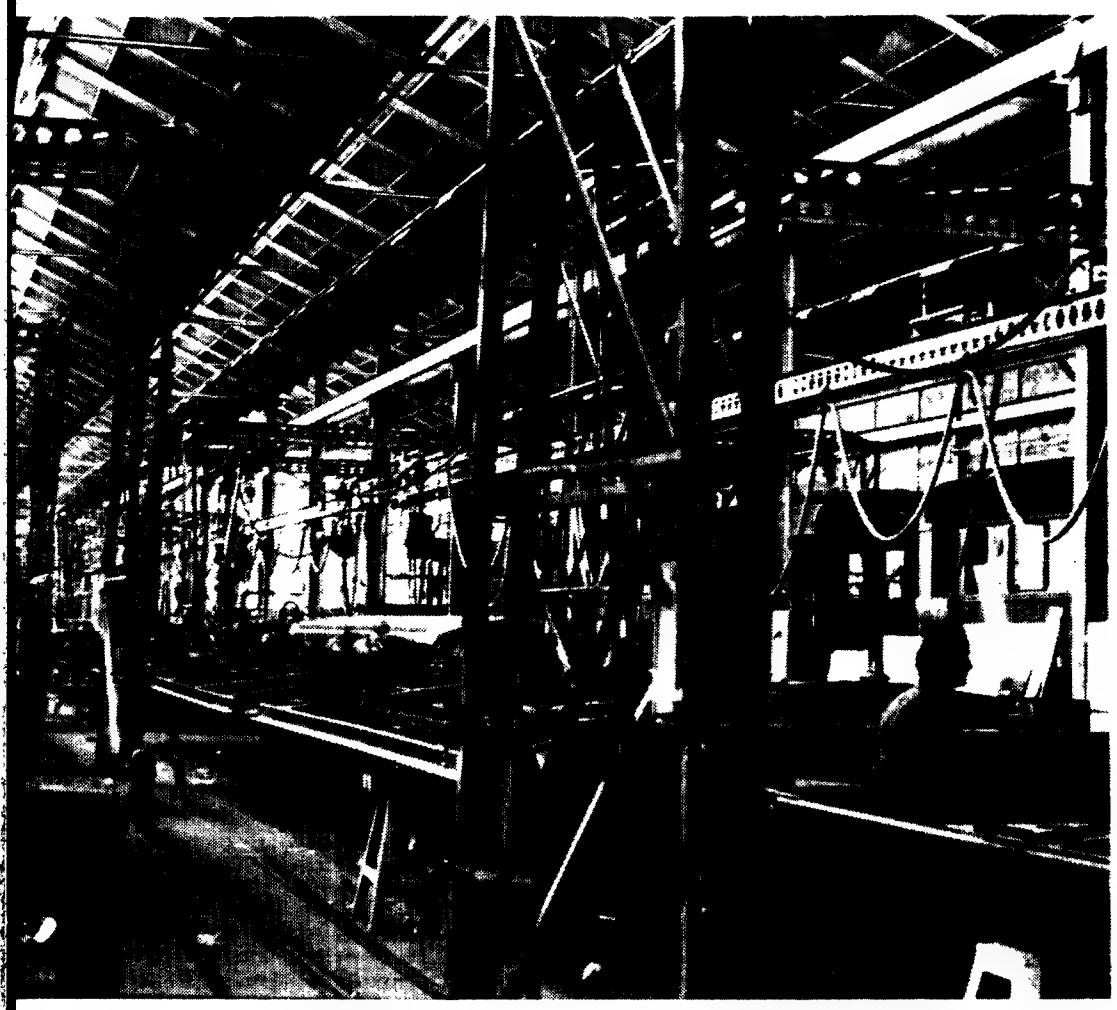
BOAS PERSPECTIVAS MAS

Admitindo, no entanto, que possa haver efectivamente alguns problemas no aproveitamento da mão-de-obra existente, em virtude da quebra de actividade em alguns sectores da Sorefame, haverá hipóteses de reconverter certos aspectos das actividades da Sorefame de modo a produzir novos equipamentos?

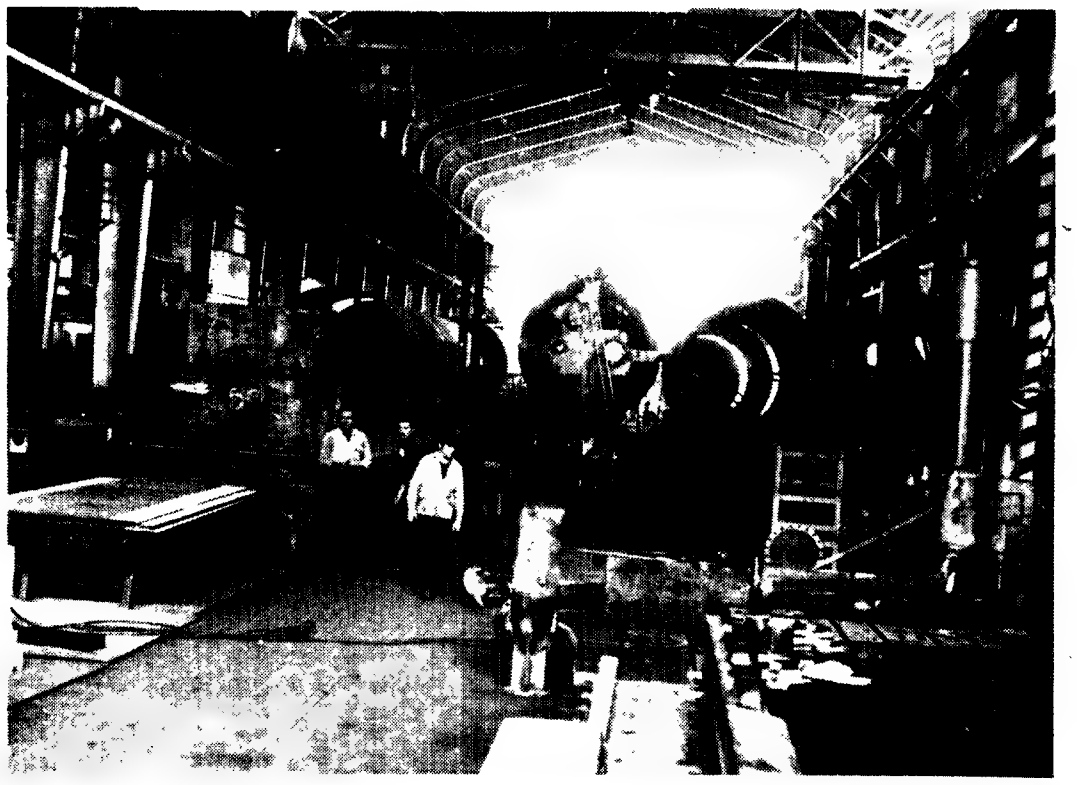
A esta questão, Abranches de Magalhães responde:

. «É claro que não terei muita facilidade em reconverter um soldador num carpinteiro. Mas, digamos que dentro da metalomecânica propriamente dita, a gama de equipamentos que com os recursos que temos se pode produzir é bastante grande. Quer dizer: nós temos, sempre dentro da metalomecânica, facilidade em passar dos equipamentos da química para as estruturas metálicas ou qualquer coisa desse tipo.

«O mesmo já não posso dizer das linhas de produção de equipamento para centrais, onde em determinado momento se definiu que deveria haver dois grandes produtores, a Sorefame e a Mague, e portanto aí á equipamentos pesados que são totalmente específicos e não precisariam de ter as dimensões que têm, se não fossem destinados a esse tipo de produção. Isto significa que haveria uma certa dificuldade em reconverter este sector. Mas em relação aos demais sectores já não vejo a mesma dificuldade na reconversão.»



Um aspecto das instalações da Sorefame



A gama de equipamentos que a Sorefame pode produzir é bastante grande

Um milhão de contos em 1975

A actividade da Sorefame está repartida por cinco divisões: a divisão de metalomecânica, na qual se produz essencialmente equipamento para centrais hidráulicas e térmicas; a divisão do material de caminho de ferro, onde se produz carruagens, automotoras e locomotivas; uma divisão chamada A Construtora Moderna, que será dentro em breve totalmente integrada na Sorefame, que é a divisão dos equipamentos industriais, onde se produz equipamento para as indústrias químicas, petrolíferas, petroquímicas, etc.; uma divisão de «off-shore» onde se produz equipamento, especialmente estruturas, para plataformas de exploração de petróleo; finalmente, a divisão de construções modeladas, onde se processam os estudos de edifícios para escolas: primeiro faz-se aí o estudo do projecto que, no caso de sair vencedor do concurso, a Sorefame toma a seu cargo, exercendo no fundo o papel de empreiteiro geral, fornecendo a escola completa. A Sorefame não constrói, porém, neste caso, o que quer que seja, pois subcontrata todos os elementos: os ré-fabricados, a montagem e todo o equipamento complementar da escola. A Sorefame está inserida num programa de reequipamento das infra-estruturas escolares quer com o M. E. I. C., quer com o Ministério das Obras Públicas.

A divisão de construções modeladas ocupa-se também do estudo de estruturas metálicas, que a Sorefame subcontrata, procedendo no entanto ela própria a instalação dessas estruturas.

No seu conjunto, a Sorefame atingiu um milhão de contos de facturação em 1975.

Neste momento está a realizar um plano de investimento intensivo, superior a um milhão de contos, num período de quatro anos.

As principais dificuldades da Sorefame resultam da empresa ter sido apanhada, numa fase de crescimento acelerado, pela crise do mercado nacional, pelas hesitações que se têm verificado no lançamento do plano de investimentos públicos.

As dificuldades do mercado interno, juntas à quebra verificada no mercado externo, criaram problemas sérios à Sorefame. Esta empresa pensava realizar em 1975 mais de dois milhões de contos de facturação, não havendo no entanto ultrapassado um milhão de contos, e dessa carteira de encomendas 65 por cento foi colhida nos mercados externos.

O capital da Sorefame, que é actualmente de 250 mil contos, vai ser dentro em breve aumentado para 400 mil contos, participado pelo Banco de Fomento Nacional e pelo associado francês da Sorefame, a Alsthom, não na totalidade da sua quota-parte, mas numa boa percentagem dessa quota-parte, assim como pela Fazenda Pública.

Relançar a pesca da sardinha

A Secretaria de Estado das Pescas acaba de publicar no «Diário da República» um despacho que foca os problemas referentes à pesca da sardinha, que envolve entre nós cinco mil pescadores, 200 barcos e representa cerca de 25 por cento das capturas desembarcadas.

No preâmbulo do diploma, aquela Secretaria considera a necessidade de racionalizar e relançar a pesca da sardinha e sublinha que «para além de medidas de carácter conjuntural, que terão de ser imediatamente tomadas, há que preparar outras acções de fundo destinadas à reestruturação da actividade, integração no sector e ao aumento da sua produtividade».

A reestruturação da actividade será feita no sentido de «assegurar níveis de salários aos trabalhadores que lhes permitam uma vida digna e segura; proporcionar apoio de instalações de frio à produção, por forma a poder utilizar-se a plena capacidade das capturas e garantir a estabilidade de preços aos níveis da produção, indústria e consumo, e assegurar que os mesmos sejam remuneradores e incentivadores, no interesse dos produtores e dos consumidores».

Para estes fins, o secretário de Estado, eng.º Pedro Coelho, nomeou dois grupos de trabalho (um para o Norte e outro para o Sul do País) que deverão apresentar um relatório referente às acções desenvolvidas e às medidas a propor.

A PESCA NO NORTE

Entretanto, o secretário de Estado das Pescas, eng.º Pedro Coelho, afirmou, no final da sua visita ao Norte, na semana passada, que Portugal se verá obrigado a alargar, unilateralmente, o limite das águas territoriais. Salientou contudo, que esta decisão cabe ao Conselho de Ministros.

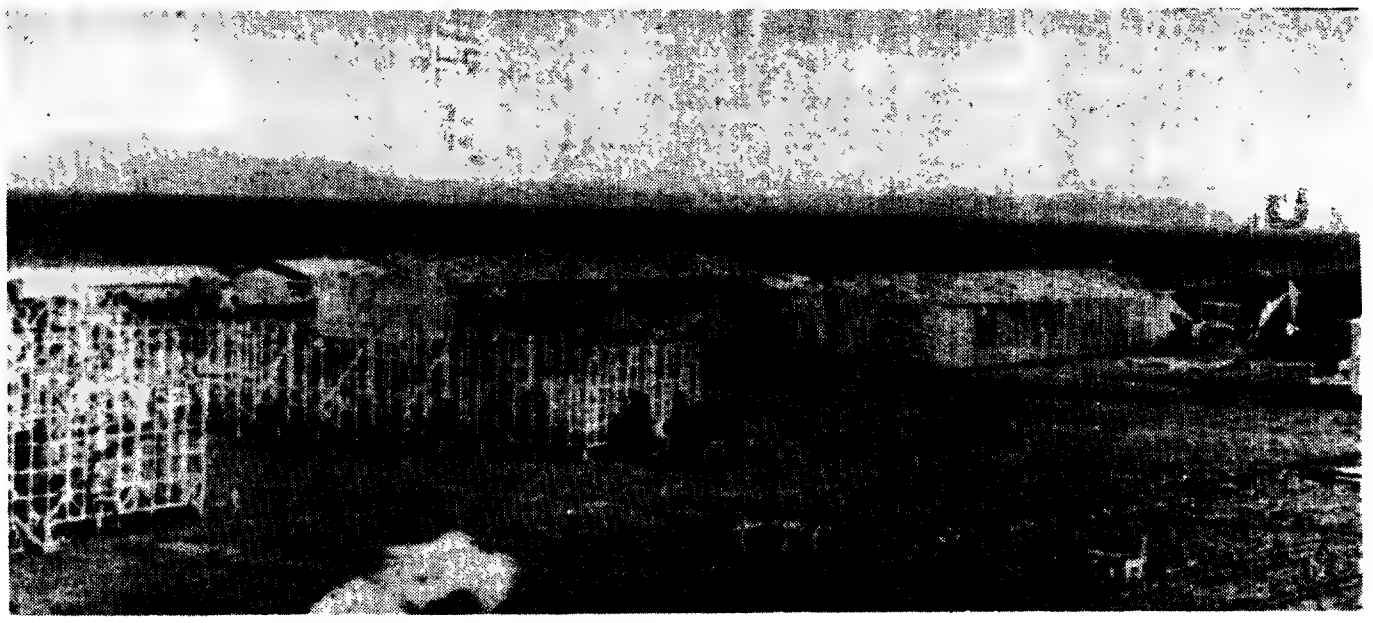
Referindo-se aos problemas da pesca na costa do Norte do País, o eng.º Pedro Coelho afirmou: «Um dos problemas da maior parte dos portos de pesca, quer dos portos de grande importância, nomeadamente Póvoa de Varzim e Vila do Conde, quer dos pequenos portos e das pequenas praias de pesca é justamente a dificuldade de entrada nas barras, nuns casos, e noutros a falta de abrigos, quando faz mau tempo, para recolha de embarcações, como e o caso de Vila Praia de Âncora, Esposende, e das pequenas praias, designadamente, Anjeiras e a própria Afurada.»

O secretário de Estado das Pescas salientou a importância das obras em curso no porto de Póvoa de Varzim, da ordem das centenas de milhares de contos, que incluirão uma parte comercial, outra de pesca e ainda uma de recreio, com instalações de venda, de frio e armazéns.

Durante a visita, o eng.º Pedro Coelho, reuniu-se em Matosinhos, com conserveiros, representantes do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias das Conservas, do Sindicato dos Pescadores da Póvoa, Vila do Conde, Porto e Matosinhos, e da Associação dos Armadores de Pesca de Sardinha. Nesta reunião foi decidido «arrancar com um grupo de trabalho para a pesca da sardinha e a indústria de conservas da zona Norte».

A exemplo do que já se realizou no Algarve, vão ser apresentadas ao Governo um corpo de propostas para que seja viável a indústria da pesca da sardinha e das conservas, a médio e longo prazo.

Geral



Campos de concentração que fazem lembrar os tempos bárbaros do nazi-fascismo europeu estão hoje espalhados por todo o Chile. A foto representa um desses campos, o de Dawson

Chile: balanço do fascismo

ABEL SARDIÑAS ("PRENSA LATINA")

Mais de 30 mil pessoas assassinadas, mil e quinhentas «desaparecidas», pelo menos 45 mil presos políticos e a utilização dos mais sofisticados métodos de tortura constituem o saldo repressivo da Junta Militar Chilena.

A isto soma-se a supressão dos mais elementares direitos dos cidadãos e a violação de cada um dos direitos humanos consagrados pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Este saldo repressivo conseguiram-no os militares fascistas que assaltaram o Poder no dia 11 de Setembro de 1973, através da implantação do estado de sítio e do recolher obrigatório permanente, e mediante a ilegalização e perseguição contra todas as organizações políticas e sociais, defensoras dos interesses da população chilena.

No plano económico, o quadro pode sintetizar-se pela quase total desnacionalização da economia, a maior espiral inflacionista do mundo, a desvalorização da moeda em mais de 250 vezes em relação a Setembro de 1973 e o crescimento notável da dívida externa.

Salvador Allende, o presidente constitucional do Chile, foi, ao mesmo tempo, o primeiro mártir e o primeiro grande herói da nova etapa que, contra a vontade popular, foi imposta à história chilena pelos militares golpistas.

Mas, logo desde o dia 11 de Setembro até à presente data, os assassínios, os desaparecimentos, as detenções em campos de concentração e a aplicação sistemática de torturas não acabaram ainda.

A revista norte-americana «Time» calculou em 1500 o número de desaparecidos, a Comissão Internacional da Cruz Vermelha e outros organismos coincidem em situar à volta de 45 mil os presos políticos, e o número de assassínios cometidos pela Junta, embora nunca exactamente estabelecido, situa-se de forma coincidente em aproximadamente 30 mil.

A tortura no Chile vai hoje muito mais além dos métodos tradicionais, e inclui, desde a aplicação de electricidade sob as mais diversas formas, até à violação de mulheres ou flagelação de menores na presença dos seus parentes mais chegados para lhes arrancar confissões.

Os torturadores chilenos recorrem, além disso, ao arranque de dentes e unhas com pinças, injecções de ar nos seios, introdução de ratazanas nas vaginas, torções de órgãos, obrigação de assistir a fuzilamentos e castigos infligidos a outros presos e violação de mulheres por cães amestrados.

Um grupo de trabalho designado pela Comissão de Direitos Humanos da ONU para investigar estes factos, não recebeu autorização para entrar no Chile. Esta recusa foi entendida como uma confissão tácita dos seus crimes por parte da Junta.

Luís Corvalán, secretário-geral do PC chileno, submetido aos piores tratamentos em diferentes campos de concentração desde fins de Setembro de 1973, suscitou a maior onda de solidariedade mundial. Para muitos, Corvalán é hoje, em grande medida, o símbolo do preso político chileno de qualquer tendência, que resiste firmemente ao tratamento arbitrário.

Apesar da pressão internacional, a Junta nega-se a libertar Corvalán, que considera o seu principal refém político, tendo inclusivamente recusado os recursos de «habeas corpus» apresentados a seu favor, e prendido advogados designados para a sua defesa. Presentemente está a submetê-lo a um processo judicial secreto, que pode implicar a condenação a pena de prisão perpétua.

Além da repressão política pratica-se no Chile aquilo que já foi classificado de «genocídio económico», e que se caracteriza pelo desemprego de cerca de 20 por cento da população activa, com uma inflação superior a 200 por cento até Setembro do ano passado; com a consequente descida de poder aquisitivo, o que originou uma situação de fome para vastas camadas da população.

Isto sem nos referirmos à anulação de numerosas conquistas sociais implantadas durante o Governo de Unidade Popular e cuja eliminação se repercute também no nível de vida dos chilenos.

A Espanha e a violência

A violência continua a ameaçar a Espanha. Quarenta anos depois dos «grandes cemitérios ao luar», as feridas da guerra civil continuam demasiado vivas para que se possa evocar sem receio aquilo a que se pode chamar os «riscos de explosão». A morte do industrial basco Angel Berazedi por um comando da E. T. A. não é o primeiro exemplo de violência ocorrido na Espanha do após-franquismo. As numerosas «execuções» de polícias pela F. R. A. P., e os excessos repressivos das forças da ordem, provocaram em tempo outras denúncias e outras chamadas de atenção.

O receio obsessivo de ver o país deslizar para o ciclo funesto do terrorismo e da repressão, nunca deixou de dominar os choques entrecruzados que há meses ameaçam a nova monarquia e a sua aposta «liberal». Essa dolorosa obsessão explica a mistura de crispação e de prudência que dá à actividade espanhola um rosto por vezes enigmático. Em Madrid, a política tem sempre algo de dramático.

No entanto, nunca um acto de terrorismo cometido a sangue frio provocou uma repressão tão unânime, inclusive nas fileiras da oposição. Dos comunistas aos socialistas, dos bispos bascos aos sindicatos, todos os sectores da opinião denunciaram, com particular solenidade, uma acção que, aos seus olhos, não é somente um crime mas também uma aberração política.

Sem contar com considerações morais elementares que por si só bastariam para condenar esse excesso terrorista, uma tal unanimidade da oposição democrática, explica-se bem. O momento parece mal escolhido para fornecer assim aos ultras e aos nostálgicos do franquismo a justificação para um novo endurecimento da repressão e para levar o próprio Fraga Iribarne a «declarar guerra à E. T. A.». O recente reagrupamento da quase totalidade das forças de esquerda e de uma parte dos democratas-cristãos, as mobilizações espectaculares registadas no País Basco ou na Catalunha, permitiam à oposição apresentar uma frente unida às resistências do aparelho franquista.

Submetido às pressões da extrema-direita, o Governo, incapaz de isolar o Partido Comunista, resignara-se a travar a liberalização, fazendo encarcerar vários dirigentes de esquerda. Essa «firmeza» anacrónica teria podido, a meio termo, fazer o jogo dos partidários de uma «autêntica ruptura democrática». Em todo o caso, com a condição de continuarem a administrar a prova do seu sentido das responsabilidades e do seu realismo, afastando-se da «subversão».

Pode imaginar-se a decepção sentida por homens alistados num «jogo» tão perigoso perante um assassínio que, agitando ao mesmo tempo receios e lembranças, faz, como é evidente, o jogo dos ultras. Estes, utilizando as técnicas habituais da amálgama, não deixarão de explicar que, em face das ofensivas sangrentas da E. T. A., a «firmeza» é mais urgente do que o liberalismo.

Ao regressar a Espanha após um exílio de quarenta anos, Salvador de Madariaga, figura célebre do antigo Governo republicano, não hesitou em declarar: «Se a monarquia fracassar, haverá uma guerra civil em Espanha.» O que é uma profecia bastante sombria.

© «Le Monde»

Escreve jornalista da EFE

Cubanos ajudarão a edificar socialismo em Angola

Os milhares de soldados cubanos destacados em Angola trocarão as espingardas por ferramentas e participarão na construção do socialismo naquele país africano — escreve Francisco Rubiales, da agência EFE, em telegrama divulgado pela Anop. Rubiales cita observadores de Havana em apoio das suas afirmações.

A decisão angolana de construir o socialismo já é oficial e foi divulgada pelos meios cubanos de imprensa. Recentemente a revista cubana «Prisma de Meridiano 80» incluiu declarações do primeiro-ministro Lopo do Nascimento, nas quais se expressava a intenção do seu Governo de construir o socialismo e se indicavam as múltiplas dificuldades que se levantam ao processo.

Os observadores fundamentam a sua opinião, entre outras razões no facto de, apesar da guerra ter terminado, não se ter notado qualquer movimento importante que revele o regresso das tropas a Cuba.

Para muitos cubanos, a verdadeira missão de ajuda a Angola inicia-se agora na difícil etapa da reconstrução. No domínio do ensino, por exemplo, Angola luta com uma terrível falta de professores, que torna extremamente precária a aplicação dos cinco anos de ensino obrigatório decretados pelo Governo. No domínio da saúde pública, a situação é igualmente desastrosa, pois só contam com 68 médicos para uma população de seis milhões de habitantes.

Ora as máximas possibilidades de Cuba para o auxílio a outros países situam-se nos campos militar, de saúde pública, educação e organização das populações.

Entretanto, sucedem-se os reconhecimentos da República Popular de Angola: a Zâmbia, um dos poucos países africanos que ainda não tinha reconhecido o Governo de Luanda, fê-lo na passada sexta-feira. No mesmo dia, a Malásia e a Indonésia reconheceram também o Governo do MPLA, que na véspera havia recebido o reconhecimento das Filipinas.

Enquanto isto, um telegrama da Anop anunciava no sábado que tinha sido preso em Luanda o advogado Gentil Viena, um dos 19 subscritores do manifesto da Revolta Activa. Segundo uma fonte citada pela Anop, outros elementos ligados à Revolta Activa e à Organização dos Comunistas de Angola, teriam sido presos.

A FP anunciou entretanto que um dirigente da ex-FLEC, coronel João da Costa, asseverou que os corpos de 1500 cubanos, mortos pelos «resistentes de Cabinda» nos últimos seis meses se encontram armazenados num barco frigorífico ao largo de Ponta Negra (Congo).

Por último, a revista «Businesse Week», porta-voz dos meios de negócios americanos, prevê que o Governo angolano se prepara para adquirir 51 por cento da produção petrolífera da Gulf Oil em Angola e tenciona depois controlar as filiais angolanas da Petrofina e Texaco.

MADEIRENSE MORTO EM INCIDENTE COM O CAPITÃO ANDRADE DA SILVA

FUNCHAL, 19 — Um madeirense de 20 anos foi na madrugada de ontem abatido a tiro pelo capitão João António Andrade da Silva, após discussão travada entre este oficial e um grupo de quatro indivíduos no restaurante «Avião Novo», no Funchal.

Após a discussão, que teria sido levantada à volta da Polícia Militar, cujo prestígio fora ofendido pelo grupo, o capitão saíu do restaurante e foi prontamente seguido pelos quatro indivíduos.

Cá fora, Andrade da Silva, que se se encontrava à paisana, advertiu os seus perseguidores — na ocasião eram quatro ou cinco — dizendo-lhes que se se aproximassem disparaaria. O aviso foi repetido duas ou três vezes, sem que o grupo se detivesse. Foi então que o oficial abriu fogo, atingindo mortalmente José Oscar Vasconcelos, de 20 anos, sem profissão. O alvejado acabaria por sucumbir no hospital, horas depois de ali dar entrada. A vala alojara-se no abdómen.

A discussão, que algumas testemunas consideraram azeda troca de palavras verificou-se, conforme referimos, no restaurante «Avião Novo», cerca das duas da manhã e o disparo ocorreria meia hora depois, junto ao fontanário do Largo do Poço.

O agente da PSP que tomou conta da ocorrência refere no breve relatório sobre o caso que observou a aproximação do grupo em direcção ao oficial e que ouviu este dizer «não se aproximem, que dispara.»

Em contacto com as autoridades militares, fomos informados, por altura do fecho desta edição, que a participação do caso ia a despacho do Governador, enquanto o capitão Andrade da Silva deveria ficar provisoriamente detido, como é normal nestas situações, tanto em relação a civis como militares.

Um porta-voz do Comando Militar da Madeira adiantou que o capitão Andrade da Silva deveria seguir muito brevemente para Lisboa, onde correrão os autos.

Em ALTER DO CHAO o DIARIO DE LISBOA vende-se na TIPOGRAFIA TRIUNFO, Rua do Álamo, 12

Estrangeiro

Tiroteio na Páscoa

Guerrilheiros bascos interceptados por uma patrulha da Guarda Civil

MADRID, 19 — (ANOP e R) — Um forte dispositivo de segurança policial e a não participação das forças políticas moderadas frustraram os planos para a celebração anual do ferido nacional basco.

Um grupo de guerrilheiros bascos que ontem se dirigia para Pamplona, a fim de participar nas comemorações festivas, foi interceptado por uma patrulha da Guarda Civil — anunciou a Polícia. No tiroteio que se seguiu foi morto um jovem activista e outro ficou ferido.

A Polícia revelou que os guerrilheiros lançaram pelo menos uma granada de mão.

Os jovens bascos que tentaram fazer demonstrações nas ruas de Pamplona, foram rapidamente dispersados pelas forças de intervenção da Polícia que os atacaram com bastões e dispararam balas de borracha, efectuando um número de prisões ainda indeterminado.

Poucos dos que se pretendiam integrar na manifestação conseguiram alcançar o local previsto para a concentração devido a barragens da Polícia que isolaram a cidade a partir da tarde de sábado.

Os planos para uma primeira grande celebração pós-franquista foram postos de parte há dez dias quando membros da organização separatista basca ETA abateram um industrial que tinham raptado.

Em sinal de luto, as organizações bascas com excepção da ETA desistiram de participar na reunião.

Entretanto, ontem, em Madrid, no final de quatro dias de reuniões da União Geral dos Trabalhadores (UGT), foi decidido lançar um apelo aos milhares de membros para lutarem contra a actual estrutura sindical, controlada pelo Governo.

A UGT, de ideologia socialista, convidou representantes de outros grupos sindicais subterrâneos a assistirem à sessão final do congresso.

Por outro lado, o primeiro-ministro Carlos Arias Navarro regressou ontem das suas férias da Páscoa para preparar um importante discurso político à nação que deverá ser emitido antes do fim do mês.

Arias Navarro, sob crescente pressão da oposição para apressar as reformas do legado autoritário do general Franco, talvez anuncie uma data para um referendo sobre reformas e eleições parlamentares antes do fim do ano — declararam fontes políticas dignas de crédito.

POSSÍVEL ENTRADA DA ESPANHA NA NATO

WASHINGTON, 19 — (ANOP) — As possibilidades de a Espanha entrar para O Mercado Comum e para a NATO estão a melhorar, informou ontem o jornal «Washington Post», citando fontes afectas as sedes das duas organizações em Bruxelas.

O diário acrescenta que os funcionários da defesa norte-americana crêem que o Governo da Espanha pós-franquista será capaz de obter o ingresso do seu país na NATO e na Comunidade Económica Europeia até 1980.

O artigo foca o problema da «debilidade» do flanco sul da NATO, devido à situação que atravessam a Espanha, Portugal, a Itália e a Grécia, embora, sublinhe que não existem previsões sombrias.

Põe também em relevo a melhoria de relações que se registou nos últimos meses entre os Estados Unidos e Portugal, embora o Governo deste país continue a proibir a utilização das bases dos Açores para o reabastecimento de aviões de guerra em rota para Israel.

Faz lembrar Lisboa durante a campanha eleitoral, mas trata-se de Bogotá, capital da Colômbia, cujos habitantes foram ontem às urnas. Quando ontem à noite se encerraram as assembleias de voto na Colômbia, a maior parte tinha registado uma fraca comparência de eleitores, por apatia e por ter chovido durante todo o dia. A contagem de votos deve ser lenta, porque cada uma das urnas de madeira tem de ser levada às instalações eleitorais pelas tropas de élite que fiscalizaram as eleições. A Colômbia, a par da Venezuela, é hoje um dos raros países sul-americanos a manter um regime democrático, dado que a maior parte deles está a ser administrada por juntas militares. (Telefoto UPI-TELIM-PRENSA).

Os estudantes franceses pedem o apoio dos trabalhadores

PARIS, 19 — (R.) — A França enfrenta uma segunda semana de agitação estudantil, após uma votação de dirigentes académicos a favor da continuação da greve contra as reformas do ensino preconizadas pelo Governo e de um apelo aos trabalhadores para aderirem aos seus protestos.

Representantes dos estudantes reuniram-se ontem em sessão em Toulouse e votaram a favor de um «dia de acção» de protesto, na sexta-feira.

A última de semelhantes manifestações, que se registou na quinta-feira passada, foi assinalada por recontros violentos com a Polícia de Choque de Paris.

Manifestações estão também pleaneadas para quarta e quinta-feira desta semana.

Os estudantes acham-se em greve contra reformas destinadas a tornar cursos universitários mais conformes com as necessidades económicas da França.

A conferência de Toulouse pediu a trabalhadores, protestando contra o desemprego, para se unirem aos estudantes contra a «repressão e chantagem» do Governo.

O envolvimento dos poderosos sindicatos da esquerda nos protestos estudantis constituiu um elemento vital na revolta de Maio de 1968 que quase derrubou o Governo. Contudo, até agora, os sindicatos têm mostrado pouco entusiasmo de participação activa na actual agitação. Os sindicatos não responderam ainda ao apelo de ontem para se juntarem aos protestos.

Para sublinhar a sua determinação de coordenarem os seus protestos com os de outros grupos sociais, os estudantes votaram também ontem a favor do envio de representantes a Montpellier, no Sul da França, em 29 de Abril, altura em que vinicultores deverão realizar uma manifestação contra as importações de vinho italiano mais barato.

Uma manifestação dos vinicultores na cidade próxima de Narbonne, no mês passado, teve como consequência a morte de um deles e de um guarda da Polícia de Choque.

A recente decisão de alargar os protestos registou-se após representantes dos 800 000 estudantes universitários da França serem informados pela subsecretária para as universidades, Alice Saunier-Seite, de que as reformas se concretizariam como estava planeado.

Caleidoscópio

■ CAIRO, 19 — (R) — O embaixador da Líbia no Egipto disparou várias rajadas de metralhadora às primeiras horas de hoje para expulsar cerca de 100 estudantes líbios antigovernamentais da sua embaixada — declararam dirigentes estudantis.

Multidões de estudantes pró-governamentais em frente da embaixada lançaram também tijolos para expulsar os manifestantes do edifício.

■ KINGSTON (JAMAICA), 19 — (R) — Os pretendentes ao antigo trono real brasileiro e o seu piloto sobreviveram a quatro noites passadas entre os destroços do seu avião ligeiro.

Funcionários da força jamaicana de defesa identificaram os sobreviventes como o príncipe e a princesa Audes de Orleães de Bragança, e o seu piloto, Roland Eletcher. Eram os únicos ocupantes do avião Cessna que se despenhou de 1700 metros de altura nas montanhas na passada quarta-feira.

■ DENVER (COLORADO), 19 — (R) — Um pirata do ar, que mantinha em seu poder dois reféns, foi hoje abatido a tiro, após ser transferido para um jacto em que deveria seguir para o México.

Roger Lentz, de 30 anos, de Marquette, Nebraska, foi morto a tiro, segundo se julga, por um agente do FBI. Os reféns saíram ilesos de toda a provação.

■ CIDADE DO MÉXICO, 19 — (ANOP) — Existem actualmente no mundo 645 milhões de pessoas em estado de pobreza total — revela o relatório anual do fundo das Nações Unidas para a infância.

Consideram-se em estado de pobreza extrema as pessoas a que cabem diariamente uma mepdia de 15 cêntimos de dólar para a sua alimentação.

■ PARIS, 19 — (R) — A Frente Nacionalista de Libertação da Bretanha (F.L.B.) reivindicou a responsabilidade das duas explosões ocorridas no sábado em Paris, uma das quais provocou estragos de vulto nos escritórios de uma companhia de seguros.

■ LONDRES, 19 — (R) — Uma delegação de guerrilheiros eritreus informou o presidente Idi Amin do Uganda que 5000 civis foram mortos na Eritreia, a província ao Norte da Etiópia, durante o ano passado, — anunciou a noite passada a Rádio Uganda.

A rádio captada em Londres, disse que uma delegação da Frente de Libertação da Eritreia e das Forças Populares de Libertação (FLE-FPL) disse ao presidente Amin que a Eritreia enfrentava uma guerra de extermínio.

Lleras Restrepo vence as eleições em Bogotá

BOGOTÁ, 19 (ANOP) — O ex-presidente liberal Carlos Lleras Restrepo que dirige o grupo da «democratização» já leva ampla margem de vantagem nas eleições intermédias para o concelho de Bogotá.

O Partido Liberal, está a triunfar amplamente em Bogotá sobre o conservador e os grupos de esquerda e da oposição.

Um dos factos mais notáveis é a queda vertical da Aliança Nacional Popular, partido que praticamente desaparece do panorama político colombiano.

Com cerca de 85 por cento dos votos contados em Bogotá, Carlos Lleras Restrepo já obteve um total de 78200 sufrágios.

A abstenção eleitoral alcançava ontem a elevada expressão de 85 por cento em Bogotá, a meio das eleições dos concelhos municipais e assembleias departamentais.

Estes cálculos foram feitos pela cadeia de rádio colombiana com base nos dados parciais entregues pela Câmara Municipal de Bogotá e recolhidos em toda a sua jurisdição.

Até ao meio-dia de ontem, apenas 85190 pessoas tinham votado, sendo o numero total de eleitores na zona da capital superior a um milhão.

No dia 25

Eleições sem oposição no Vietname do Sul

BANGKOK, 19 — (ANOP) — As próximas eleições no Vietname serão celebradas sem «lavagem de roupa suja», violência, nem candidatos da oposição, declarou este fim-de-semana o presidente da Frente de Libertação Nacional, Nguyen Huu Tho.

Tho, ele próprio candidato às eleições do dia 25 deste mês, declarou numa reunião de cerca de oito mil habitantes de Saigão: «Não verão indivíduos a gabarem-se, a lutarem por posições, a enlamearem ou mesmo a dispararem tiros uns contra os outros.»

Poderão actos semelhantes serem chamados democráticos?» — perguntou.

Tho, segundo um comunicado da agência noticiosa vietnamita captado em Bangkok, afirmou não haver razão para a existência de candidatos da oposição, porquanto a administração comunista que há um ano dirige o Vietname do Sul representa o povo.

As eleições têm por finalidade a escolha dos delegados para uma assembleia nacional única que governará o Vietname unificado.

No entanto espera-se que o poder real fique nas mãos do partido comunista dos trabalhadores do Vietname.

Por outro lado, candidatas femininas afirmaram numa outra reunião em Saigão que existem diferenças entre os candidatos, embora não no que concerne à política.

Devido à guerrilha

Ligação com a Africa do Sul encerrada pela Rodésia

SALISBURY, 19 — (R) — A Rodésia fechou hoje a sua principal ligação rodoviária com a África do Sul por causa da actividade de guerrilheiros nacionalistas africanos.

Numa mensagem transmitida a intervalos frequentes por Rádio Rodésia, a polícia comunicou que, devido a acção «terrorista», o troço da estrada de Fort Victoria a Beit Bridge fora encerrado.

Os incidentes não pormenorizados na comunicação da polícia, ocorreram ao sul da cidade de Nuanetsi, a cerca de 100 quilómetros da fronteira sul-africana.

A estrada parte de Salisbury, a capital da Rodésia, a cerca de 400 quilómetros ao norte. Foram erigidas barreiras na estrada.

Não se conheceram antes notícias de actividades de guerrilheiros na região de Nuanetsi.

Notícias não confirmadas diziam quendois turistas sul-africanos tinham sido feridos ontem quando o seu automóvel accionou uma mina naquela estrada.

A estrada estava apinhada de turistas que regressavam de e para a República após o longo fim-de-semana da Páscoa. A polícia declarou no seu comunicado: «Para sua própria conveniência, os viajantes com destino à África do Sul são convidados a utilizar a rota de Bulawayo, ou se viajarem na área de Fort Victoria, utilizar a rota Shabani-Balla Balla».

Estas são estradas menos importantes na área isolada, que se situa a cerca de 150 quilómetros a oeste da fronteira com Moçambique.

Tem havido recentemente uma intensificação da actividade de guerrilha no extremo sueste da Rodésia.

A reserva de caça de Gona-Re-Zhou, que se situa na fronteira, foi encerrada no princípio deste mês por aquilo que o departamento de turismo disse serem «razões fora do nosso controlo».

Mas o sueste não tem sido um centro de actividade de guerrilha. Forças de segurança têm dito que os guerrilheiros estavam a utilizar a área principalmente como zona de travessia para regiões mais a norte.

Espectáculos

"OS DEMÓNIOS DE ALCÁCER QUIBIR" NO FESTIVAL DE CANNES

O filme português «Os demónios de Alcácer Quibir», de Fonseca e Costa, obra ainda inédita em Portugal, participa no Festival de Cinema de Cannes.

(Segundo informação colhida junto do Centro Português de Cinema, da interpretação fazem parte, entre outros, António Beringela, Ana Zanati, Ana Flora, Fernando Loureiro, João Guedes, Luís Barradas, Maria Alice Vergueiro, Artur Semedo, Osvaldo Medeiro, Fernando Gusmão e Zita Duarte, contando a película com canções de Sérgio Goginho).

Por outro lado, o festival conta com sete filmes brasileiros julgando-se que a representação oficial do Brasil está a cargo de «Iracema» de Jorge Bodansky, obra extraída do romance homónimo de José de Alencar.

ADM. UNIVERSIDADE

EXAMES «AD HOC»

(P/ candidatos maiores de 25 anos)

CURSO A INICIAR EM MAIO

—— INSCRIÇÕES ABERTAS ——

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL

Rua Morais Soares, 93 · tel. 82 02 21 / 83 46 58

ÁLVARES CABRAL

Avenida Grão Vasco, 1 · (Benfica) · tel. 70 69 74 / 5

DE MANHÃ — TARDE — NOITE

- CICLO PREPARATÓRIO
- CURSOS LICEAIS — GERAL E COMPLEMENTAR
- CURSO GERAL ADM. E COMÉRCIO
- CURSOS C/ PROGRAMAS PRÓPRIOS (EM PREPARAÇÃO)

EVA

grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.

manicuras, pedicuras, esteticistas, massagistas, sauna, boutique e um simpático serviço de refeições ligeiras e cafetaria.

É UM CABELEIREIRO PARA AS SENHORAS QUE TÊM POUCO TEMPO E QUE QUEREM GASTAR POUCO DINHEIRO

Pr. Marquês de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23
LISBOA

QUATRO SOLDADOS e um acordeão

Texto e encenação de Richard Demarcy
colaboração de Teresa Mota.

no TEATRO DA COMUNA

Praça de Espanha Metro de Palhavã Telef. 76 26 24

Do dia 17 até 29 de Abril (só 13 representações) diariamente às 21.30 e domingos às 188.00 horas (espectáculos para maiores de 13 anos)

Este espectáculo é apoiado pela Direcção-Geral de Acção Cultural.

Não pinte os cabelos
USE Restaurador Olex
e os seus cabelos voltarão
à sua côr primitiva
Couto, Lda PORTO

MEGAFONES

TETRA — TÉCNICOS DE ELECTRÓNICA, TELEVISÃO E RÁDIO, LDA.

R. Pereira Sousa, 17/17-A — Tel. 680004 — LISBOA

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"O planeta selvagem" de René Laloux

Um grafismo fascinante e um humanismo primário.

FICHA:
Título original: La planete sauvage
Realização: René Laloux (França-Checoslováquia 1973)
Argumento e diálogo: Roland Topoz e René Laloux, *segundo o romance de* Stefan Wul, «Oms en serie»
Desenhos originais: Roland Topor
Direcção de grafismo: Joseph Kabrt e Joseph Vania
Música: Alain Goraguer
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo
Cinema: Nimas
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos
duração: 72 minutos

8 O cinema de animação é talvez o género cinematográfico por excelência. Isto, claro, se atendermos a que o fantástico é o cerne exacto das imagens no *écran*, e que, portanto, é na animação que os graus de liberdade da criação atingem os expoentes mais elevados.

Em nenhum outro género, também, a obra acabada reflecte tão amplamente a soma de trabalho necessário para a erguer, isto é, a conjução da técnica e do suor, do poder criador e da paciência artesanal.

Vulgarmente tida como género «para crianças», é só muito recentemente que vimos assistindo a uma exploração sistemática das possibilidades da animação, desde a experiência a computador de Foldes, ao puro grafismo de McLaren, à escola de marionetas de Praga (nascida sob impulso de Jiri Trnka), ultrapassados que foram, em certa medida, as antropomorfizações bidimensionais de Walt Disney.

O Planeta Selvagem é a aplicação de modernas experimentações (nomeadamente a que provoca um efeito de profundidade) a uma temática de ficção científica. Com desenhos de Topor, *O Planeta Selvagem* é, antes de tudo um magnífico espectáculo para o olhar, uma soma de momentos de pura beleza plástica. Se bem que enredado num humanismo primário, o filme de Laloux, revela-se como um resultado honesto e equilibrado, sem exploração demagógica da «estranheza» do mundo em que se desenrola, sem jogar em fáceis efeitos de medo ou acenar com espantações gratuitas. É mesmo um filme entre o racionalista e o terno, longe portanto de uma «ficção científica» nem científica nem ficção, como é vulgar.

Essa sobriedade narrativa deixa a atenção liberta para o restante. Para o cuidadeo gráfico, para a expressividade estática de cada desenho, para a articulação das várias sequências, «uma montagem vincada mas sempre apostada em não nos «convencer» do realismo do *écran*, antes em nos integrar no clima de fábula onde ponteiam aqui e ali momentos de lirismo e de ironia, e, continuadamente um clima bem humorado.

Se a ideologia subjacente não ultrapassa, como dissemos atrás um vago humanismo, isso só significa que as limitações deste filme se quedam pelo prazer de ouvir uma história fantástica, privilégio de algumas crianças e de quem souber embeber-se nesta película. E se não há histórias inocentes, a verdade é que preferimos este real mergulho num certo paraíso, à mal-velada propaganda que a Disney e seus capangas nos vão inoculando, de modo indolor.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

Sede: R. 1. de Dezembro n.º 64-2.º Telef. 25307
Apartado 97 Santarém
Delegações: ABRANTES Largo Avelar Machado, 9-1.º Esq.º Rossio ao Sul do Tejo
TOMAR Av. 27 de Maio, Lote 3.º-r/c Esq.º
TORRES NOVAS Rua Mouzinho de Albuquerque

COMUNICADO

Os trabalhadores do comércio reunidos em Plenário distrital no dia 15 para discussão da situação em que se encontram as negociações do Contrato Colectivo de Trabalho, deliberaram:

1. Manter a proposta salarial inicialmente apresentada pelo Sindicato.
2. Exigir a aplicação e entrada em vigor do Contrato em 1 de Janeiro.

Decidiram ainda:

1. Que a sua posição seja apresentada ao patronato na próxima reunião de negociações.
2. Concentração simbólica de apoio às negociações, no Inatel, na próxima 2.ª feira, dia 19, pelas 21.30 horas.
3. Que em caso de recusa pelo patronato das reivindicações apresentadas, se tente a via da conciliação prevista na Lei através do Ministério do Trabalho.
4. Que durante o dia(s) da(s) reunião(ões) de conciliação a venda dos produtos ou artigos se faça ao preço de custo ou no caso do desconhecimento deste com redução de 40 %. Esta forma de luta deverá ser acompanhada de amplo esclarecimento ao público consumidor.
5. A manter-se a recusa do patronato decidem a entrada em greve no dia 3 de Maio.

Para o efeito deverão constituir-se de imediato Piquetes de Greve nos vários concelhos.

Santarém, 15 de Abril de 1976

A DIRECÇÃO

ENSINO DA MÚSICA EM PORTUGAL: PCP defende reestruturação e descentralização

..«Reestruturação do ensino da música em todos os escalões e integração da educação musical básica no ensino geral, no quadro duma profunda reforma do ensino a empreender» é o primeiro ponto do programa de acção do Partido Comunista Português em relação à música, programa que o P. C. P. se propõe realizar integralmente com um Governo e uma maioria de esquerda.

No seu plano de reestruturação do ensino da música, o P. C. P. aponta, entre outras, as seguintes direcções fundamentais: ensino especializado mediante a criação de uma rede de conservatórios regionais, abrangendo todas as capitais de distrito e reactivação dos já existentes; criação de dois conservatórios superiores de música, em Lisboa e Porto, respectivamente, democratização e descentralização da iniciação musical infantil, acompanhando a descentralização dos jardins infantis e ensino primário; desenvolvimento dos programas de educação musical básica no ensino primário e secundário; apetrechamento dos estabelecimentos com os necessários meios audiovisuais; criação de cursos de formação acelerada e de aperfeiçoamento para professores e monitores de música de todos os graus de ensino geral e especializado; celebração de acordos culturais de modo a permitir estágios de professores no estrangeiro e vinda de professores estrangeiros para o nosso país; concessão de subsídios e meios técnicos às iniciativas dos estudantes.

Do programa constam ainda os seguintes pontos: melhoramento das condições de exercício das profissões musicais, tanto no plano económico e social como artístico; desenvolvimento do movimento amador, designadamente do movimento coral, das bandas de música, dos grupos folclóricos e das associações musicais em geral; prioridade para a promoção e desenvolvimento do património musical do nosso povo, sem prejuízo de um estimulante intercâmbio com outros países; democratização da cultura musical, como parte integrante de um plano para a democratização da instrução e da cultura; aplicação do princípio da democraticidade — com consulta obrigatória a todos os interessados, através da sua organização sindical, das suas comissões ou associações representativas ou de conselhos consultivos eleitos, já criados ou a criar — ao estudo e elaboração de quaisquer medidas ou leis que contemplem a sua actividade.

Relativamente ao bailado, embora sendo uma arte essencialmente ligada á música, o programa do P. C. P. contempla, além de outros, os seguintes aspectos específicos: criação de condições para o exercício de uma prática profissional a partir dos 16 anos; criação de uma escola de artistas bailarinos para o teatro ligeiro e criação de uma companhia oficial do Estado.

Lopes Graça em sessão de esclarecimento

Os músicos comunistas promovem hoje, segunda-feira, às 15 e 30, no Teatro Vasco Santana, uma sessão de esclarecimento com a presença do membro Comité Central do P. C. P., Aboim Inglês, Lopes-Graça e Mário Vieira de Carvalho.

O DIREITO AO TEATRO

Depoimento do Grupo 4

CARLOS PORTO

O Grupo 4, constituído primitivamente por Irene Cruz, João Lourenço, Rui Mendes e Morais e Castro, foi o primeiro dos grupos independentes actualmente em actividade. Embora em número diminuto, os seus espectáculos constituiram durante alguns anos um dos raros oásis do teatro português profissional. Lembramos, entre outros, «Knack», de Ann Jellicoe, peça de estreia, «Amanhã digo-te por Música», de James Saunders, com encenação a interpretação de Fernando Gusmão; «Insulto ao Público», de Peter Handke, também encenado por Fernando Gusmão. Todos os espectáculos do Grupo 4 constituiram grandes êxitos junto do público jovem (da camada universitária), alguns dos quais se prolongaram nas digressões pela província. Depois do 25 de Abril, o Grupo 4 apresentou a convite do Instituto Alemão uma brilhante encenação da peça de Peter Weiss «Como o Sr. Mokimpóte se livrou dos seus tormentos», espectáculo que permitiu a revelação de Rui Mendes como encenador. O facto de ter em construção um teatro de bolso (à Praça de Espanha) e ainda a circunstância de ter escolhido para inauguração do teatro e da temporada uma das mais difíceis peças de Brecht, justificam o atraso da estreia do Grupo 4.

Eis as respostas do Grupo 4 ao Inquérito que há tempos iniciámos sobre a actual temporada dos grupos independentes:

1) *Como no momento em que iniciámos este Inquérito, o Grupo 4 não tinha ainda apresentado nenhum espectáculo referente à temporada 1975/1976, pedimos-lhe para nos esclarecerem o seguinte:*

a) Deve-se esse atraso a razões exteriores ao grupo (problemas de subsídios; problemas de instalação; problemas etc.)?

a 1.) *No caso do atraso se dever a problemas levantados pela atribuição do subsídio, gostariamos que especificassem a natureza e causas desses problemas.*

b) Deve-se esse atraso a razões internas ao grupo (desinteligências entre os seus elementos; dificuldades na escolha do reportório, etc.)?

Resp. — Tendo planificado a sua actividade para 12 meses, com início dos ensaios em 1 de Outubro de 1975, o Grupo 4 esperava como todas as outras companhias, poder saber com a possível antecedência em relação aquela data se poderia contar ou não com o subsídio solicitado.

A incerteza da atribuição dos subsídios manteve-se até ao dia 16 de Novembro, data em que um despacho do Ministro da Comunicação Social os concedeu a título precário e provisório, retirando assim garantias de continuidade ao trabalho planificado para 12 meses, que o Grupo 4 desejaria encetar.

Mesmo assim e apesar do atraso de dois meses, fomos ultimando os contactos definitivos com os elementos que se viriam juntar ao Grupo para a preparação do «Círculo de Giz Caucasiano», de Bertold Brecht, que entrou em ensaios alguns dias antes da confirmação dos subsídios.

Trinta e um profissionais (dos quais 22 são actores) iniciaram os trabalhos da peça, sem que o Grupo tivesse ainda a certeza de ser subsidiado.

Entretanto, entre 1 de Outubro e 10 de Novembro, tínhamos feito a reposição de «Como o Snr. Mokimpóte se libertou dos seus tormentos», de Peter Weiss, em continuação da digressão pela província e em Lisboa no Instituto Alemão.

Para além da extrema complexidade da peça (é um facto conhecido que o próprio Bertold Brecht ensaiou «O Círculo de Giz Caucasiano» durante onze meses consecutivos, apesar das extraordinárias condições e capacidade técnica do Berliner Ensemble) devemos referir que as enormes dificuldades que têm atrasado a conclusão das obras do Teatro Aberto (prevista para Janeiro passado) constituem neste momento a exclusiva causa de não termos ainda inaugurado a temporada.

Há já alguns anos (cinco, seis?) pensámos que uma casa de espectáculos era indispensável ao prosseguimento das nossas actividades, que sempre norteámos pelos princípios da seriedade comercial e artística. Para tanto iniciámos contactos com os diversos organismos e entidades que nos poderiam ajudar.

O orçamento de 3000 contos, reduzidíssimos em relação ao empreendimento, seria facilmente coberto por subsídios e empréstimos que nos foram prometidos.

Agora, que tudo aumenta e já vamos em mais de 4000 contos dispendidos, ganhos com o suor do nosso trabalho quotidiano ou em obrigações a pagar com o nosso trabalho futuro, apenas tivemos ainda um subsídio de 1000 contos do Fundo do Teatro, a cedência do terreno por parte da Câmara Municipal de Lisboa e de equipamento eléctrico da Fundação Gulbenkian, o que é concedido (e ainda bem) a variadíssimas companhias. Houve também facilidades várias e dispersas (não podemos esquecer a valiosa contribuição da Ytong) incluindo mesmo a oferta de 2000$00 por um espectador que um dia nos bateu à porta com esse propósito. Estamos ainda à espera da concretização de um empréstimo concedido por Despacho de 31-12-75 do ministro da Comunicação Social. Despacho este que o secretário de Estado da Cultura pretende confirmar aguardando a saída de um Decreto-Lei que resolva formalidades obsoletas ainda exigidas pela Lei de Teatro do Regime deposto no 25 de Abril de 1974, e que desde esta data naturalmente não podem nem deveriam ser cumpridas.

Perdidas as esperanças num auxílio maus substancial por parte da Fundação Gulbenkian, aguardamos a oferta de equipamento sonoro, tendo havido entretanto daquela, uma contribuição para a montagem do primeiro espectáculo.

2) *Sabemos que os subsídios foram aumentados em relação às temporadas anteriores. Gostariamos de saber: a) Qual o montante mensal que o Grupo está a receber; b) Se consideram esse subsídio suficiente e, em caso negativo, quais as razões dessa insuficiência.*

Resp. O Grupo 4 recebe de subsídio 250 000$00 por mês, durante 12 meses. Tem neste momento 23 actores, 5 técnicos, 1 administrativo, 1 cenarista e figurinista, 1 aderecista e 1 director musical.

Os ordenados, previdência e fundo de desemprego totalizam 269 580$90 por mês. Adicione-se agora as despesas de direitos de autor, montagem, guarda-roupa, publicidade, expediente e pessoal de sala e no espectáculo a estrear os músicos e é evidente que o subsídio é insuficiente e que o Grupo 4 terá que contar com a bilheteira e o público para o seu equilíbrio financeiro. De salientar que os actuais ordenados máximos do Grupo 4 são de 12 000$00, recebendo a maior parte dos actores, entre os quais os sócios directores, 8000$00.

Nestas condições, fica demonstrada à puridade a fraca contribuição do subsídio para a produção proposta pelo Grupo 4, isto mesmo sem contar com a amortização das dívidas originadas pela construção do Teatro Aberto. Entendendo e defendendo o Grupo 4 que o Teatro deve ser considerado um Serviço Público e como tal tratado e custeado pelo Estado, na fase actual e dadas as dificuldades financeiras do próprio Estado e a urgência doutras necessidades a suprir, já admite como considerável o subsídio atribuído que corresponde aliás ao que pediu, sendo certo que o Grupo 4 no momento necessita é da certeza da sua concessão por 12 meses, conforme o que está prometido.

3) *Qual será o primeiro espectáculo a apresentar pelo Grupo 4? E quando? Quais as peças a apresentar posteriormente? Quais os seus encenadores?*

Resp. «O Círculo de Giz Caucasiano», de Bertold Brecht em versão de Luiz Francisco Rebello, com encenação de João Lourenço, música de Paul Dessau sob direcção musical de Pedro Osório, cenários e figurinos de João Vieira, estreará ainda durante o mês de Abril, logo que o Teatro Aberto na Praça de Espanha esteja concluído.

4) a) *Quais as relações que o Grupo 4 está a tentar criar com as organizações de base da zona em que se integra?*

b) *Quais as iniciativas que o Grupo prevê para que o público se interesse pelos seus espectáculos?*

c) *O que foi feito, ou não, no sentido de uma promoção*

Continuação da pág 18

Televisão

Hoje

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **os homens, os livros e as coisas.** (Ana Hatherly). Um programa pelo Prof. Joaquim Manuel Magalhães, apresentado pelo Departamento
19.25 Teledesporto — Rubrica dedicada às actividades desportivas do fim de semana.
19.55 Da saúde e da vida — Alcoolismo. Apresentação pela Dr.ª Odília Castelão.
20.15 Vivendo o Futuro.
20.30 Telejornal — 2.ª edição, Noticiário do país e do estrangeiro
21.00 Campanha eleitoral — Liga Comunista Internacionalista (L.C.I.); Partido Popular Monárquico (P.P.M.); Aliança Operária Camponesa (A.O.C.).
21.35 Momento político com o Ministro da Habitação, Urbanismo e Construção, eng.º Eduardo Ribeiro Pereira.
22.10 Noite de Cinema «O Leão da Estrela» — Filme produzido em 1947 realizado por Artur Duarte, com António Silva, Maria Eugénia, Milu, Laura Alves e Erico Braga.
00.10 Telejornal — 3.ª edição
00.30 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e Omer Pascha.
20.25 Das artes e ofícios — Velhas Profissões: «Encadernadores» (Livreiros).
20.50 Jovens Rebeldes — Série filmada com Rick Ely, Alex Honteloff e Philippe Forquett no episódio: «Cadeias Inquebráveis».
21.40 Música antiga — «Os Segreis de Lisboa» executam música antiga dos séculos XIII a XVII. pequenas peças musicais intercaladas com textos explicativos e fotografias. Realização de Jorge Listopad. Uma Produção do DPMR.
22.10 Telejornal — Em diferido a edição transmitida às 20.30 no I Programa.
22.40 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

1.º PERÍODO

? **13.15** Abertura e Telejornal — 1.ª Edição; **13.30**: Campanha Eeleitoral — Partido Comunista Português (P.C.P.) **13.40**: Dois anos de férias; **14.05**: Logo à noite.

2.º Período

19.00: «Vickie», Os Vickings; **19.25**: Há só uma terra; **19.55**: Com todas as letras-Programa dedicado à «Imprensa»; **20.30**: Telejornal 2.ª **Edição**, **21.00** Campanha Eleitoral-União Democrática Popular (U.D.P.); Partido Revolucionário dos Trabalhadores (P.R.T.) e Movimento da Esquerda Socialista (M.E.S.); **21.35**: Sweeney-Série Policial; **22.25**: O Mundo que nós somos; **23.10** Telejornal — 3.ª Edição; **23.25**: Fecho

II PROGRAMA

20.00: Abertura e «Dois anos de férias»; **20.25**: Ensaio; **21.15**: Jazz; **22.25**: Telejornal; **22.55**: Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B Rua Macau 8

Desporto

Portugal na Taça Latina de Andebol

Um terceiro lugar que nos coloca entre os melhores da Europa Ocidental

. NICE, 18 — Dito e redito, picado e repicado, entoado e cantarolado: a melhor actuação de sempre. De tão dito e redito, picado e repicado, entoado e cantarolado, até se podiam colocar as imprescindíveis aspas. E tudo isso nesta oitava edição da Taça Latina de Andebol de Sete, desenvolvida entre Toulon e Antibes (Nice) para Portugal, no Sul de França, perto da Côte d'Azur, entre actores e cantoras, cantores e actrizes, sol contemporizador e água aliciante.

A melhor exibição de sempre da selecção portuguesa que participou na Taça Latina de Andebol, no encontro que nos valeu a saborosa obtenção da medalha de bronze do torneio (3.º lugar), contra a França (vitória por 13-11), parece ter já desencadeado reacções em cadeia que, pelo menos, podem levar ao abandono das responsabilidades que ocupa por parte de Armando Campos. O técnico da vitória, que após o jogo com a França chorou como uma criança, abraçando-se aos jogadores e ao seleccionador, Ângelo Pintado, não se coibiu — não esquecendo as possibilidades nacionais se, efectivamente, a modalidade fosse encarada a sério neste rectangulozinho — de afirmar a sua disposição de se retirar das obrigações que até sábado lhe estavam (e ainda estão) cometidas se o andebol não for levado à risca e cumprido a preceito.

Após todas as insuficiências de preparação evidentes nos dois primeiros encontros disputados em Toulon (Roménia e Marrocos), depois reiterados no embate com a Itália (empate com sabor a frustração), Portugal defrontou o Canadá (saldo positivo: 24-17) quase no melhor que estava ao seu alcance. Aliás, nesse encontro os nossos andebolistas impressionaram vivamente os espectadores e especialistas da modalidade, embora não pudessem, no domínio das previsões e das possibilidades, fazer antever aquele espectáculo contra os gauleses.

ENTRE OS MELHORES DA EUROPA

Imprevisto e oportuno, justo e moralizante, este triunfo contra os «tricolores» assenta essencialmente no saber contornar situações difíceis, não admitir equipas consagradas como «monstros» insuperáveis.

Bem constituídos, plenos de vigor e duros no choque, com muita técnica e irrecusável categoria técnica e, estruturalmente bem organizados (e também excessivamente confiantes), os franceses, sábado, adiantaram-se no marcador com facilidade ante os portugueses à procura de «configuração» táctica capaz de se lhes opor. Num ápice, dois-zero, 4-1. Os portugueses sem desfavor, mas confiantes na recuperação (!). Ao intervalo os «desgastes» eram mínimos: perdíamos por 7-5 e João Gonçalves, incrivelmente (é uma das suas especialidades), tinha esbanjado uma grande penalidade.

Foi fantástica, em movimento e emoção, a parte complementar. Os franceses chegaram a 8-5, nós empatamos num abrir e fechar de olhos (8-8), os espectadores simpatizaram com os portugueses, aplaudiram-nos (não era por acaso...) e a um quarto de hora do termo da partida, pela primeira vez, adiantámo-nos no «placard». Era a euforia. Ninguém acreditava (impressionante) na vitória francesa. Mas os gauleses empataram, nós alcancámos os 10-9, os gauleses repuseram tudo como no princípio (10-10), falharam um «penalty», obtivémos o 12-10 e a três minutos do fim cedemos o último golo aos nossos adversários. O resultado era de 12-11 e congelar o esférico era missão que nos competia primordialmente. Mas Morais apanhou a bola, dominou este mundo e o outro, foi carregado por Enfant sem deixar de fazer mais um golo. O último e o da vitória final. O público rendeu-se a toda aquela demonstração.

CONTRA O CANADÁ: O ARRANQUE PARA A SURPRESA

O triunfo alcançado pela equipa portuguesa rematou, assim, uma actuação que não começou, nesta prova, da forma mais auspiciosa (embora a derrota contra a Roménia, que viria, como se esperava, a sagrar-se vencedora do torneio ao vencer no desafio final a Espanha por 22-16), mas que com o decorrer do torneio melhorou sensivelmente, como o atesta a vitória, sexta-feira, contra o Canadá.

Aliás, tratava-se de encontrar o candidato da série A à medalha de bronze, que forçosamente para a conquistar teria de defrontar a França, já classificada em 2.º lugar na outra série. Ao intervalo ganhávamos por 15-7 e, persistindo numa toada francamente atacante, sem conceder qualquer veleidade aos canadianos, atingimos o termo da contenda com um resultado favorável que não deixou de impressionar: 24-17.

Contra os gauleses, sob a direcção dos alemães Reichel e Teten, foram estes os homens (franceses e portugueses) que alinharam e marcaram:

. **FRANÇA** — Merlaud (Lenfant); Mouchon, Jourdain (1), Alamo (1), Zam (1), Geoffroy (2) e Guignard (2). Jogaram ainda Mendar (3, todos de «penalty»), Coupeaud e Mesean (1).

PORTUGAL — Mesquita; Delfim (1), Areias, Jorge (3), João Gonçalves (5, todos de «penalty»), Morais (2), João Manuel (2). Jogaram ainda Pais e Janeiro.

Extraordinárias as exibições de Mesquita, João Gonçalves e Morais, numa equipa que esteve magnífica no seu conjunto.

A Roménia, como atrás salientámos, venceu esta 8.ª Taça Latina de Andebol de Sete. Para isso derrotou, na final, a Espanha, que mais uma vez demonstrou ter andebolistas de grande categoria e uma equipa que honra a Península.

De qualquer forma, se Portugal foi considerado como a grande sensação do torneio, a Espanha deve ser entendida como uma equipa de andebol adulto que chegou a preocupar os crónicos campeões romenos.

A propósito de Folsher e Draganita, os grandes jogadores do torneio, podemos acrescentar que estão seleccionados para representarem a Roménia em equipas A.

Tivemos assim, na final, as melhores equipas do torneio. Um desfecho justo nesta Taça Latina.

As equipas alinharam (e marcaram):

. **ROMÉNIA** — Reld; Folsher (13), Cheli (2), Paizan, Deacu, Draganita (3), Baican (2), Dan, Matei (1), Croitoru e Istode (1).

ESPANHA — Roseil (Penalva); Alonso (5), Álvaro (2), Castelvi (3), Novales, De La Fuente, Novoa (2), Ecudero (2) e Uria (2).

No intervalo dos jogos, exibiram-se ranchos folclóricos.

Quanto aos outros encontros desta fase final, o Canadá venceu o Brasil por 23-21, com 12-9 ao intervalo.

O Brasil ficou, assim, na última posição.

Seguiu-se o Marrocos-México. A equipa marroquina voltou a agradar e conseguiu o 7.º lugar, vencendo por 25-20, com 15-5 ao intervalo.

Antes da final Roménia-Espanha, a Itália empatou com a Bélgica a 14 golos, com 7-5 ao intervalo e conseguiu o quinto lugar, por melhor «goal-average»: 18 golos sofridos contra 19 da Bélgica.

Quadro de classificação da 8.ª Taça Latina de Andebol de Sete: **SÉRIE A — Classificação final**: 1.º, Roménia 8 pontos; 2.º, PORTUGAL 5; 3.º, Itália 4; 4.º, Marrocos 2 e 5.º, Canadá 1; **SÉRIE B — Classificação final**: 1.º, Espanha 8 pontos; 2.º, França 6; 3.º, Bélgica 4; 4.º, México 2 e 5.º, Brasil 0.

Classificação final: 1.º, Roménia; 2.º, Espanha; 3.º, PORTUGAL; 4.º, França; 5.º, Itália; 6.º, Bélgica; 7.º, Marrocos; 8.º, México; 9.º, Canadá e 10.º, Brasil.

A Roménia conquistou a Taça Latina pela sexta vez consecutiva.

NEVES DE SOUSA em Nice com o patrocínio SUMOL

Râguebi internacional

Juniores de Portugal ganharam à Jugoslávia

ALBI, 18 — A França venceu este Torneio de Juniores da FIRA (Federação Internacional de Râguebi Amador) disputado nesta cidade. Portugal, ao bater a Jugoslávia por 50-6 conquistou a Taça Presidente, além de ter arrecadado o primeiro ponto na «poule» B.

Entretanto, na última sexta-feira a equipa portuguesa foi derrotada pela selecção do Departamento do Marne por 18-10 em jogo extratorneio. Recorde-se, a propósito que esta equipa regional francesa substituiu à última hora a selecção da Suíça que não se deslocou a Albi.

Portugal participou juntamente com a Polónia e a Jugoslávia, numa série B deste 8.º Torneio, dotado com a Taça Presidente, e mercê das duas expressivas vitórias obtidas — 42-0 à Polónia e 50-6 à Jugoslávia — conquistou aquela taça.

A classificação final na série B ficou ordenada da seguinte forma: 1.º Portugal 6 pontos. 2.º Polónia 4; 3.º Jugoslávia, 2;

. No que que se refere à série A, a França, como já vem sendo habitual, venceu, conquistando desta forma o primeiro lugar no torneio pela 7.ª vez. Na última jornada verificaram-se os resultados seguintes:

. Na final França-Roménia 20-12 para os 3.º e 4.º lugares Espanha-Itália 22-0; para os 5.º e 6.º Alemanha-Holanda 26-7; para os 7.º e 8.º Marrocos-Bélgica, 20-9.

A classificação final ficou ordenada da seguinte forma:

. 1.ª França, 2.º Roménia; 3.º Espanha; 4.º Itália; 5.º Alemanha; 6.º Holanda; 7.º Marrocos e 8.º Bélgica.

Hoje, em Paris

Porto e Red Star na "festa do emigrante"

. PARIS, 19 — F.C. do Porto e Red Star disputam, esta tarde, em Saint-Ouen, bairro na periferia desta cidade onde actua normalmente a última equipa, o encontro que tradicionalmente faz parte da festa dos emigrantes portugueses em França.

O F.C. do Porto chegou a Paris vindo de Tours, cidade que fica a cerca de cem quilómetros da capital francesa, onde ontem derrotou uma frágil selecção local por 4-0. Bons lances e golos de excelente tessitura técnica fizeram a história do encontro e a delícia dos emigrantes, tendo o árbitro do desafio invalidado (mal) dois outros tentos aos portistas. Tibi e Oliveira, a contas com questões disciplinares internas, não fizeram esta deslocação a terras gaulesas, e Seninho e Ademir foram as figuras do «match».

A equipa do F.C. do Porto, no encontro de ontem, alinhou: Rui, Murça, Teixeira, Alhinho e Manuel Teixeira; Octávio, Rodolfo e Seninho; Gomes, Ademir e Dinis. Jogaram ainda Ronaldo, Ayrton, Júlio, Quim e Gabriel. Rodolfo, aos 17 minutos, Dinis (30), Seninho (61) e Ademir (aos 63 minutos) fizeram os quatro golos.

Entretanto, milhares de portugueses aguardam com ansiedade este encontro nesta região onde vive uma população portuguesa predominantemente nortenha. O F. C. do Porto é, apesar de tudo favorito, além de constituir — a sua visita — uma espécie de saudades desportivas que se desvanecem.

O Red Star, equipa da I Divisão do campeonato francês pôs neste jogo todos os seus cuidados, como equipa popular desta região e, também, como clube que procura espaço internacional. Recorde-se que a equipa tinha, para este encontro, pensado reforçar-se em Portugal.

Basquetebol em Vdine

Portugal: último lugar no Torneio de Juniores

. . SÓFIA, 18 — A Bulgária derrotou a Grécia, por 72-70, no último encontro do torneio europeu de juniores em basquetebol masculino, que terminou domingo à noite em Vidine, porto búlgaro do rio Danúbio.

Estas duas equipas, assim, ambas contando três vitórias e uma derrota, qualificaram-se para os Sétimos Campeonatos da Europa, que se realizarão em Espanha, no mês de Agosto. A Holanda, por seu turno, que iniciara o torneio em excelentes condições, classificou-se em terceiro lugar, não obstante contar o mesmo número de vitórias e uma derrota, mas com um «goal average» que lhe foi desfavorável em relação às duas primeiras equipas deste torneio.

No primeiro encontro de domingo à noite, a Áustria havia derrotado Portugal por 50-43.

Classificação final do torneio: 1.º Grécia, 3 vitórias, uma derrota; 2.º Bulgária, 3 vitórias, uma derrota; 3.º Holanda, 3 vitórias, uma derrota; 4.º Áustria, 1 vitória, três derrotas; 5.º Portugal, 0 vitórias, quatro derrotas.

Aniceto Simões, ex-atleta do Benfica agora ao serviço do Santa Clara de Coimbra, deu ontem um passo em frente no caminho que o pode levar a Montreal. Evidenciando excelente apuro físico e forma que é de realçar, Aniceto Simões dominou sensacionalmente os 10 mil metros efectuados na pista do Estádio Nacional, estabelecendo, com 28m e 57,6s o segundo melhor tempo nacional naquela distância (a marca alcançada passa a constituir recorde regional de Coimbra). O segundo classificado foi José Sena, e Anacleto Pinto um dos atletas que mais valorizou a prova, sobretudo até aos 5 mil metros

1 SEMANA EM ROMA
PARTIDAS: TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
Julho 22 e 29
Agosto 5, 12, 19 e 26
Setembro 2, 9, 16, 23
Preços excepcionais desde * 5.600$
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef 320021
PORTO Av. dos Aliados 207 • Telef 37921
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telefs 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Em ARMAÇÃO DE PERA o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no MINI-GOLFE

Desporto

Candeias recebe das mãos do «capitão» cufista uma lembrança pela sua festa de homenagem

Homenagem a Candeias

CUF e Sporting venceram Belenenses e Atlético

Manuel Candeias, o Candeias para todos os adeptos do couro, teve ontem, na sua e de muitos outros Tapadinha, a festa de homenagem que, se mais não fosse, os seus vinte e três anos ao serviço dos alcantarenses justificariam. Os espectadores que se deslocaram a Alcântara quiseram fornecer ao espectáculo proporcionado pelas equipas do Belenenses, Sporting, Cuf e, claro, a sua equipa de sempre, a moldura humana que o homenageado merecia. E mais podiam ter sido se a jornada de homenagem a Candeias não coincidisse com um dia de «reunião em família» próprio de todos os anos.

No intervalo dos dois encontros que constituíam a festa, o dr. Ilídio Mendes, presidente da assembleia geral do Atlético, proferiu um breve discurso para enaltecer o valor moral e desportivo do homenageado, que os espectadores presentes aplaudiram demoradamente.

No primeiro encontro a CUF e o Belenenses empataram a um golo, igualdade que foi desfeita pela marcação de séries de «penalties» em que os cufistas levaram a melhor por 10-9.

Sob a arbitragem de Lopes Francisco, as equipas apresentaram as seguintes formações:

. CUF — Castanheira (João Maria, aos 78 m); Vieira, Castro, Vicente (Niza, 46 m) e Frederico; Carlos, Jorge Antunes e Quaresma (Nelson, 66 m); Araújo, Eduardo (José António, 78 m) e Jorge Manuel (Sá, 70 m).

BELENENSES — Figueiredo (José Pereira, 46 m), Sambinha, Quaresma, Lima e Cardoso; Esmoriz (Camões, 66 m), Vasques e Pincho; J. Francisco, Alfredo e Ramalho.

Ao intervalo: 1-1. Marcadores: Araújo e Esmoriz.

O jogo foi agradável de seguir, com domínio territorial dos «azuis» e réplica animosa dos cufistas, que fizeram jus à igualdade.

No segundo encontro defrontaram-se as equipas do Sprting e do Atlético, tendo os «leões» vencido por 3-1.

A arbitragem esteve a cargo de Porfírio Alves, tendo as equipas alinhado do seguinte modo:

. SPORTING — Matos (Pinhal, 46 m); Vítor Gomes (Quaresma, 46 m); Zezinho, Amândio e Valter; Garcez, Libânio e Valter; GGarcez, Libânio e Humberto Fernandes (Vítor Costa, 70 m).

ATLÉTICO — Barbosa (Lapa, 46 m); Coelho, Luís Horta, Candeias (Costa, 56 m) e Franque; Mário Wilson, Baltasar e Fernando Martins; Prieto (Luís Filipe, 23 m), Avelar e Seidi.

Ao intervalo: 1-1. Marcadores: Inácio, de «penalty» (3 m), Seidi (15 m), Garcez (62 m) e Baltasar, na própria baliza (85 m).

O primeiro tempo foi de sensível equilíbrio, embora o maior perigo partisse dos sportinguistas. A igualdade ao intervalo aceitava-se como traduzindo a fisionomia do despique. No segundo tempo os alcantarenses ofereceram melhor réplica, mas a turma de Alvalade acabou por vencer com todo o merecimento, a despeito do terceiro tento ter sido «oferecido» por Baltasar num lance de infortúnio.

Um facto ficou a ensombrar o brilho do desafio: a expulsão do sportinguista Valter, aos 79 m, por discordar de uma decisão do juiz da partida. Também Inácio foi punido com cartão amarelo, aos 82 m, por carga sobre Baltasar.

Por terras de França

Juvenis e iniciados não "descobriram" golos que os afastassem dos últimos

SAINT MALÔ, 19 (Especial para o «D.L.») — Sem uma única derrota nos jogos efectuados nesta cidade, os juvenis da selecção nacional que aqui se deslocaram terão de contentar-se com o quinto lugar na melhor das hipóteses, e o sexto se não vencerem esta tarde a França.

Nos encontros que disputaram os nossos juvenis não foram além de três empates neste Torneio Internacional de Futebol. No primeiro, igualaram (não houve golos) com uma selecção francesa do Centro-Oeste e, depois, contra a Polónia e a Holanda, após o tempo regulamentar e quando se procedeu à marcação de grandes penalidades para apurar o vencedor, esbanjaram castigos máximos que os afastaram da disputa dos lugares cimeiros.

No primeiro desafio formámos assim: Tozé; Pereirinha, Chico Silva, João Pinto e Pita; Nogueira, Ademar e Diamantino; Olavo, Freire e Nelson.

Aos 54 minutos, Tono entrou para o lugar de Olavo.

Numa partida equilibrada, em que foram poucas as situações de golo, foi notória a melhor técnica dos jogadores portugueses. Acontece, no entanto, que esta equipa regional francesa é, por liberdade do regulamento, autorizada a jogar com jogadores com idade de juniores, e o talhe atlético dos franceses, a ganharem sempre os lances de contacto, de ressalto, foi flagrante no seu contraste com os nossos jovens.

A destacar, na equipa portuguesa, a boa exibição de Nelson, logo seguido por Nogueira.

No segundo desafio (contra a Polónia) foi esta a nossa constituição: Tozé; José Pedro, Chico Silva, João Pinto e Pita; Nogueira, Ademar e Diamantino; Nelson, Apolinário e Pereirinha.

No recomeço, Apolinário foi substituído por Freire e, aos 52 minutos, Paulino entrou para o lugar de Diamantino.

Ao intervalo não havia golos. Os polacos foram os primeiros a marcar, aos 48 minutos, e Portugal empatou, aos 60, com um bonito golo de Ademar.

Com as equipas em igualdade procedeu-se à marcação de uma série de cinco grandes penalidades, tendo Diamantino falhado um dos «penalties», pelo que o triunfo (5-4) foi averbado aos jovens da Polónia. O «penalty» de Diamantino foi o último da série e os outros quatro foram concretizados por Pereirinha, Freire, Nelson e Nogueira.

Ontem (domingo), os portugueses defrontaram a Holanda, e alinharam inicialmente com: Padrão; José Pedro, Chico Silva, João Pinto e Pita; Pereirinha, Olavo e Ademar; Nelson, Freire e Diamantino.

Aos 50 minutos, Tozé substituiu Padrão, e Diamantino cedeu o seu lugar a Tono. Nogueira, lesionado na partida com os polacos, não foi utilizado.

Na primeira parte, jogando contra o vento, os portugueses chegaram a exercer acentuado domínio. A nossa melhor técnica criou, efectivamente, sérios embaraços aos holandeses. Foi o nosso melhor período. Freire (que, ontem, completou dezassete anos) esteve em grande evidência, pelo que jogou e pelos golos que falhou. Duas oportunidades, de forma escandalosa.

No tempo complementar, com o vento a nosso favor, baixámos surpreendentemente de rendimento. O desafio endureceu, geraram-se lances mais violentos (chegou a haver agressões), e num deles Padrão lesionou-se. E só, pode bem dizer-se, José Pedro e Olavo estiveram de acordo com a sua categoria.

Tal como contra os polacos voltámos a perder por «penalties» e também por 4-5. Desta vez falhámos o primeiro da série. Foi Pereirinha quem o (não) concretizou. Tono, Nelson e Olavo marcaram os restantes.

Portugal defronta, esta tarde (14 e 30), a França para a decisão dos 5.º e 6.º lugares do torneio. Antes, holandeses e irlandeses discutem os 3.º e 4.º e a fechar o torneio jogarão a Bélgica e a Polónia (vencedora da nossa série) para atribuição dos dois primeiros lugares.

A equipa portuguesa regressa terça-feira, cerca das 22 horas, a Lisboa.

INICIADOS EM MOINTAGU

Tornou-se fatal para os nossos iniciados a sua débil capacidade física no Torneio Internacional em que participam, na cidade de Mointagu, juntamente com outras doze formações internacionais. Uma vitória, um empate e duas derrotas (melhor que os juvenis) é, por enquanto, o saldo dos jogos já efectuados.

Os portugueses ficaram agrupados na Série B, conjuntamente com as equipas do Bayern de Munique e a selecção local, a de Montaigu.

No encontro inaugural, os portugueses venceram o «onze» de Montaigu, por 2-0, com golos de Vítor João e Sérgio, ambos na etapa complementar da partida.

No seu segundo encontro, a selecção de Portugal defrontou o «onze» do Bayern e os alemães ganharam por 2-0, com 0-0 ao intervalo.

Segundos classificados da sua série (triunfo do Bayern de Munique) os portugueses defrontaram, na manhã de domingo, a selecção francesa, vencedora da Série B. Triunfo dos franceses por 2-0, resultado feito também na segunda parte. Ainda ontem, à tarde, jogámos com os belgas do Anderlecht e o encontro terminou sem golos.

A equipa-base utilizada por Portugal:

. José António Coelho I, Horácio, José Carlos e Carlos Lopes; Sérgio («cap»), Leite e Crisântemo; Coelho II, Ribeiro e Quinito.

Também jogaram Baptista (guarda-redes), Vítor João, Figueira e Jorge.

Na fase inicial realizaram-se dois encontros por dia, com a duração de 40 minutos (20 minutos em cada parte). Os encontros da segunda fase (1 por dia) têm a duração de 1 hora, trinta minutos de cada lado.

Portugal defronta hoje, segunda-feira, a selecção de Nantes, para atribuição dos 7.º e 8.º lugares. França e Eintrach de Frankfurt disputarão, também hoje, a final.

A equipa portuguesa regressa a Lisboa amanhã (segunda-feira), estando a chegada à Portela prevista para as 22 e 30.

Hóquei em patins-Torneio de Montreux

Portugal e Espanha decidem hoje o título

Com onze triunfos em vinte e uma presença, Portugal, este ano com uma equipa recheada de esperanças, é uma vez mais favorito neste Torneio de Montreux que principiou sexta-feira. A selecção portuguesa estreou-se sábado com uma vitória sobre a Holanda (4-0), impressionando fortemente na segunda parte, enquanto os espanhóis, que no encontro inaugural tinham batido categoricamente os italianos por 4-1, têm demonstrado uma terrível capacidade realizadora.

É hoje, no pavilhão desta cidade, que será conhecido o vencedor da prova. Portugal e a Espanha, uma vez mais, a partir das 21.30 horas, na final mais desejada por todos os suiços, decidirão a questão do título. Para os portugueses fica, entretanto, a vantagem de ter lançado aqui jovens com grande valor, futuros ídolos nesta modalidade, e quem sabe se mesmo hoquistas que a nível internacional alcançarão a calsse de Bouçós e Velasco, Adrião, e Edgar, ou, mais recentemente, Livramento.

Esta prova, como tem sido várias vezes afirmado, serve, além da possibilidade que dela decorre da descoberta de novos valores, de preparação para outras, que tanto podem ser o Campeonato Europeu, como a maior prova de selecções: o Campeonato do Mundo. Este ano, temos a última, e todos os hoquistas experimentados aqui poderão participar no Campeonato do Mundo se os seus seleccionadores assim o entenderem.

Até agora, foram estes os resultados averbados por todas as (seis) equipas concorrentes:

Primeiro dia — Espanha, 4-Itália, 1 — (com 2-1 ao intervalo). Normalmente das mais credenciadas equipas mundiais de modalidade, este encontro tornou-se numa verdadeira batalha campal.

Suíça, 4-Holanda, 4 — (com 1-3 ao intervalo).

Alemanha, 6-Itália, 2 — (com 3-2 ao intervalo).

Suíça, 2-Espanha, 12 — (com 0-5 ao intervalo).

Segundo dia: — Portugal, 4-Holanda, 0 — Árbitro: Buck (Alem. Federal). Ao intervalo: 1-0. Marcadores Sobrinho (5.30m); Fernando Gomes da Costa (23m), Fernando Gomes da Costa (35.30m) e Sobrinho (36m).

Portugal — Basílio; Fernando Pereira, Sobrinho, Fernando Gomes da Costa, António Gomes da Costa e Vale (Casimiro e Castro, suplentes não utilizados).

Holanda — Smits; Gemert, Tammens, Grikseels, Habraken, Boele e Nico, Dijkhuisen suplente não utilizado).

Portugal, soube impôr a sua capacidade e o primeiro tento de Sobrinho deu-lhes boas perspectivas, que mais vincadamente se manifestaram já no segundo período, apesar da excelente réplica que os holandeses proporcionaram, mas que encontraram no sector defensivo luso, em especial em Basílio, uma barreira intransponível para as suas intenções e eficiência.

Suíça, 3-Alemanha, 5

Terceiro dia: — Portugal, 4-Itália, 1 — Árbitro: Armatti (Suiça). Ao intervalo: 2-0. Marcadores: António Gomes da Costa (9.30 e 13.30m); Fernado Pereira (25m); Fernando Gomes da Costa (26.30m) e Rinni (33m).

Portugal — Basílio; Fernando Pereira, Sobrinho, A. Gomes da Costa e F. Gomes da Costa.

Itália — Dalghieri; Facchni, Saccarddo, Maccullen, Ghirardelli, Fona e Rinni.

Mais descontraída e aclimatada (e porque sabiam bem do valor da turma transalpina), os portugueses aguentaram bem os italianos, e desbobinaram lances de contra-ataque mortíferos, enquanto que Basílio, com um punhado de defesas portentosas, deu confiança aos companheiros. Apesar de tudo, a Itália, ainda no primeiro tempo, teve dois remates à madeira, que podiam ter feito voltar o cariz do jogo.

Na segunda metade a turma lusa manteve-se no mesmo padrão e não se perturbou quando, já depois do resultado feito o árbitro suspendeu rigorosamente, por um minuto, A. Gomes da Costa.

Alemanha, 2-Espanha, 3 — A resistência dos germânicos ia colocando em perigo a invencibilidade da forte formação espanhola. Também nesta partida imperou a violência.

Itália, 8-Holanda, 5 — Partida correctíssima e emotiva em que o árbitro português Manuel Ferreira, do Porto, teve a sua segunda intervenção na prova, realizando excelente trabalho.

Suíça, 0-Portugal, 6 — Árbitro: Ruck (Alemanha Federal). Ao intervalo: 0-1.

Marcadores: F. Gomes da Costa (13.30, 22.30, 30 e 32m); Sobrinho (21m) e A. Gomes da Costa (29.45).

Portugal — Basílio (Castro); Fernando Pereira (Manuel Pereira), Sobrinho, Fernando Gomes da Costa (Rosado) e António Gomes da Costa.

Suíça — Comnte: Genoud, Cordonier, Siebemthal e Smith (Laubscher).

Jogo excelente e correcto em notável exibição do conjunto luso. Figuras do encontro: Basílio, F. Gomes da Costa e Comnte.

Ainda no primeiro período dois remates ao poste atirados por F. Gomes da Costa.

Classificação: Portugal, 6 pontos; Espanha, 6; Alemanha, 4; Itália, 2; Holanda, 1; Suíça, 1.

Jogos para hoje — Portugal-Alemanha (15 horas); Espanha-Holanda; Suíça-Itália; Alemanha-Holanda e Portugal-Espanha (22.30).

TOTOBOLA
Boletim com 13

1	Sevilha - Hércules		X
2	Oviedo - Bétis	1	
3	Santander - Las Palmas	1	
4	Granada-Espanhol		2
5	A. Bilbau - Real Madrid	1	
6	Salamanca - Saragoça	1	
7	Elche - Gijón	1	
8	Áscoli - Inter	1	
9	Cagliari - Verona		2
10	Nápoles - Juventus		X
11	Roma - Bolonha		X
12	Sampdória - Perugia	1	
13	Torino - Florentina	X	

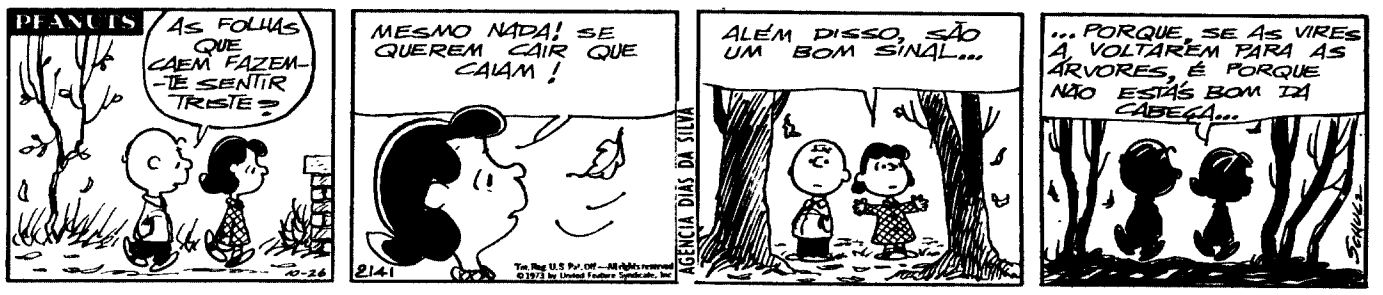
Geral

Segundo Mourão-Ferreira

"Conselho Nacional da Cultura tem uma composição complexa".

«O Conselho Nacional da Cultura será o órgão máximo consultivo adstrito à Secretaria de Estado da Cultura ou ao futuro Ministério da Cultura» — afirmou o dr. David Mourão-Ferreira, secretário de Estado da Cultura numa entrevista concedida à ANOP. Referiu-se à sua constituição, «um tanto complexa» como ele proprio declarou.

Assim, este Conselho Nacional será formado por representantes dos vários sectores culturais. Aos representantes destes sectores e aos membros do gabinete cultural, agregam-se ainda os directores-gerais e os coordenadores da Secretaria de Estado.



O DIREITO AO TEATRO

Continuação da pág. 15

mais efectiva e eficaz dos espectáculos, com utilização dos meios de comunicação social (TV, Rádio, Imprensa), cartazes, montras, etc?

. Resp. — Temos em elaboração um vasto plano de actividades (teatro, música, cinema, exposições, etc.) com que pretendemos animar e diversificar a nossa acção. As preocupações absorventes com a construção do teatro e a preparação da peça não nos permitiram ainda pormenorizar e aprofundar um vasto esquema de contactos com organizações de base de Lisboa e não só, contactos esses que serão parte importante do trabalho que pretendemos levar a cabo na Praça de Espanha. Como dizia Gabriel Garran: «O público de teatro que mais me interessa é o público que não vai ao teatro».

5) *Como se sabe, a orientação oficial do teatro português parece ter voltado aos processos anteriores ao 25 de Abril. Suspensa a actividade da Comissão Consultiva para as Actividades Teatrais que, apesar de tudo, mantinha alguns vínculos entre a cúpula e as bases, a orientação da actividade teatral parece confinada a directrizes oficiais de carácter cupulista. No caso de não concordarem com esta situação, que medidas propõem para que seja superada:*

a) *A constituição de uma nova Comissão, embora obedecendo a esquemas mais representativos?*

. b) *Diligências no sentido de ser criado imediatamente o Instituto Português de Teatro de cuja Direcção devem fazer parte representantes dos trabalhadores?*

. c) *A organização urgente de um Congresso Nacional de Teatro para debater estes e outros temas?*

. d) *Outras propostas.*

Resp. — Sempre defendemos que o Teatro, tal como todas as actividades, deve ser dirigido e orientado por quem nele e para ele trabalha. Até ao V Governo Provisório, inclusive, ainda se esboçaram alguns laivos ou pelomenos houve uma contínua auscultação dos trabalhadores de teatro através de C.C.A.T. Inclusive, chegou-se a elaborar uma Lei de Teatro que se bem que tivesse defeitos foi sujeita à crítica pública e naturalmente que da junção de pareceres deveria sair uma Lei de Teatro possível, que se encontra na cerca de um ano na gaveta.

Supomos que as hipóteses sugeridas nas alíneas a) b) e c) da pergunta podem e devem ser conjugadas e coordenadas, pondo-se desde já em vigor a Lei de Teatro devidamente analisada, criticada e refundida à luz da realidade presente ao mesmo tempo que dessa coordenação e conjugação deveria resultar a proposta de uma política teatral bem definida e adaptada às circunstâncias objectivas do nosso país no presente momento histórico.

Guarda da P.S.P. louvado a título póstumo

Um louvor a título póstumo foi conferido pelo ministro da Administração Interna ao guarda n.º 1994/12661 da PSP do Porto, José Ferreira da Rocha, mortalmente baleado no passado dia 17 de Março por assaltantes de uma agência bancária.

«A intervençao do guarda Rocha» — diz o texto do louvor depois de descrever a forma como ele desarmou um dos assaltantes e fez gorar a investida sobre o banco — «é reveladora de um total desprezo pelo perigo e de um alto espírito de missão».

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco e caíam aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS

BRAGA
Máxima 18.3º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 0.7º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco; aguaceiros com períodos de chuva; possibilidades de trovoadas dispersas nas regiões do interior.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13º
P. DOURADAS	—
COIMBRA	11º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	13º
FARO	14º
FUNCHAL	15º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.50	3,7 m	1.00	1,1 m
20.10	3,8m	13.19	1,4
	Dia 20		
8.48	3,5 m	2.00	1,4 m
21.10	3,6 m	14.21	1,6 m
	Dia 21		
9.54	3,3 m	3.10	1,6 m
22.18	3,5 m	15.35	1,8 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.54
OCASO ÁS 20.18

DIA 21 — DIA 29 — DIA 7 — DIA 13

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 2 3/4 %		275$	
Cons 3%	-	310$	-
Cons. 3 1/2 %		350$	-
Centenarios	-	810$	-
Tes. 5%	-	830$	-
Tes. 10%	535$	530$	535$
Extern. 1.ª s		450$	-
Extern 1.ª c	-	450$	-
Extern. 3.ª s.	-	470$	-
Extern. 3.ª c.		470$	
Caut 3.ª s			140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Ix. 6 %	-	750$	
C.M.L. 5 3/4 %		830$	
C.P. 5 1/2% 67		[illegible]	
C.P. 5 1/2% 68	-	690$	-
C.P. 5 1/2% 69	-	690$	-
Corr. 5 3/4%	-	810$	-
Metr 5 3/4 %	810$	810$	-
Tur. 5 3/4%	850$	840$	-
C.P. 6 3/4 %		830$	-
ELÉCTRICAS			
G. 5 % 58	-	690$	-
G. 5 % 59	-	670$	700$
G. 5 % 62	-	-	
G. 5 % 63	-	-	
G. 5 % 64			-
G. 5 % 65	-	-	-
G. 6 % 67	-		850$
G. 6 % 69	-	-	850$
G. 7%	-	-	900$
H.E.A.A. 5%	-	640$	-
H.E.C. 5 %	-	700$	-
H.E.C. 6 %		755$	-
H.E.D. 5%	-	620$	-
H.E.D. 6%	-	755$	-
H.E.N.P. 5 %	-	720$	-
H.E.S.E. 5%	-	-	-
H.E.S.E. 6%	-	-	-
H.E.Z. 5 % 57	-	630$	-
H.E.Zêz. 6%	-	750$	-
N. Elec. 5%	-	710$	-
N. Elec. 6%	-	-	-
Termoel. 5%	-	600$	-
U.E.P. 5 % 60	-	-	700$
U.E.P. 5 % 63	-	-	-
U.E.P. 6%	-	-	-
U.E.P. 7%	-	800$	-
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % 56	-	720$	-
A.P.T. 5 % 58	-	700$	-
Lisnave 6%	-	760$	800$
Nitratos 60		600$	-
Pet. 2.ª e 3.ª	-	-	-
Sacor 7%	-	820$	-
Sacor 5% 54	-	-	-
Sacor 5% 60		850$	-
Sid. 5% 2.ª		-	-
Sid. 5% 3.ª	-	-	-
Sid. 5% 4.ª	-	-	750$
Socel 5%		-	-
R. Fabril 67		-	840$
R. Fabril 68	800$		800$
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5%			
Rev. 5 % 57			
Rev. 5% 59-60			
Moçambique 5%			
Sonefe 5%			
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico			
F.I.D.E.S.			

BARES • BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/ 264621/264946**

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

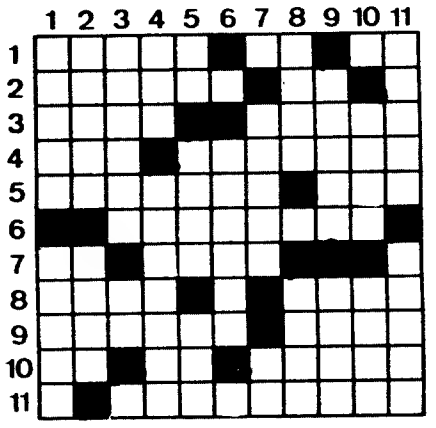
PROBLEMA N.º 11 349

HORIZONTAIS

1 Pisar. Antes de Cristo. Vossa Alteza.
2 Rezaras. Abreviatura que se usa em música.
3 Grito de aplauso, de vitória. Odio.
4 Nome de mulher. Tornar tépido.
5 Habitamos. Irmã da mãe.
6 Despertamos.
7 Tempo do verbo ir. Paz (fig.)
8 Épocas. Espeta o arpéu em.
9 Escuridão (pl). Aquele que.
10 Césio (s.q.) Alumínio. (s.q.). Primeira parte do nome da capital da Federação da Malásia e do estado de Selangor.
11 Adeleiros.

VERTICAIS:

1 Agitem. Domina.
2 Estéril. Aneis.
3 Tirara da terra. Suspiro.
4 Altar cristão. Alcançar com a vista.
5 Rádio (s.q.). Emir. Pronome pessoal.
6 Deslocavas.
7 Nome de flores. Cério (s.q.)
8 Filtrar. Cá.
9 Apelido. Sair frequentemente à rua.
10 Tempo do verbo ir. Cabelo.
11 Estimara. Séries.



Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

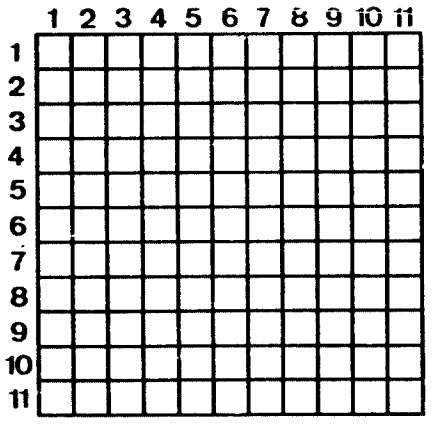
PROBLEMA N.º 7509

HORIZONTAIS

1 Apelido. Cidade da Suíça.
2 Esteiros. Cura.
3 Atmosfera. Investiga.
4 Carapuças. Despido.
5 Agarrei. Pago.
6 Ossos de cadáveres. Ouro (s.q.)
7 Césio (s.q.) Cheiro. Caminhar para cá.
8 Içar. Rosto.
9 Reis. Doutor. Frâncio (s.q.) Preposição latina que designa movimento.
10 Quinhentos e um em romano. Que é do ar. Rádio (s.q.)
11 Amónio (s.q.). Puseras só.

VERTICAIS

1 Brenha. Pregos m dos.
2 Elegantes. Consen. nento.
3 Batráquio. Troças.
4 Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Ligai.
5 Freguesia do concelho de Baião.
6 Catedrais. Mágoa. Letragrega.
7 Cidade da Ucrânia. Oferecer. Bília.
8 A Irlanda. Planta têxtil do Ceará.
9 Nome comum de qualquer guisado ou ensopado. Tempo do verbo ir.
10 Adejara.
11 Aflitas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 348

HORIZONTAIS:

1 Crivaríamos.
2 Aires. Agro.
3 Ama. Ra.
4 POR. Saa. UMA
5 Aras. Nios.
6 Raspa. Rs.
7 Coma. Aa. Toa.
8 Apá. Assais.
9 LINHA. Sinal.
10 Mataria.
11 Aros. Assado.

VERTICAIS:

1 Carpa. Calma.
2 Ri. Or. Opiar.
3 Irara. Manto.
4 VEM. Sra. Has!
5 Asas. A. Aar.
6 Ansas. Ia.
7 Iara. Passas.
8 Afá. Na. Ai.
9 Mr. Ui! TINHA.
10 Oo. Morosa.
11 Lassa. Lio.

Provérbio: POR UMA LINHA, VEM A TINHA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7508

HORIZONTAIS:

1 Nicarágua.
2 Mareara.
3 Ia. Beirã. Al.
4 Aderi. Ataco.
5 Mamão. Oásis.
6 Más. Pr.
7 Ba. Restara.
8 Adama. Rasas.
9 Cora. Ia.
10 Rebanhos.
11 Casarias.

VERTICAIS:

1 Viam. Baco.
2 Adamado.
3 Im. Ema. Arrá.
4 Cabras. Mães.
5 Areio. Ra. Ba.
6 Rei. Ve. Mar.
7 Aarão. Sr. Ni.
8 Grata. Talha.
9 Ua. Aspas. Os.
10 Acirrais.
11 Elos. Asa.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO G-1

Até às 22 HORAS

AJUDA
Tapada, Calçada da Tapada, 38-A (Tel. 634721)
ALVALADE
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Av. do Brasil), (Tel. 765252), **Cejta**, Rua Mourão Girão 3-B (Tel. 710621), **João XXI**, Av. João XXI 16-A (Tel. 726462)
AREEIRO
Avenidas, (das), Av. da república 27 (Tel. 533688)
CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Tel. 694424)
CARNIDE
J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (Tel. 780969)
ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de Santo António à Estrada 96 (Tel. 665196)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-A/B (Tel. 720703-728395)
OLIVAIS SUL
Simão, Rua Cidades de Cabinda, 16-A (junto da piscina) (Tel. 31058)
S. MAMEDE
Cinha; Rua Escola Politécnica, 16 (Tel. 3255455)
S. PAULO
Africana, Rua Bernardino Costa, 45, (Tel. 269120)
XABREGAS
Salter, Rua de Xabregas, 63 (tel 381185)

TURNO G-2

TODA A NOITE

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (tel. 638256)
ALFAMA
Arnali; Rua das Escola Gerais, 88-A (Tel. 863940)
ALVALADE
Sanex; Avenida da Igreja 31-C (Tel. 717505)
BAIRRO ACTORES
Novel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental lado Sul) (Tel. 842152)
BAIRRO ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte 11-A (Tel. 311216)
BAIXA
Azevedo, Rossio, 31 (TEl. 327478)
BENFICA
União Estrada de Benfica, 592 (Tel. 700092)
CAMPO DE OURIQUE
Porfírio, R. Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349)
ESTRELA
Gema, Calçada da Estrela, 130 (tel. 660339)
LAPA
Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (Tel. 667460)
LUMIAR
Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (Tel. 790480)
PENHA DE FRANÇA
Dimar, Rua Conde Monsaraz, 17-B (Tel. 842533)
REGO
G. Silva, Rua Francisco Tomás Costa 3-C (Tel. 771873)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas; Rua Viriato 29-A (próximo do Hotel Sheraton) (tel. 48966-553601)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco Av. Comb. G. Guerra, 29 (T. 2112081)
CARCAVELOS
Central Toda anoite
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira Av. Sabóia, 29-B (T. 260085) Até às 22 horas
PACO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034) Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal Até às 22 horas
OEIRAS
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090) Até às 22 horas
PAREDE
Grincho Av. da República, 87 (T. 2471204) Toda a noite
MURTAL
Primavera R. das Parreiras, 2 (T. 2472278) Toda anoite
AMOREIRA
Amoreira Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Lopes R. Hangar, 3 (T. 260008) Toda a noite
CASCAIS
A. Costa R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214) Até às 22 horas
Cordeiro Av. Comb. G. Guerra, 40 (T. 280170) Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P. D. João I, 9-B (T. 932758)
Central Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210)
Igreja P. da Igreja, 22-A (T. 937740)
Jardim Av. Conde de Oeiras, 120 (T. 938424)
DAMAIA
D. João V Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461)
QUELUZ
Zeller R. da República, 83 (T. 950045)
CACÉM
Araújo e Sá Est. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781)
MEM MARTINS
Química Est. Mem Martins 785 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Estefânia (T. 2930832)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro R. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 31 (T. 204020)
ALMADA
Galeno
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est. Nacional, 178-B (T. 2040302)
BARREIRO
Normal Av. da República, 116 (T. 2073035)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa Est. das Barrocas, 50-A (T. 2494182)
MOITA
União Moitense Av. dr. Teófilo Braga (T. 239025)
MONTIJO
Giraldes R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008)
SESIMBRA
Leão Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471)
SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (T. 22216)
SEIXAL
Soromenho R. Parva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

TURNO 25

ATÉ ÀS 22 HORAS

Foz, R. Senhora da Luz, 380, Foz **Alírio de Barros**, R. de Costa Cabral, 240 **Magalhães**, R. de Serralves, 566 **Nova de Monsanto**, R. de Monsanto, 148 **Correia**, P. Mousinho de Albuquerque, 78. **Corujeira**, R. d S. Roque da Lameira, 1473 **Couto**, I. de S. Domingos, 106 **Luso-Francesa**, R. Sá da Bandeira, 140

TODA A NOITE

Lapa, R. Antero de Quental, 211 **Gomes Carneiro**, R. de Cedofeita, 348. **Central**, R. de Santo Antonio, 203

COIMBRA

DIAS FERREIRA — Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046) **HIGIENE** — R. Fernandes Tomás, 41 (Tel. 22634), **SANTA CRUZ** — R. das Padeiras, 94 (Tel. 23569)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
21.30 (18 anos)
«Taran-Tan Tan não enche barriga»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Afinal como é»
CAPITÓLIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Psicina»
VILLARET
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Godspell»

LISBOA/Cinemas

COLISEU
21.30 (14 anos)
«O Último Couplet»
SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«A Jovem Assassinada»
OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«Terror de Blacula»
S. LUIS
21.30 (13 anos)
«O Centro do Mundo»
EUROPA
21.15 (18 anos)
«Tommy»
PARIS
21.15 (6 anos)
«Uma Ilha no Tecto do Mundo»
JARDIM
21.00 (13 anos)
«Um já está enha outro»

PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«Uma Pistola na mão do Diabo»

LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Empresta-meoteuMotorista»

CINEBOLSO
21.30 (13 anos)
«A Caça ao Cando»

IDEAL
21.00 (10 anos)
«Quem Dispara Primeiro»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O Campeão dos boxeurs»
CARLOS MANUEL
21.15 (18 anos)
«A Presa»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«French Connection»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«Tudo ficou em família»

PORTO/Teatros

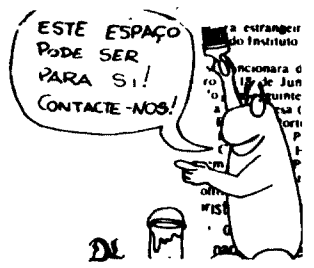
SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Sclweyk na II Guerra Mundial»

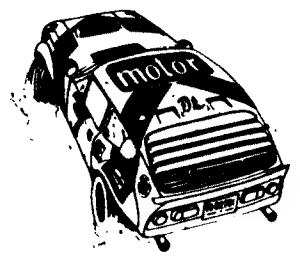
PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Um ia de Sol»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Matulona»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Os dois missionários»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Inspector Martelada»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Os dois missionários»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«24 Horas de Amor»
BATALHA
21.15 (6 anos)
«O Regresso da Pantera Côr de Rosa»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Jeremy, o Primeiro Amor»
ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«As Aventuras de Pinóquio»
CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Os Inseparáveis»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«A Torre do Inferno»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Prazeres colectivos»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (6 anos)
«Uma Ilha no Tecto do Mundo»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Piquenique»
AVENIDA
21.15 (6 anos)
«sim, Sim, Coronel»





cinemas

CASTIL

T.530194 — 15, 17, 19 e 21.15

Int. a men. 18 anos

Catherine Deneuve, Bernadette Lafont

NOITADAS DE PARIS

(Zig Zag)

IMPÉRIO

T.555134 — 15.15-18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
Marcello Mastroianni/ /Catherine Deneuve
«O ACONTECIMENTO MAIS IMPORTANTE DESDE QUE O HOMEM CHEGOU À LUA»

2.ª Semana

POLITEAMA

T.326305 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. a menores de 18 anos
Em continuação de estreia
DECAMERON N.º 2
Sexualmente é uma grande audácia

VOX

T.720808 — 15.30, 18.30, 21.15

4.ª Semana
DECAMERON N.º 2
Os Contos Eroticos de Bocaccio

ROMA

T.727778 — 14.00, 16.00, 19.00, 21.15

Para todos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
c/ Bud Spencer-Terence Hill

BIBLIOTECA NACIONAL

18.30, 21.30
Preço 10$00

O VALE DO FUGITIVO

Tell Them, Willie Boy

IS HERE (Abraham Polonsky-1970)

PALÁCIO FOZ

MEDIUM COOL
América, América, Para Onde Vais?

Realização de Haskell Wexler (Estados Unidos, 1970)
Interpretação de Robert Forster e Verna Bloom
Testemunho da realidade política e social dos Estados Unidos
Interdito a menores de 18 anos

1.º PROGRAMA

15.00, Noticiário «Painel da Tarde» **18.00**, Melodias, **19.00**, Campanha eleitoral, **20.30** Instrumentistas, **21.00** «Painel da Noite» **00.00**, «Ultimo jornal» **00.30**, Retrospectiva, **01.00** (saida e encerramento dos regionais do Porto Norte 1 Coimbra, Faro, Guarda, Covilha Viseu, Ponta Delgada e Horta) Música na Noite. **02.00** «Música na Noite»

2.º PROGRAMA

16.15, Requien de Liszt, **17.05**, Sinfonia n.º 4 em sol de Mahler, **18.05** O Flautista Jean-Pierre Rampa, **18.30** Suite para orquestra: 6 espigrafes antigas de Debussy, Suite Holberg op. 40, de Grieg, **19.10**, Musica de Arco, Duo em mi bemol maior de Beethoven, Sonata para dois violinos, de Prokofiev, **19.45**, O cravista Luciano Sgrizzi, em: Sonatas de Scarlati, **20.00**, Música de cena. Egmont op. 84, de Beethoven, **20.50**, Solos de alaúde: Basse Danse, Bourrée (arranjo de Jean David) por Jena David, **21.00** O Canto e os seus intérpretes por Maria Helena de Freitas, **22.00**, A pianista Victória Postinikova, interpreta ibras de. Schumann, Chopin, Liszt, Debussy, Rachmaninoff, **22.45** Sonata em lá maior de Telemann, **23.00** Estéreo intercâmbio musical, semana Bach em Ansbach, 1975 em gravações cedidas pela rádia, da Baviera, Parte de um recital de violoncelo por Christoph Henkel: Suite n.º em sol maior violencelo BWV 1007. Suitte n.º 2 em ré menor para violoncelo solo BWV 1008. **23.35** Música sinfónica Sinfonia n.º 8 em ré maior op. 93, de Beethoven Concerto n.º 1 em ré menor p/piano e orquestra op. 15 de Brahms, **01.00** Fecho.

Rádio Renascença

Emissão continua — Onda média (Lisboa) 233,2 m — 1286 KHz modulação de frequência (Lisboa) 93,2 MHz.

CALEIDOSCÓPIO

T.795093 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Para todos

UM DIA NAS CORRIDAS

Com fabulosos, os únicos, IRMÃOS MARX um filme de Sam Wood

EDEN

T.320768 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Para todos maiores de 6 anos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
Um filme de Franco Rossi
Bud Spencer-Terence Hill
O Espectáculo do ano!

2.ª semana

ODEON

T.326283 — 15.15-18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
2.ª Semana de sensação
lotações esgotadas
AS NOITES LOUCAS DO HOTEL LUA MEL
c/ Isabella Biaggini e Ninelto Davoli
Segredos sexuais revelados por um buraco escondido

APOLO 70

T.763319 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO CAPELO GAIVOTA
17.ª Semana
Hoje às 24 H. Grupo D M. 18 anos
O TUMULO DO TERROR

de Freddie Francis

CASINO ESTORIL

T.264621 — 18.15 e 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA

S. JORGE

T.54153/4 — 15.15, 18.15, e 21.15

De novo o inspector Clouseau
O REGRESSO DA PANTERA COR-DE-ROSA»
Com Peter Sellers
Para Todos

RESTELO

T.610375 — 21.00

Para Todos
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

AVIS

T. 47163 — 15.30 18.30-21.15

Não acons. a menores de 13 anos
2 Raparigas Num Pijama
um filme de Jean Girault
2.ª Semana

ESTÚDIO

15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
A INGLESA ROMANTICA
um filme de Joseph Losey
7.ª emana

ESTÚDIO 444

T.779095 — 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Interdito a men. de 18 anos
TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA
2.ª semana
c/ Darlene Glória

MUNDIAL

T.538743 — 15.15, 18.30, 21.15

Para todos
AMARAM-SE UM SÓ VERÃO
Uma história de amor e ternura que nunca será esquecida

D. JOÃO V — DAMAIA

Tel. 971794 — 21.15

Grupo B (10 anos)

A FUGA DO HOMEM PÁSSARO

UNIVERSAL

T.774402 — 15.00, 19.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos às 15 h. 19 h., 21 h.
(N. acons. men. 13 anos)
CHINA VIZINHA
00.30 h.
(N. acons. men. 18 anos)
A MORTE DUM LENHADOR

CONDES

T.322523 — 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
A CORRIDA DOS MALUCOS
Pierre Richard-Jane Birkin

um filme louco, louco, louco...

BERNA

T.776098 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos maiores de 6 anos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
Um filme de Franco Rossi
Bud Spencer-Terence Hill

2.ª Semana

LONDRES

T.801313 — 14.45, 18.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos
CENAS DA VIDA CONJUGAL
com Liv Ulhmann e Bibi Anderson
Às 24 h.
(Int. men. 18 anos)
O SILÊNCIO

ROXY

T.48560 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

JOGOS PARA CASAIS INFIÉIS

com Pierre Rousseau e Daniel Veaminik

TIVOLI

T.570596 — 14.45, 18.00, 21.45

Não acons. a menores de 18 anos
O maior espectáculo jamais filmado
A TORRE DO INFERNO

c/Steve McQueen, Paul Newman, William Holden, Faye Dunaway

Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ALVALADE

T.897480 — 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
A CORRIDA DOS MALUCOS
c/ Pierre Richard-Jane Birkin
Um filme de Claude Zidi
00.30h.
MULHERES ACORRENTADAS

domingo às 11 h
UMA NOITE EM CASABLANCA

PATHÉ

T.821933 — 14.45, 18.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
O maior espectáculo jamais filmado!
A TORRE DO INFERNO

c/Steve McQueen, Paul Newman, William Holden, Faye Dunaway

Atenção: o filme começa a hora do espectáculo

NIMAS

T.574362 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Para todos

um filme de Rene Lalorex

O PLANETA SELVAGEM

6 Grandes prémios internacionais

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CRISTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65531/2/3/4
REDACÇÃO SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUIZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIÁRIA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Assaltantes obrigam dona de casa a beber e a despir-se

Um grupo de assaltantes — dois homens e uma mulher — escalou a residência de D. Lucinda Rosa Paixão Caeiro Cabaço, sita na Rua Conde das Antas, 50 rés-do-chão. Foram roubados 26 contos.

A operação verificou-se em circunstâncias estranhas: enquanto os dois homens procediam à pilhagem, a locatária era «mantida em respeito» pela única mulher do grupo que, ameaçando a vítima com uma faca de mato, a obrigou a ingerir determinado líquido e a despir-se à sua frente, no quarto.

Os dois homens actuaram com meias enfiadas na cabeça a deformar-lhes o rosto. Logo que encontraram o dinheiro, fizeram sinal à sua companheira e abandonaram a residência.

Às autoriddes policiais. D. Lucinda contou que a mulher e um dos homens eram de raça branca e o outro assaltante de raça negra.

Jovem obrigada a ingerir gasolina

. Uma jovem de 19 anos, solteira, empregada doméstica, foi alvo de sevícias por parte de três indivíduos que a agrediram a soco e a obrigaram a ingerir gasolina.

O grupo de malfeitores, quando apanhou a sua vítima, fazia-se transportar no automóvel FG-23-80, propriedade de Fernando Oliveira, de 23 anos, casado, serralheiro.

Concretizada a agressão, o dono do automóvel apresentaria queixa à Polícia, pretendendo fazer crer que lhe tinham roubado o carro. A P.S.P. considerou, no entanto, que o Oliveira procurava um alibi (a vítima já se tinha queixado) e levou-o à presença da jovem, que o reconheceu imediatamente. O «queixoso» fizera parte do grupo que a atacara.

A CAMPANHA NA RÁDIO E NA TELEVISÃO

Radiodifusão Portuguesa: 19 — PS; 19 e 10 — CDS; 19 e 30 — PPM; 19 e 40 — MRPP; 19 e 50 — MES; 20 — CDS; 20 e 10 — PCP; 20 e 20 — PDC.

Rádio Renascença: 10 e 10 — PCP; 10 e 20 — AOC; 10 e 30 — PCP; 23 — PPM; 23 e 10 — MRPP; 23 e 20 — PDC; 23 e 30 — PCP; 23 e 40 — PC de P (ml); 23 e 50 — PRT.

Radiotelevisão Portuguesa: 13 e 30 — FSP; 21 — LCI; 21 e 10 — PPM; 21 e 20 — AOC.

NEIVA MOREIRA
O MODELO PERUANO
de VELASCO a MORALES

«Não é possivel dizer-se que todo o exército peruano, menos ainda as forças armadas em conjunto, tenha aderido à revolução. Como em todo o agrupamento humano, há um sector mais radical pressionando para acelerar os avanços.»
NEIVA MOREIRA

«O facto de o general Velasco Alvarado ter sido ao mesmo tempo o líder mais popular da revolução o presidente da República e um militar de vanguarda, ajudou muito o aprofundamento das conquistas revolucionárias.»
NEIVA MOREIRA

«Não somos marxistas, mas estamos fazendo uma revolução — e isto é o que importa.»
GENERAL VELASCO ALVARADO

O modelo peruano um exército, um povo, uma revolução!

uma edição ÁTICA
Distribuição exclusiva
LIVRARIA BERTRAND

Greve académica de 1969

"Nova relação de forças no seio da Universidade"

Sete anos passados após a greve dos estudantes de Coimbra de 17 de Abril de 1969 considerada a mais longa dos últimos anos de luta académica, Alberto Martins, agora candidato a deputado pelo M. E. S. e na altura dirigente da Associação Académica faz para o «D.L.» uma breve retrospectiva do que era nesse tempo a Universidade.

«A crise de Coimbra foi a primeira grande expressão, a nível estudantil, de um movimento que punha em causa ao mesmo tempo a repressão fascista e a estrutura capitalista em que assentava a Universidade portuguesa.

«Não se pôs nessa altura apenas em causa o direito dos estudantes se reunirem, e de se expressarem associativamente, mas pôs-se fundamentalmente em causa as estruturas em que a Universidade assentava, a formação económico-social que defendia e os valores culturais e ideológicos que impingia aos estudantes.

«Durante esse período, os estudantes de Coimbra conseguiram pôr de pé uma nova relação de forças no seio da Universidade e até na própria cidade.»

Registe-se na resenha dos acontecimentos ocorridos na altura que deles se viria a generalizar no meio estudantil um movimento de contestação à guerra colonial.

A PALAVRA DE TOMÁS

No dia 17 de Abril de 1969, Américo Tomás e o seu séquito foram a Coimbra inaugurar a secção de Matemática da Universidade. Cerimónias e discursos para os quais Alberto Martins então presidente da Associação Académica de Coimbra, pede para ser incluído como orador. Palavra de Tomás garante-lhe que poderá falar depois de todos os outros falarem. Mas, acabados, os discursos oficiais, a promessa não passa de promessa. Tomás e o séquito abandonam a sala sem Alberto Martins falar. Os estudantes universitários reagem. «Mentirosos» e «palhaços» chovem aos gritos sobre Tomás e camarilha. A P. I. D. E. prende de imediato Alberto Martins. Mais dirigentes académicos serão presos. Então a Assembleia Magna da Academia decreta greve aos exames como forma de solidariedade aos estudantes vítimas da repressão.

Dos 10 mil estudantes existentes em Coimbra, 8500 aderem à greve. Em consequência são incorporados compulsivamente no Exército 50 estudantes o que veio dar origem a um movimento de contestação à guerra colonial. A nível de professores 150 deles acabariam por aderir à greve.

Comício U.D.P.-F.R.A.P. no Pavilhão dos Desportos

Para assinalar o quadragésimo quinto aniversário da República Espanhola, realizou-se na noite de sábado no Pavilhão dos Desportos um comício promovido pela União Democrática Popular (UDP) e no qual participaram elementos da Frente Revolucionária e Patriótica de Espanha (FRAP).

A abrir o comício um representante da UDP saudou os convidados espanhóis, Constantino Álvarez, comandante do exército republicano durante a Guerra Civil e presidente do Movimento Republicano Espanhol, e José Atienza, militante da FRAP, referindo-se em especial aos militantes antifascistas espanhóis e portugueses que morreram recentemente. Após um minuto de silêncio em memória dos mortos, aquele militante da UDP chamaria a atenção para o facto de «por cada antifascista morto, outros mil se levantarão».

Por sua vez, Constantino Álvarez saudou «os espanhóis que neste momento vivem na sombra e no exílio e os camaradas mortos pelo fascismo», afirmando que «neste momento não se comemora a República de 1931, mas a que está próxima», que virá «apesar de todas as farsas democráticas existentes neste momento em Espanha».

Um flagrante do comício de sábado (U. D. P.-F. R. A. P.) no Pavilhão

José Atienza, da FRAP, chamou a atenção para o facto «de as pretensas aberturas» em Espanha, serem «meras falsidades políticas», terminando o seu discurso com a palavra de ordem «abaixo a monarquia fascista, viva a República». No final aquele militante da FRAP ofereceu, em nome da Frente, um quadro representando a unidade entre a FRAP e a UDP.

Durante o comício que terminou com uma sessão de canto livre em que participaram artistas portugueses e espanhóis, foi lida uma mensagem enviada pela Frente Polisario a estas comemorações e na qual reafirma «a solidariedade e apoio à luta que travam os povos português e espanhol contra o fascismo e o imperialismo».

Por fim foi ainda lida uma declaração conjunta da UDP e da FRAP sobre um encontro que teve lugar recentemente entre as duas organizações na qual se afirma nomeadamente estarem «conscientes de que para derrotar o fascismo e o imperialismo é preciso unir todo o povo, sem distinção de ideologia e religião, numa ampla aliança de forças populares antifascistas e patrióticas tendo à cabeça a classe operária, o campesinato trabalhador e a juventude revolucionária».

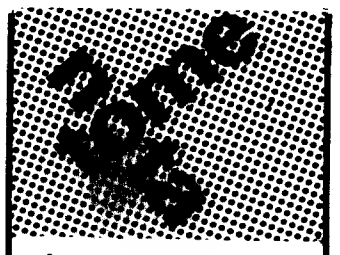
Dois "comandos" presentes na Festa da Páscoa (P.P.D.)

. «Nos comandos somos apartidários, mas esse apartidarismo não nos impede de defendermos a vontade da maioria do nosso povo» — disse um elemento do Regimento de Comandos da Amadora ontem presente na Festa da Páscoa do P.P.D., realizada na Feira Popular em Lisboa. Recorremos ao «Diário de Notícias» que assinala a presença não de um mas de dois elementos do R.C.A. e reproduz afirmações daquele que usou da palavra instado para isso, e dirigindo-se aos adeptos do P.P.D. formulou votos para que «o próximo dia 25 de Abril corra o melhor possível» e fez um «apelo a todas as forças democráticas para que se unam especialmente nestes dois meses mais próximos; de modo a que a nossa democracia, a bem de todos, não seja atraiçoada. «A multidão ergueu-se entoando: «Comando amigo, o P.P.D. está contigo.»

. A Festa da Páscoa do P.P.D. teve um programa dedicado a crianças e adultos. Passaram-se filmes, houve variedades, veio uma mensagem do secretário-geral do partido, Francisco Sá Carneiro.

Núcleo antifascista

. O Nucleo Antifascista dos Olivais e Encarnação leva hoje a efeito, no âmbito dos «Cursos Populares Antifascistas», a sua primeira sessão subordinada ao tema «eleições para defender a democracia, mas como?». A sessão terá lugar às 21 e 30 no grupo musical «O Pobrezinho».



JÁ CHEGA!

Diálogo entre Galvão de Melo e um dos 200 presentes ao comício do C. D. S. em Beja, na passada quinta-feira, registado em «O Século»:

. — «Já chega, sr. general!», diz um espectador.

— «Já chega de?», perguntou Galvão de Melo.

— «De democracia», respondeu o «militante».

— «Mas desta!», tentou disfarçar o general.

— «Pois... a outra ainda não veio!», insistiu o espectador.

Este diálogo pouco centrista, nada democrático e muito menos social, deu-se durante a intervenção do candidato independente do C. D. S., no referido comício.

AINDA A MAIOMBE

Ao noticiar que o pessoal da Maiombe (Galvão de Melo) tem sido ameaçado por cartas remetidas de Espanha pelo ELP, facto que mereceu a primeira página do «DL» no passado dia 14, escreve o «Jornal Novo» no dia 15, a certa altura do texto: «Já há algum tempo os trabalhadores de Maiombe tinham acusado o seu ex-patrão de tentar atingi-los a tiro, o que não viria a ser confirmado pelo poder judicial». O que o «Jornal Novo» não diz é que a Polícia Judiciária ainda não interrogou José Galvão de Melo, (que foi imediatamente identificado) por este se ter escapado, primeiro para Londres e depois para outros locais desconhecidos. Também não é referido o facto da pistola «Beretta» com o silenciador que a equipava, as luvas e o capacete do irmão do general estarem em poder da PJ, devidamente guardados, para servirem de prova incriminatória, caso o processo tenha curso normal. Má informação ou má intenção?

"As mulheres, a esquerda e as eleições"

. Realiza-se, amanhã, no Primeiro Acto, em Algés, às 21, um debate subordinado ao tema «As Mulheres, a Esquerda e as Eleições», durante o qual será apresentado um manifesto.

Na abertura do debate participarão entre outras, Lia Viegas (advogada), António Palla (jornalista) e Maria Belo (Comissão da Condição Feminina).

Espera-se que esta reunião seja o ponto de partida para futuras acções das mulheres que entre nós defendem. Uma libertação face ao capitalismo e a definição de novos valores culturais, que criem uma alternativa ao paternalismo e machismo que as oprime.

DL eleições

A INFORMAÇÃO PARCIAL

A involução sofrida pela Imprensa portuguesa nos últimos meses assume aspectos alarmantes, nas vésperas de um acto eleitoral tão importante como o que se avizinha, com repercussões decisivas no futuro imediato da nossa Pátria.

É evidente que um jornal se propõe duas tarefas: informar os leitores no noticiário e comentar os acontecimentos nos artigos de opinião, da autoria da direcção ou de alguns especialistas dos assuntos em causa.

Os jornais não são feitos apenas para leitores perspicazes, com opinião já formada na base de um sólido conhecimento da realidade nacional e internacional. Destinam-se a um público vasto e desarmado, mesmo quando se trata de uma faixa de leitores cultos (médicos, advogados, estudantes, empregados), no qual sobressai a grande massa dos que não dispõem da vantagem de uma cultural geral, para quem o jornal nunca pode ser compilado com o propósito de fazer arriscados exercícios hermenêuticos. Quando assim acontece, isso evidencia a preocupação de ocultar a verdade, estendendo um véu ambíguo sobre os acontecimentos noticiados.

O leitor comum espera ser informado sobretudo pelos jornais que se autodesignam como «independentes». O que é um jornal «independente»? Em Portugal e no chamado «mundo livre» capitalista, a «independência» da informação costuma ser definida como um ideal de objectividade absoluta que exclui sempre, à partida, quaisquer formas de parcialidade, reduzindo ao mínimo as deformações interessadas. Quem saiba um pouco como as coisas são, numa sociedade dividida em classes, reconhece que este ideal de «independência», em cuja afirmação certo jornalismo que a si mesmo se classifica «de qualidade» põe o maior ênfase, não passa de uma habilidade retórica destinada a legitimar, sob a capa de «objectividade», a orientação ideológica dos que, recusando-se a tomar partido quando as lutas políticas e as contradições sociais se agudizam, tomam de facto o partido das forças e dos valores dominantes.

Quando os jornalistas são bons profissionais e procuram imprimir à sua actuação certo decoro e dignidade, a manipulação torna-se mais inteligente e subtil. Mas desse tipo de jornalismo «independente» há poucos exemplos entre nós.

Os órgãos dos partidos, porém, não podem ser considerados facciosos porque foram criados precisamente com o objectivo de servir facções: são jornais subjectivos. Quem os lê, fá-lo para saber qual é a opinião dos partidos acerca de determinados acontecimentos políticos. Os leitores sabem que são aqueles os jornais que correspondem às suas opções ideológicas, e lêem-nos exactamente para tornarem ainda mais sólidas as escolhas já feitas. A expectativa do leitor de jornais independentes é diferente; quem os adquire, não procura propaganda, mas notícias e análises esclarecedoras.

Na maioria dos nossos jornais «independentes» — dominados pelo capital ou por forças políticas antipopulares — reina um sectarismo primário que influencia toda a sua organização, desde a escolha do director e das notícias, passando pela redacção dos títulos e dos textos, até à disposição e paginação dos artigos e fotografias.

Tudo isto se pode fazer (vide *Monde, Times, L'Express, Le Nouvel Observateur, Le Figaro,* etc.) com gosto e sentido das proporções, habilidade técnica e tacto psicológico. O retoque de uma notícia, como o ponteado de um par de calças femininas, deve ser invisível para passar despercebido ao público. A este respeito, Marx contrapôs ironicamente aos prosélitos do axioma social burguês segundo o qual tudo é exactamente como parece, o reparo de que, se a aparência das coisas coincidisse com a sua essencia não haveria necessidade da ciência.

A maioria da nossa Imprensa «independente» não tem destas subtilezas; a sua gente segura a caneta como quem maneja um cacete, e essa coisa dos retoques leves para reforçar os aspectos menos favoráveis da realidade não é como ela — prefere o bom método clássico de suprimir certas notícias e pôr outras em evidência, substituindo o real pelo imaginário, deformando as verdades perigosas ou inconvenientes e não hesitando mesmo em recorrer, nos casos extremos, à falsificação.

Cinquenta anos de fascismo tornaram o público receptivo a este tipo de «informação». Mas cuidado, meus senhores. No momento crucial que estamos a viver, a mentira e a calúnia são um bom investimento a curto prazo, mas a longo, e talvez mesmo a médio, seguramente que o não são. Olhai bem as pesadas responsabilidades que assumis, carregando demais, em relação à verdade, a coluna do «deve». Com a reacção, não tendes futuro; e quando chegar a hora e a vez do povo, pode muito bem acontecer que vos obriguem a acertar as contas.

E. S.

PONTO POLÍTICO EM TEMPO ELEITORAL

. Iniciamos hoje a publicação de depoimentos dos dirigentes dos partidos políticos mais votados nas eleições para a Assembleia Constituinte. Responderam, sucessivamente, Sottomayor Cardia, secretário do PS; Francisco Sá Carneiro, secretário-geral do PPD, e Alvaro Cunhal, secretário-geral do PCP. Como no caso dos outros partidos, as perguntas dirigidas ao PS foram encaminhadas para o seu secretário-geral, Mário Soares, que delegou em Sottomayor Cardia o encargo de esclarecer as posições do seu partido face às questões posta pelo «DL».

SOTTOMAYOR CARDIA AO "D.L.":

"Se o P.R. escolher um socialista para primeiro-ministro o governo será composto por socialistas e independentes"

«DL» — Como considera na perspectiva do seu partido, a presente fase do curso político pós-25 de Abril?

. Sottomayor Cardia — Nestes dois anos, Portugal viveu uma revolução. A revolução instaurou a liberdade, pôs termo à intervenção militar em Africa, reintegrou o País na comunidade internacional, conduziu ao colapso do grande capitalismo, efectuou uma rápida transformação na repartição da riqueza e consagrou significativas conquistas dos trabalhadores. Como todas as revoluções, a portuguesa produziu também traumatismos inúteis e factores de regressão na actividade produtiva. Tendo em conta a situação global no tempo do fascismo, que infelizmente parece começar a ser esquecida, e a extraordinária resistência socialista e popular à ameaça de ditadura em 1975, que felizmente o País não esquece, o saldo é obviamente positivo.

VI GOVERNO: RESULTADOS POSITIVOS

«DL» — A experiência política e administrativa do VI Governo Provisório poderá ser valorizada como tendo obtido resultados positivos, em relação aos anteriores governos provisórios? E no caso afirmativo, sob que aspectos? Em que planos?

. S.C. — Sem dúvida. Evitou-se a iminente bancarrota do Estado; restaurou-se a confiança nas instituições de crédito; obtiveram-se apoios financeiros importantes nas melhores condições; reanimou-se o comércio externo e o turismo; introduziu-se um espírito de responsabilidade na política de trabalho; corrigiram-se os excessos mais gritantes contra a reforma agrária; democratizou-se a Informação; adoptaram-se medidas importantes com vista ao desenvolvimento da indústria; iniciou-se uma política ousada de fomento da habitação social; prosseguiu-se a reforma judiciária; conseguiu-se um princípio de paz escolar; progrediu-se no sentido da democracia local; deram-se passos importantes na restauração de um clima de tolerância e respeito pela democracia.

PS OPTIMISTA

«DL» — As eleições de 25 de Abril de 1975 representaram, globalmente consideradas, um voto maciço a favor da democracia e do socialismo. Admite que os resultados das próximas eleições legislativas possam assinalar uma modificação sensível da opinião pública portuguesa?

. S.C. — Em breve se saberá. Pelo que nos diz respeito, estamos optimistas e temos razões para isso. Sabemos o que queremos, explicamo-lo claramente no nosso programa de governo e verificamos por toda a parte que o povo continua a confiar em nós.

«DL» — Parece-lhe que o texto constitucional, na parte já aprovada, corresponde aos objectivos do 25 de Abril de 1974 ou que os excede? Parece-lhe que a futura Constituição consagra as conquistas fundamentais alcançadas pelo povo português durante este período histórico?

S.C. — A Constituição consagra os objectivos do 25 de Abril, tanto no plano dos direitos dos cidadãos e da organização do Estado como, programaticamente, no enunciado dos direitos económicos, sociais e culturais e dos princípios basilares da ordem económica.

CONDIÇÕES PARA HAVER REFORMA AGRÁRIA

«DL» — Como encara o problema das nacionalizações? Como encara o problema dos custos sociais das nacionalizações? Poderá o Estado suportar os «deficits» das empresas nacionalizadas?

. S.C. — As nacionalizações não se fazem para prejudicar a sociedade mas para racionalizar a produção e construir relações de trabalho mais justas. O programa de governo do PS expõe as nossas teses sobre o desenvolvimento e socialização do sector público, que será dinamizado e reorganizado. As nacionalizações não devem constituir uma forma de agressão social, mas de construção económica e cooperação dos trabalhadores. O nosso objectivo é repor em funcionamento o que foi atingido de paralisia e pensamos que isso agora se faz em condições mais favoráveis: parte-se de uma actividade planificada ao serviço dos trabalhadores e do povo e não de uma coutada de privilegiados. Mas só pode progredir-se num clima de tranquilidade e estabilidade. Que outro partido o garante hoje em Portugal senão o PS?

«DL» — Como encara a realização da Reforma Agrária? Qual o significado político que lhe atribui?

. S.C. — O essencial na reforma agrária não é a política, pelo menos a política geral, mas a valorização da terra, a defesa dos agricultores e assalariados rurais. No Sul do País, deve suprimir-se a propriedade latifundiária — quer a tradicional — quer a mais recentemente estabelecida; tem para isso de assegurar-se a democratização da gestão nas explorações expropriadas. Mas a reforma agrária não consiste apenas na realização de expropriações nem se limita às zonas latifundiárias. Só há reforma agrária quando se valoriza a produção agrícola, se defende a fecundidade do solo, se adequam as culturas às explorações, se estimula o cooperativismo, se simplificam os circuitos comerciais, se garante o escoamento das colheitas e a justa remuneração do seu valor.

«DL» — Qual a solução que propõe para os múltiplos problemas da agricultura nas regiões de pequena e média propriedade, em relação a categorias do campesinato como os rendeiros e seareiros?

. S.C. — Os problemas, que são na verdade múltiplos, dos rendeiros e seareiros devem ser solucionados após debate público e desdramatizado das questões agrárias e com a participação dos interessados. É aliás um princípio que tem de aplicar-se a todos os actos de legislação e administração. Em democracia, isso faz-se com muito mais facilidade do que numa fase provisória e revolucionária como a que até agora vivamos. Não se faz apenas através dos órgãos de sobera-

Continua na página três

PROGRAMA ELEITORAL DA FSP (RESUMO)

« A F.S.P. considera que, sem contribuir para criar ilusões eleitoralistas à classe trabalhadora, este acto deverá ser encarado como um período de consciencialização e de esclarecimento do povo trabalhador e como um terreno de luta contra as forças da direita e de denúncia, muito séria e firme, dos perigos que essas forças representam e dos interesses que escondem e defendem.

Com efeito, embora sabendo que a derrota e deposição da burguesia exploradora e a vitória dos trabalhadores se não verificará jamais por meio de eleições realizadas em regime capitalista (em que as regras do jogo são impostas pela classe dominante e por isso viciadas à partida) mas somente através da organização e consciencialização da classe trabalhadora, que terá que ser a autora da sua própria emancipação, apesar disso, a importância do período eleitoral não pode ser menosprezado pelas forças progressistas e revolucionárias interessadas na construção da sociedade nova — a sociedade socialista.

Por isso a F.S.P. considera que é um dever de coerência revolucionária não se alhear desta fase do processo político e participar no acto eleitoral, sem concessões eleitoralistas no plano ideológico mas procurando fazer eleger deputados seus que na Assembleia defendam intransigentemente os interesses do povo trabalhador, denunciando o papel antipopular do poder da burguesia capitalista, lutando pela aplicação e defesa dos princípios e medidas que a seguir referimos, as quais, segundo a F.S.P., são as únicas capazes de materializar as reais e justas aspirações do Povo Português.»

«A F.S.P. pensa que a solução política para a crise crónica e estrutural do sistema capitalista em Portugal, como aliás no resto do Mundo, não está na reconversão dos mecanismos do poder da burguesia através da via social-democrata, isto é, pela manutenção da ditadura capitalista sobre os trabalhadores enfeitando-a com a máscara enganosa e frágil da democracia burguesa.

A F.S.P. considera que Portugal só encontrará solução para os seus inúmerós problemas, através da construção de uma sociedade completamente nova, onde a exploração do homem pelo homem não tenha lugar, onde o desenvolvimento se faça harmonicamente e **para todos**, a sociedade socialista.

Essa transformação implica a substituição da mola real do actual sistema — o lucro capitalista — por um novo eixo central da relação entre os homens — a justiça, a igualdade e a fraternidade.

Nesta perspectiva e apontando algumas medidas essenciais para ultrapassagem das questões com que o povo se debate no seio da sociedade capitalista em crise, a F.S.P. considera e propõe.

1 — NACIONALIZAÇÕES CONTROLO OPERÁRIO

O sector nacionalizado detém 50 por cento do investimento nacional. Porém dentro da boa lógica da recuperação capitalista existe uma total falta de coordenação neste sector.

Para a F.S.P. nacionalizar não significa apenas estatizar, mas sobretudo a colocação dos sectores nacionalizados sob o controlo efectivo dos trabalhadores, sendo a gestão económica na planificação global da economia.

A F.S.P. defende:

— A nacionalização de todos os sectores básicos da economia, isto é, de todas as empresas que condicionam o desenvolvimento económico numa perspectiva socialista. Nacionalização das maiores empresas têxteis, metalúrgicas, de construção civil, acompanhadas de medidas contra a sabotagem económica.

— A nacionalização do comércio externo e do comercio interno por grosso.

O controlo operário que é o instrumento fundamental de que os trabalhadores se servem para obrigar o patronato e os gestores dos sectores nacionalizados a cumprir as regras de actuação que permitem colocar a economia ao serviço da comunidade (ex.: fiscalização dos processos de laboração, da gestão financeira, da reconversão dos meios produtivos, etc.).

Tal acção cabe aos órgãos representativos, democraticamente eleitos, e constitui um poderoso meio de consciencialização de uma arma ofensiva na luta pela construção da sociedade socialista e pelo exercício do poder económico e político pelos trabalhadores.

2 — REFORMA AGRÁRIA

Uma autêntica reforma agrária tem em vista o desenvolvimento da agricultura e consequente expansão económica através do aumento da produção. (Portugal importou em 1975 cerca de 21 milhões de contos de produtos agrícolas e alimentares).

Neste sentido a gestão democrática das cooperativas agrícolas pelos próprios trabalhadores, no quadro do plano económico global, constitui a garantia de uma reforma agrária voltada para a promoção social, económica, cultural, profissional das massas trabalhadoras rurais, contribuindo assim para consolidar a aliança entre os trabalhadores do campo e da cidade e diminuir progressiva e rapidamente o tradicional fosso entre o modo de vida nos campos e nas cidades.

Segundo estudos já realizados é possível, em 3 anos, acabar com a dependência alimentar e agrícola do nosso país, bastando para tal a aplicação correcta da reforma agrária a Sul do Tejo.

De imediato a F.S.P. defende:

— A colectivização das grandes propriedades.

— A expropriação das terras incultas para a criação de herdades colectivas.

— A promoção e estímulo à via do cooperativismo agrícola na zona do minifúndio, associando os pequenos e médios agricultores, designadamente a norte do Tejo.

— A criação de um banco exclusivamente dedicado ao apoio financeiro à Reforma Agrária.

— A prestação de apoio técnico gratuito, fornecimento de sementes, pesticidas e fertilizantes em condições favoráveis.

— A criação de parques de maquinaria agrícola.

— A formação de cooperativas de distribuição eliminando os intermediários parasitas e baixando os preços do produto no consumidor.

— O estudo e planificação de solos e culturas.

— A construção de fábricas, nas zonas de colheita, para a transformação e conservação dos produtos agrícolas.

— O fomento do sector pecuário.

— A execução de obras de rega.

— A fixação de salários através de contratação colectiva entre os sindicatos dos trabalhadores rurais e as entidades empregadoras.

— A institucionalização em termos de eficácia real, da assistência social aos camponeses pobres (seguros na doença, na invalidez e na velhice, assistência médica e medicamentosa, etc.).

3 — MARINHA MERCANTE (COMÉRCIO E PESCAS)

a) Comércio

Cerca de 92 por cento do conjunto de importações e exportações efectuadas pelo nosso país, são realizadas por via marítima.

A situação que a Marinha de Comércio portuguesa tem vindo a atravessar nos últimos anos insere-se na crise mundial dos transportes marítimos e constitui mais um indicador do afundamento geral do sistema capitalista.

Na sua maioria antiquada a Marinha de Comércio portuguesa, corre sérios riscos de sobrevivência pela falta de prospecção de mercado que o sector de comércio externo não tem sabido (ou querido) realizar.

A FSP considera uma medida prioritária a salvaguarda dos interesses da Marinha Mercante portuguesa, nos acordos comerciais de importação e exportação efectuados por Portugal com outros países e a colocação dos navios mais competitivos no ramo de frete internacional.

A FSP considera a intensificação e aprofundamento das relações comerciais com as ex-colónias no quadro do respeito mútuo e reciprocidade de interesses, será de grande importância para a ultrapassagem do grave impasse em que foi colocada a Marinha de Comércio.

b) Pescas

«A FSP defende a nacionalização das grandes empresas de pesca, acompanhadas da nacionalização de todo o sector, intermédio, desde a descarga do pescado até à distribuição junto ao consumidor com a criação de uma rede de frio a nível nacional, que possibilite a eliminação do papel dos intermediários parasitas.

A criação de cooperativas de pesca e de cooperativas de distribuição e comercialização do pescado (integrando nomeadamente o sector de pesca artesanal), com apoio e dinamização das comissões de moradores e trabalhadores, de forma a garantir ao consumidor o abastecimento a preços acessíveis».

4 — PEQUENAS E MEDIAS EMPRESAS

«A FSP defende:

— A associação dos pequenos e médios industriais com vista à reconversão das suas fábricas e à sua transformação em unidades de produção integradas, de modo a baixar os custos de pfodução e a melhorar a qualidade dos seus produtos, evitando o desemprego e a sua própria ruina.

— A criação de um sistema de distribuição dos bens de consumo, pondo fim ao circuito infindável de intermediários parasitas, criando uma rede de armazéns, entrepostos, instalações de frio e unidades retalhistas de modo a assegurar a colocação dos bens de consumo corrente em boas condições de preço e qualidade.

Este sistema passa pela associação dos pequenos e médios comerciantes em cooperativas de distribuição pelo aproveitamento e modernização das instalações existentes.

Há que assentar que a distribuição de bens é essencialmente um serviço que, como tal, deve ser justamente remunerado, excluindo-se a ideia do lucro que no caso concreto não é mais do que um falso privilégio que os pequenos e médios comerciantes julgam ter na sociedade capitalista, mas que não os impede de viverem subjugados pelo grande capital».

5 — Trabalho e sindicalismo

«A luta por uma sociedade socialista passa pela organização sindical, na base da unidade de classe em torno dos seus interesses e direitos.

A FSP defende:

— A manutenção de uma central única dos sindicatos, impedindo a existência de sindicatos paralelos, fomentados pela burguesia para dividir os trabalhadores.

— A verticalização dos sindicatos por ramos de actividade económica.

— A mais ampla democraticidade desde as bases ao topo da organização sindical, e o mais completo «contrôle» dos órgãos directivos pelos trabalhadores, impedindo a existência de cúpulas burocráticas ou partidárias.

— A existência e o fortalecimento de comissões de trabalhadores, democraticamente eleitas, como órgãos fundamentais de exercício do controlo operário. A integração dos delegados sindicais nas comissões de trabalhadores constitui um importante reforço da unidade e organização da classe trabalhadora.

— A não intervenção do Estado na vida sindical.

— A revogação da lei da greve e sua substituição por nova lei que proteja o direito dos trabalhadores à greve e garanta o direito à greve política. Proibição do «lock-out».

POLÍTICA SOCIAL

1 — DESEMPREGO

«O número actual de desempregados em Portugal é de cerca de 380 000, isto é, cerca de 11 por cento da população activa.

Deste número, 70 000 são retornados das ex-colónias.

O alarmismo económico, através de cifras largamente superiores tem sido divulgadas pela reacção para fazer pairar a ameaça de desemprego e diminuir a combatividade dos trabalhadores.

O desemprego é uma consequência e uma arma do sistema capitalista que é necessário combater. (Neste momento há pelo menos 19 000 000 de desempregados, em contínuo aumento, nos principais países capitalistas). Só a planificação socilista da economia permitirá, a curto prazo, assegurar o direito ao trabalho para todos.

A FSP propõe a criação urgente de novos postos de trabalho que absorvam a mão-de-obra disponível, e que ao mesmo tempo contribuam para o desenvolvimento económico do País no âmbito de uma economia planificada socialista.

A FSP considera urgente a criação de um órgão central de planificação económica que numa primeira fase coordenaria as ligações entre os diversos sectores (entre a agricultura e a indústria, designadamente), e que só ao cabo de 2/3 anos de reanimação económica, deveria assumir a função de planificação efectiva (planos de três anos e mais tarde de cinco anos).

Neste sentido a FSP aponta como medidas a tomar, entre outras, as seguintes:

— Construção de habitações sociais, de escolas e de hospitais regionais, o que permite reactivar a indústria da construção civil e dinamizar inúmeras indústrias a ela ligadas (cimentos, ferro, maquinaria, materiais de construção, etc.), lançamento de uma rede de distribuição de água, luz e criação de um sistema de esgotos em todo o País.

— Melhoramento e conservação das estradas e construção de novas rodovias e linhas de caminho-de-ferro».

2 — HABITAÇÃO

«A habitação é uma necessidade essencial do povo e, como tal, deve ser encarada como um dos principais problemas a resolver de imediato.

A FSP defende:

— Nacionalização dos solos urbanos por forma a eliminar as acções especulativas.

— Estabelecimento de uma tabela de rendas proporcionais aos rendimentos do agregado familiar.

— Centralização da recolha de rendas num fundo nacional de habitação que promoveria o incremento maciço da construção de habitações sociais.

— Eliminação dos bairros de lata e das habitações insalubres nas zonas rurais.

— Desenvolvimento da construção de habitações sociais.

— Legalização das ocupações.

— Proibição de acções de despejo.

3 — SAÚDE

«A saúde constitui um direito fundamental do povo, que o Estado deve suportar financeira e materialmente na totalidade.

Actualmente enquanto os trabalhadores descontam directamente cerca de 14 milhões de contos para assistência médica o Estado apenas despende 5 milhões.

A situação caótica da saúde pública em Portugal herança de 48 anos de fascismo mantém-se inalterável após seis governos provisórios controlados pela burguesia capitalista.

A FSP considera que o primeiro passo importante para alterar a actual situação é dar a conhecer ao povo português a verdadeira realidade desfazendo as mentiras lançadas pelos sucessivos governos burgueses, com o intuito de enganar e manipular as populações.

A FSP considera necessário — a criação de um verdadeiro Serviço Nacional de Saúde que desmistifique o acto médico que mobilize as massas populares e os trabalhadores de saúde para intervir organizadamente (nos bairros nos locais de trabalho etc) em todas as decisões que digam respeito à saúde pública em Portugal;

— desenvolvimento duma política de medicina preventiva;

— distribuição dos técnicos de saúde para todo o país, acabando com as aglomerações nas cidades, criando condições de trabalho médico-sanitário, na província;

— criação de condições para a participação da classe trabalhadora no processo da socialização da medicina;

— reestrutrar radicalmente os serviços das Caixas de Previdência e Serviços Médico-Sociais integrando-os na problemática geral do Serviço Médico de Saúde:

— pôr fim aos grandes monopólios de produtos farmacêuticos que exploram a classe trabalhadora e cuja taxa de rendimento é escandalosa.

4 — PREVIDÊNCIA E SEGURANÇA SOCIAL

A Previdência estrutura montada pelo regime fascista em Portugal sempre funcionou como uma empresa capitalista organizada para explorar os trabalhadores e tem-se mantido após o 25 de Abril quase inalterada.

O Estado continua a utilizar os dinheiros da Previdência a seu belo prazer. Embora fazendo pagamentos fictícios através de troca por papéis de Estado este deve actualmente à Previdência 15 milhões de contos. Entretanto os patrões descontam nos salários dos trabalhadores percentagens significativas destinadas aos encargos com a Previdência Social e utilizam-nas em seu próprio proveito ascedendo a milhões de contos as dívidas das empresas privadas à Previdência. Por seu turno, a dúvida neste momento, das empresas nacionalizadas a Prdvidência é cerca de 8 milhões de contos.

Importa ainda assinalar que, nos últimos dois anos o Orçamento Geral da Previdência decresceu em cerca de 5 milhões de contos sem que os sucessivos governos provisórios explicassem para onde foram dirigidas essas verbas.

5 — FUNCIONALISMO PÚBLICO

Numa sociedade onde o privilégio do privado sobre o colectivo é nota saliente a função pública e o papel que a ela cabe foi desde sempre subestimado e desprestigiado.

A situação deplorável de desorganização e baixa rentabilidade dos serviços do Estado constituem um obstáculo impeditivo ao desempenho cabal das necessidades públicas.

A FSP considera:

— que só os trabalhabores porque interessados na construção de um novo País saberão encontrar os meios necessários para a ultrapassagem dos marasmo burocrático da quase generalidade do funcionalismo do Estado.

— Necessária a criação de um sindicato dos trabalhadores da Função Pública nos termos das Leis das Associações Sindicais, factor indispensável à organização dinamização e consciencialização da classe em muitos aspectos marginalizada relativamente a outros sectores da classe trabalhadora.

POLÍTICA GERAL INFORMAÇÃO

Com a constituição do VI Governo e principalmente com o golpe direitista de 25 de Novembro a informação em Portugal foi tomada de assalto pelas forças da burguesia capitalista.

Quer a Rádio quer a TV quer a esmagadora maioria da Imprensa são hoje não um instrumento revolucionário ao serviço da luta dos explorados pela sua libertação e pelas transformações progressistas da sociedade mas tal como antigamente um instrumento de alienação de manipulação e de mentira ao serviço dos interesses da classe dominante.

A verdade oficial (tal como no tempo do fascismo) voltou a ser imposta pelas forças reaccionárias que, antes do 25 de Novembro clamavam em altos gritos pelo «Pluralismo» na Informação.

Mais uma vez se comprova qual o valor e significado de palavras como democracia liberdade pluralismo etc, quando usadas pela direita.

FORÇAS ARMADAS

A componente Forças Armadas como parte integrante do aparelho de Estado constitui tradicionalmente nas sociedades de classes, o suporte armado do poder legítimo e constitucional isto é, o sustentáculo da classe no poder.

Embora o aparelho militar seja por vezes atravessado pela luta de classes e por contradições que sobram da própria sociedade de que fazem parte a verdade é que apenas em alguns países do Terceiro Mundo o Exército tem sido instrumento de transformação política numa perspectiva progressista.

Portugal com o 25 de Abril pareceu dar corpo a esta tendência já verificada em alguns quadrantes do Mundo com os quais de resto temos muito em comum.

Hoje, com a recuperação direitista do processo as pressões por parte das forças reaccionárias são no sentido de remeter os militares para «dentro dos quartéis» expressão que simboliza o respeito cego e passivo daqueles pela legalidade instituída (enquanto esta não perigar) e o dever de agir fora dos quartéis (reprimindo e sufucando) sempre que a autoridade e os interesses da burguesia dominante forem postos em perigo.

A memória recente é fértil em exemplos do papel de travão da história desempenhado pelos aparelhos militares «profissionalmente democráticos» e «politicamente isentos».

Os casos de cliques militares da confiança do imperialismo subitamente elevados ao poder em nome da salvaguarda da «ordem do progresso e da liberdade» são um exemplo perigoso que os sectores progressistas das Forças Armadas devem ter presente.

A FSP considera por isso grave e preocupante sintoma a actual política de profissionalização quase integral das Forças Armadas o papel preponderante das Forças Militarizadas que nem no tempo do fascismo necessitavam de tanto equipamento bélico e de tão alto volume de efectivos a prisão e licenciamente ou arginalização de oficiais sargentos e praças publicamente reconhecidos como elementos progressistas devotados ao serviço do povo e dos exploradores a contrastar com a reintegração em posições de destaque e influência de elementos cujas opções direitistas e reaccionárias são também conhecidas finalmente a actual proibição das estruturas democráticas existentes no seio das Unidades e do MFA.

As pressões a todos os níveis por parte do capitalismo nacional e do imperialismo no sentido de sufocar a Revolução Portuguesa fizeram-se (e fazem-se) sentir duma forma particularmente aguda no seio das Forças Armadas. A razão é óbvia.

O futuro da liberdade do povo português passa também pelo grau de consciência e pela resposta das Forças Armadas a essas pressões.»

Dois operários e um pescador entre 326 candidatos do CDS

Concorrendo na totalidade dos círculos eleitorais, o CDS apresenta como único candidato independente o general Galvão de Melo (primeiro no círculo de Viseu).

A análise das profissões e ocupações que constam das listas, revela a existência de uma forte percentagem (50 por cento) de quadros técnicos superiores (27 advogados, 13 médicos, 2 arquitectos, 32 engenheiros, 7 diversos), professores universitários (4), quadros superiores da administração pública e privada (21), industriais e proprietários (14), comerciantes e gerentes comerciais (33) lavradores (9) e militares (4,-2 aposentados e 2 da Força Aérea).

Os quadros médios também estão bem representados (34,5 por cento), com a seguinte distribuição: 18 técnicos, 37 professores, 17 empregados de escritório, 6 bancários, 2 profissionais de seguros, 1 desportista, 7 funcionários públicos, 19 trabalhadores de comércio e serviços, 1 de turismo, 2 da indústria hoteleira, 2 jornalistas e 1 animador sociocultural

Há ainda 22 estudantes, 18 domésticas, 1 empregada doméstica, 1 pescador e 2 operários.

As mulheres (44) têm uma representação equivalente a 13,5 por cento do total de candidaturas propostas.

Divulgamos em seguida a composição das listas do CDS:

Aveiro — Vítor Sá Machado, Maria José Paulo Sampaio, José Luís Rebocho de Albuquerque Cristo, Álvaro Dias de Sousa Ribeiro, Rui Mendes Tavares, Serafim Fidalgo dos Reis, Adolfo da Cunha Nunes Roque, Augusto Lopes Laranjeira, Gaspar Marques da Silva Tavares, José Maria da Fonseca, Fernando Manuel Lima Soares da Silva, José Maria Soares, Miguel Henrique de Sousa Barbosa, Maria Amélia Rocha Fernandes.

Suplentes: Amílcar Lemos Dias, Ângelo Ferreira Maia, Henrique Manuel Marques Domingos.

Beja: Lourenço António Góis Martins Féria, José Luís Pais Cortês, Fernando Manuel Costa Neves Vallera, Francisco Silvestre Ferreira, António Augusto Coito, José António Paulino.

Suplentes: João Maria Parreira Cano, António Manuel dos Reis Santana, João Manuel Parreira Prudêncio.

Braga: Basílio Horta, Henrique José Cardoso de Menezes Pereira de Morais, João José Magalhães Ferreira Pulido de Almeida, José Ribeiro e Castro, Domingos da Silva Pereira, José Lourenço Maia, Durval Ferreira, José Adolfo Rodrigues Lemos, Manuel Pereira Gonçalves, João Daniel Marques Mendes, Manuel Alberto da Silva Moreda, Adelino Carlos da Costa Pinto Sousa Dias, Luís Filipe da Cunha Pimentel, Manuel António Pereira Janela, Joaquim Lopes Pinheiro Alves.

Suplentes: Edgar da Gama Rodrigues Coelho de Carvalho, Armando de Freitas Ribeiro Gonçalves Coimbra, Filomena Correia Barbosa de Amorim, Raul Duarte de Aguiar Tavares Bastos, Luís Gomes Fernandes.

Bragança: Rui Fausto Fernandes Marrana, cor. Luís Esteves Ramires, Cassiano António Marrana, José Maria Pereira.

Suplentes: Eduardo Augusto Pimentel Urze Pires, Mário da Conceição, José Luís Martins da Cruz, Lucinda Augusta Martins.

Castelo Branco: Francisco Manuel Farromba Vilela, João Carlos Filomeno Malhó da Fonseca, Joaquim António da Fonseca Pinto Castelo Branco, Acácio Lopes Catarino, Maria Inês Macias de Melo Magalhães, Isilda da Silva Barata, Lucília Maria Guerra Santos Cunha Feteira.

Suplentes: Maria Celeste Marcelino Tavares de Sá Pereira Capelo, Jorge Sequeira Ribeiro, Alexandre da Silva Frade Correia, António Cardoso Branco, João António Leitão Ribeiro Tristão.

Coimbra: João Lopes Porto, Caetano da Cunha Reis, Maria Elisete Carvalhas, João Damaso Gonçalves, João Vítor Martins, José Bernardino de Narcalho, Mário Saraiva de Oliveira, Anta Maria Patrão, José António Falcão de Brito, António Tavares da Fonseca, João Maria Simões Tomásio, Manuel Augusto Carvalho Antunes.

Suplentes: Henrique Vilhena Pereira da Silva, Celestino Marques Figueira, José Rodrigues Figueiredo, Maria Odete Simões Esteves.

Évora: João Caldeira, Joaquim Alves Inácio Ramalho, Bento Maria Borrego Sezifredo, Gertrudes Maria Canelas, António Jesus Figueira.

Suplentes: Mário Formigal Palhavã, José Mira Villas-Boas Potes.

Faro: Pedro de Vasconcelos, Jacinto Duarte, Luís Manuel Soares, Manuel Marçal Pina, Duarte Manuel Martins da Rocha Antunes, Francisco Freire Cabral, Maria Isabel Eusébio Pinto, António Manuel Leboreiro Vilalobos, Maria Júlia Paleta.

Suplentes: José Afonso Martins de Sousa, Vítor José Nunes Teixeira, Carlos Alberto Mora Barroso.

Guarda: Emílio Leitão Paulo, Carlos Faria de Almeida, Álvaro Manuel Brandão Estêvão, Manuel Pires da Rocha, José Rodrigues Jorge, António Vaz Gamboa.

Suplentes: Ana Maria de Carvalho, Maria Leopoldina da Fonseca Bordalo, Marília Moreira Reboredo Alonso.

Leiria: Francisco Oliveira Dias, Rui Pena, Abel Santiago, João Korrodi, Alberto José Macieira Richard, Manuel Ferreira Castelhano, José Martinho Fernandes, Artur Coelho Antunes, José Augusto Vieira, Fernando Ferreira, Carlos Augusto Faustino da Silva.

Suplentes: Manuel Antunes do Olival, Maria Beatriz Ferreira Lourenço.

Lisboa: Diogo Freitas do Amaral, Amídio Pinheiro, Nuno Abecassis, Narana Sinai Coissoro, Carlos Martins Robalo, Vítor Pinto da Cruz, José Carvalho Cardoso, José Manuel Macedo Pereira, António João Moita, Luís Filipe Pais Beiroco, Luís Gonzaga Norton Cardoso de Menezes, Manuel de Magalhães Correia Leite, João Potes Cordovil, António Bagarra Canelas, João António Godinho Granada, Teresa da Cunha Almeida Rocha, Manuel Prates Canelas, Rogério Monção Leão, Manuel Augusto L. Antunes, Miguel Costa Guimarães, António Albino Onofre Pereira, Maria Clara Segurado, Maria Margarida Lima Mayer, João Francisco Ruivo da Costa Rodrigues, José António de Carvalho Mascarenhas, António Correa de Oliveira, João Sasse Sassetti, Gonçalo Guilherme de Aguiar, António Francisco Fitas Pinto, José António Ferreira da Cruz, Maria Teresa Pistachini Moita, José João Caldeira Ribeiro, Francisco da Cunha Bernardino, Adriano dos Santos Gonçalves, Vítor Luís da Silva Sobreiro, Adolfo de Lima Mayer, Maria Regina Ferreira, Valdemar dos Santos Trindade, Emanuel Santos Ribeiro Castro, José Pinto de Castelo Branco, Teresa Faria Araújo, João Sepulveda da Fonseca, José Maria Feo Torres, Carlos Manuel Braz dos Santos, Nuno Maria de Lemos da Costa, Luísa Maria Vaz Raposo, Maria Teresa Feo Torres, José Carlos Ribas Vieira, Fernando Paes Pires de Lima, António Pedro da Silva Lourenço, António Alberto França de Oiveira, Nuno Rodrigo dos Santos Fernandes, José Casimiro Pederneira Salvador, Manuel Meira de Carvalho.

Suplentes: Viriato Gouveia Afonso Branco, Maria da Conceição Lobo Machado, Joaquim Cravino da Mota Veiga, Eduardo Ribeiro da Silva Fonseca, Jose Eduardo Ribeiro Feria Theotónio.

Portalegre: António Luís Botelho Chichorro Marcão, Fernando Beiroco, Maria do Amparo Duarte Silva de Sousa P. Santa Clara Barbas, Fernando Tiago Bento Vieira.

Suplentes: Manuel Pereira Cunha Menezes, Maria Teresa Sequeira Bello Moraes, José Joaquim Rovisco da Silva Ruivo.

Porto: Adelino Amaro da Costa, Luís Aníbal de Sá Azevedo Coutinho, Rui Garcia de Oliveira, Alcino Cardoso, Lucas Pires, Walter Francisco Burmester Cudell, Adriano Vasco Rodrigues, Maria Isabel Alies Machado Guedes, Horacio Urbano Ferreira, Carlos Magalhães, Neiva de Oliveira, Maria Madalena Ribeiro Gonçalves, Hernâni Olimpio Carqueja, António Francisco de Almeida, Joaquim Polónia, Manuel Vitorino Monico Paio, António Augusto de Oliveira, Maria Celeste Mendes Ferrão Alves, Guerra da Mota, António Coelho da Silva, António Augusto Moreira, Manuel Pedro Mendes Folhadela e Costa, Pedro Furtado Mendonça, Miguel Montenegro Andrade, Artur Cardoso da Silva, José Soares de Oliveira, David Gomes Madoreiro, José Maria Vigário Martins, Joaquim Pedro de Carvalho Lucas, Alfredo Augusto da Cruz Pereira Magalhães, Maria Teresa Rocha Brito Fonseca, Amadeu António de Vaz de Freitas, Ilídio Fernandes, Jaime Ramos, António Nicolau de Almeida, João Manuel Dantas Cunha de Miranda.

Suplentes: Manuel da Conceição Santos, José Vasco Albuquerque Carvalho, Maria Luísa Borges de Sousa Feo Torres, Alfredo Alcino Garcia Fernandes.

Santarém: António Jacinto Martins Canaverde, Cunha Simões, Teófilo Veloso Nogueira, António Rafael Antunes Figueiredo, Carlos de Sousa Godinho, Ernesto Lourenço Estrada Júnior, Maria Nazaré Janeiro Alves dos Santos, Carlos Manuel da Fonseca Marques, Manuel Souto Barreiros, Joaquim António Pereira Clemente, Eugénia dos Prazeres Prado Alcobia, Manuel Baeta Neves, Amílcar Costa.

Suplentes: António Firmino Trindade Cabral, Maria Raquel Guedes Vicente de Amorim, Justino Adriano Coelho Pires, Manuel Eugénio Ferreira de Lima Paim, Maria do Carmo Marques da Cunha Duarte Ribeiro.

Setúbal: Manuel Paulo Lalande Vieira Pinto, Henrique Paulo das Neves Soudo, Wenceslau Pompílio da Cruz, Francisco David Mestre Baptista, Albertino Martins de Carvalho, Maria Ângela da Conceição Lopes Fernandes, Bruno Rafael Maranca Osório de Castro, Manuel Jacinto Machado, Rui Alberto de Assis Lobo, José Alberto da Silva Roque, Adelina de Jesus d'Oliveira, Constantino Rendas, Amadeu Pinto da Gama, Ana Teresa Sorrano Marques dos Santos, Mário Forte dos Santos, Custódia José de Brito Pacheco, Manuel Maria Ana do Loreto Quintela.

Suplentes: João Manuel Guerreiro de Figueiredo Simeão, Matias Nunes Júnior.

Viana do Castelo: Eugénio Anacoreta Correia, João Gomes de Abreu Lima, Manuel de Jesus Gonçalves Ribeiro, António Júlio Queiroz, António Dionísio Marques, Elisa dos Santos Pinto.

Suplentes: Daniel Fernandes Domingues, Maria de Fátima Carvalho Batalha, Mário José Taron Oliveira, Luís de Azevedo Pinto e Melo.

Vila Real: Alexandre Correia de Carvalho Reigoto, Joaquim Mendes, Manuel António Pereira, Magalhães e Silva, António Jose Borges Mesquita Montes, João da Costa Domingues.

Suplentes: José Maria Barroso Pereira Jorge, António Nicolau Sottomayor Negrão, Alexandre Teixeira, Bárbara de Assunção Gomes.

Viseu: Carlos Galvão de Melo (independente), Manuel António de Almeida de Azevedo Vasconcelos, João da Silva Mendes, Ângelo Alberto Ribas da Silva Vieira, Alberto Henriques Coimbra, José Manuel Amaral Lopes da Conceição, José Maria Pinto Soares da Silva, Maria Emília Seabra Dias, Maximiano Coelho de Almeida Magalhães, Maria Laura Abrantes Amaral Oliveira Mouta.

Suplentes: Luís da Silva Pereira, Fernando Rodrigues Coimbra, Marciano de Oliveira Caetano.

Funchal: José Manuel Cabral Fernandes, Aurélio Paulo Gouveia, Adolfo Jorge Machado de Oliveira, David Firmino Neves, Matilde Vieira de Sousa, João Sá e Sousa.

Suplentes: Sílvio Fernandes, Ferdinando Ângelo Gouveia.

Horta: Avelino de Faria e Castro.

Suplentes: António Rebelo de Almeida, Manuel Machado Bettencourt da Rosa.

Ponta Delgada: Luís Guilherme de Medeiros Vaz do Rego, António Vasco Neto de Viveiros, Augusto Botelho e Sousa Cymbron.

Suplentes: Manuel Maria Caldeira Potes Cordovil, João Rego da Silva, Norberto Pacheco Reis.

Terceira: Vítor Jorge Pamplona Ramos, Rogério da Silva Contente.

Suplentes: José Silvério Bispo, Maximiano Amorim.

EMIGRANTES

Europa: Vasco Manuel Abranches do Canto Moniz,, Carlos Manuel Pequito de Almeida Sampaio.

Suplentes: Maria do Rosário Palha Ferreira da Costa de Aguiar, António Maria de Mello e Castro e Mendonça Côrte-Real.

Fora da Europa: António Simões, Maria Margarida Ribeiro Garcez da Silva.

Suplentes: Manuel de Carvalho Lopes Alves, Maria Fernanda Marques de Oliveira de Miranda Santos.

O riso eleitoral

Por BAAR

SOTTOMAYOR CARDIA (PS) ao "DL"

Continuação da pagina um

nia, mas pelos meios de comunicação social e nas organizações populares. Todos têm alguma coisa a dizer.

A SITUAÇÃO FINANCEIRA MELHOROU

«DL» — Qual a sua opinião sobre a situação financeira do País?

S. C. — A situação financeira do Estado era ruinosa no princípio de Setembro. Melhorou pela acção do VI Governo, nomeadamente do meu camarada Salgado Zenha. Garantiu-se um certo á-vontade imediato mas a estabilidade só pode atingir-se com o relançamento da produção.

«DL» — O recurso aos empréstimos externos e investimentos estrangeiros, a importação de produtos alimentares e produtos de consumo corrente não poderá contrariar o objectivo tantas vezes proclamado de uma política de independência nacional?

S. C. — A autarcia económica, com a cadeia de privações e convulsões que lhe seriam inerentes, comprometeria definitivamente a independência nacional. Um país como Portugal só pode caminhar para a independência comercial pela diversificação das dependências, pela redução das margens de dependência, pela defesa da balança de pagamentos, pela adopção de um código de investimentos. Não o pode fazer fechando-se a sete chaves.

GOVERNO: SOCIALISTAS INSCRITOS E INDEPENDENTES

«DL» — Qual o seu prognóstico quanto à campanha eleitoral? Os militares parecem preocupados; e o seu partido?

S. C. — A campanha eleitoral vai a meio. Tem corrido melhor do que se receava, embora haja a registar incidentes que demonstram que a intolerância está ainda presente em Portugal. A democracia desarmá-la-á; a tolerância também pode ser contagiosa.

«DL» — Quererá adiantar uma hipótese sobre os resultados das próximas eleições legislativas?

S. C. — Repito que o meu partido está confiante; acha que tem interesse colocar-me na posição de observador das expectativas alheias? Aí há coisas que são evidentes e outras que em quinze dias todos saberemos.

«DL» — Qual será a política de aliança do seu partido no caso de não alcançar uma maioria que lhe permita governar só?

S. C. — A posição do P. S. é bem conhecida: o País precisa de um Governo coeso. O Presidente da República, a eleger em 27 de Junho, designará o Primeiro-Ministro. No caso de uma maioria absoluta se não pronunciar contra o respectivo programa, o Governo será investido nos termos constitucionais. Se o Presidente da República escolher um socialista, o Governo a apresentar à Assembleia será composto por socialistas inscritos e independentes. Cada qual assume as suas responsabilidades, na forma precisa em que estas se colocam a cada momento.

HOJE

CARTAZ ELEITORAL

C.D.S.

Distrito de Lisboa: Comício Lisboa, no Campo Pequeno, às 21 e 30, com Freitas do Amaral e Galvão de Melo. **Distrito de Braga**: Comícios — Vieira do Minho, às 14 e 15, na Casa do Povo; Cabeceiras às 17 e 15; no campo da feira; Taipas, às 15, na praça pública; e S. Torcato, às 19 e 30, na praça pública todos com Basílio Horta. Sessões — Ponte de S. João, escola, 15; Gondomar, escola, 9; Balazar, escola 10 e 30; Pavim da Graça, escola 15; S. Salvador Briteiros, escola, 10 e 30.

Distrito de Viseu, Roriz Romãs, Vale Madeiros, Lageosa, Queirã, Pindelo, Milagres, P. Lafões, Lamas, S. Pedro do Sul, Valença do Douro, Castanheira do Sul, Vilarouco, Pereiros, Leomil, Tarouca. **Distrito de Castelo Branco:** Vila de Rei, Fundade, S. João do Peso, Ameada, 21. **Portalegre:** Portalegre, na Esc. Industrial, 21.30. **Distrito de Vila Real,** Fialhoso. **Distrito da Madeira,** Camacho, Largo da Achada; Estrada Camara de Lobos, Largo da Igreja, ambas às 17. **Distrito de Aveiro,** Oliveirinha Casa do Povo, 21.30 Sever do Vouga, Teatro Alva, 16.30; Anadia, cinema, 21.30. **Distrito da Guarda,** Manteigas, Vila Franca das Naves, Sortelha Vale Flor, Torre de Terrenhos, Vila Fernando, nas respectivas escolas, 21. **Distrito de Faro,** Olhão cinema, 18; Aljezur escola, 18; Silves, cinema 21 **Distrito de Bragança,** Múria, e Cabanelas, ambas às 21 horas. **Distrito de Santarém,** Tramagal, 21; Vila Nova de Ourém, Castelo 21; Alcanena, 15; Entrocamento, 21.30; Marmeleira, 19. **Distrito de Coimbra,** Lovos Porto Mar, Arganil todas às 21.30. **Distrito do Porto:** Comícios — Paços de Ferreira no Largo da Camara, às 20.30; e Penafiel na praça do Mercado às 21.30 ambos com Amaro da Costa. Sessões: Teixeira, às 20.30, na esc. Felgueiras, 21.30; Maia, na esc. às 21.30; Santa Margarida na esc. às 21.30; Alsena na esc. do Barreiro, Santa Maria do Zezere, Na Casa do Povo, às 20.30 **Distrito de Leiria.** Casal do Relvas, esc. 21; Monte Redondo, Casa do Povo 16; Algogulhe esc. 21; Coimbrão esc. 21; St.ª Catarina esc. 21; Alvorninha salão paroquial, 21; Pedrógão Grande, Casa do Povo, 21; Mata Pourisca esc. 21; Calvaria esc. 21; Mira Daire, cine-teatro, 21; Gaeiros, Soc. Recreativa, 21; Sanguinhal, esc. 16; Atouguia da Baleia, Soc. Filarmónica, 17; Nazaré praça de touros, 17.

F.S.P.

Distrito de Setúbal: Poceirão, na Soc. Recreativa 1.º de Maio; Grândola, na Casa do Povo; Torre da Marinha, no Independente Clube Torriense; Charneca, no Clube do Bairro da Bela Vista; todos às 21 e 30. **Faro:** Estombar, na Soc. Recreativa Capricho, às 21. **Lisboa**: Alfama, na Sociedade Boa União; Sete Moinhos, no Atlético Clube de Sete Moinhos; Bairro Mirasintra (Carregueira), na sala da comissão de moradores. **Leiria**: Vieira de Leiria, no Clube Desportivo Industrial; todas às 21 e 30. **Castelo Branco**: Carria, na Casa do Povo, às 21. **Viseu**: Vildemoinhos, no clube; Cinfães, na escola primária; ambas às 21. SANTARÉM: Santarém, no Pavilhão do INATEL, com Manuel Serra e Jaime Carvalho da Silva, às 21. **Guarda:** Loriga; Bonda; ambas às 21.

L.C.I.

Distrito de Braga: Comício, debate no liceu D. Maria II em Braga às 21.30. **Distrito de Viseu:** Comício em S. Pedro do Sul às 21.30. **Distrito de Aveiro;** Sessão de esclarecimento em Vagos na Casa do Povo às 21.30. **Distrito de Coimbra:** Sessão de esclarecimento no Areiro no Clube do Calnabé às 21.30. **Distrito de Setúbal:** Sessão de esclarecimento em Pinhal Novo no S.F.U.. (Sociedade Filarmónica União Agrícola) às 21.30. **Distrito de Lisboa:** Sessão de esclarecimento no refeitório da Messa às 18. **Distrito de Castelo Branco:** Comício na Covilhã no ginásio do ciclo preparatório às 21.30.

M.E.S.

Distrito de Aveiro: Macieira de Sarnes (S. João da Madeira); Cortegaça (Ovar); no Salão Paroquial; Belazaina (Agueda), na junta de Freguesia; todas às 21 e 30. **Beja**: Aldeia Nova de S. Bento (Serpa); A-do-Pinto (Serpa); ambas às 21 e 30. **Castelo Branco:** Malpica, às 21. **Faro:** Portimão, no Ginásio do Liceu, às 21 e 30. **Guarda**: Guarda, na Gare, às 21 e 30. **Leiria**: Valado Frades (Nazaré), na Biblioteca, às 21. **Lisboa:** Lisboa, na Voz do Operário, comício, às 21 e 30: Metalúrgicos Luso-Italiana, às 18; ueijas; Povos (Vila Franca de Xira); ambas às 21 e 30 **Porto**: Valbom (Gondomar), no Clube Recreativo Dragões Valboenses; S. Mamede de Infesta (Matosinhos), na Escola Primária da Conceição; Campanhã (Porto), na Assembleia de Campanhã; Valongo, na Escola Palmilheira; Sandim (Vila Nova de Gaia), na escola primária, todas às 21.30, **Santarém:** Alpiarça; no cinema Tramagal, na soc. Artística Tramagalense; ambas às 21 e 30. **Setúbal:** Pragal (Almada), na União Pragalense; Santana (Sesimbra), na Sociedade Santanense, St.ª Suzana, no Salão de Festas; Lavradio, na Soc. Filarmónica Agrária; todas às 21. **Vila Real**: Montalegre, comício; Vilar de Nantes (Chaves); às 21.

P.C.P.

Distrito de Lisboa — Comícios: Queluz (Sintra), às 21 e 30, nos Bombeiros Voluntários, com Carlos Aboim Inglês; Abelheira (Vila França de Xira), às 21; Vila Franca de Xira, às 21, no Cine-Teatro, com Aurélio Santos e Manuel Pedro. **Sessões de esclarecimento:** Colares (Sintra); Benfica (Lisboa), no Salão das Furnas — Bairro das Furnas; Maceira (Sintra); Pero Pinheiro (Sintra); Cacém (Sintra); Alverca (Vila Franca de Xira), na Escola Primária; Murteira (Loures); Sacavém (Loures), na Cooperativa; Marvila (Lisboa), no Oriental R. Club; Carcavelos (Cascais); Murcheiro (Cascais); Paço de Arcos (Oeiras), no cinema; Prazeres (Lisboa), nos S.V. Fontesantense; Ericeira; Virtudes (Azambuja); todas às 21 e 30; Santa Iria de Azóia (Loures), na sociedade de Odivelas (Loures) — Arroja, empresa Cimenfer; Lisboa, nos Bombeiros, R. Camilo Castelo Branco; Lisboa, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil; Cabanas do Chão (Alenquer); Alverca (Vila Franca de Xira), na Casa do Povo; S. Julião do Tojal (Loures), na sociedade recreativa; Arruda dos Vinhos (Arruda), todas às 21; Sacavém (Loures), nas oficinas CPE; Santa Iria de Azóia (Loures); Pedroso (Cascais); Lisboa, Rua Neves Ferreira, 13-1.º; Oeiras, oficinas da C.M.O.; Lisboa, na Cidla; Lisboa C. Palma de Baixo; Alhandra (Vila Franca de Xira), Cimento Tejo, todas às 18; Trefilaria (Loures), às 16; Lisboa, no Aeroporto de Lisboa, Manutenção Geral, às 17 e 30; BESCL (Lisboa), Lisboa, sede B.B.I.; Lisboa, Petroquímica, todas às 18 e 30; Lisboa, Hospital dos Capuchos, às 16 e 30; S.N.B.A. (Lisboa), às 15; Praça de S. Paulo, Lisboa, às 19 e 30; Lisboa, Cooperativa Elo; Lisboa, Grupo Desportivo do Carmo; ambas às 20. **Setúbal:** Comícios, Setúbal, no Parque da Escola, com Alvaro Cunhal, às 17; Montijo, na Praça de Touros, com Álvaro Cunhal, às 19; Alhos Vedros (Barreiro), na Soc. Coop. Operária Crédito e Consumo, às 21; Trafaria (Almada), nos Bombeiros, às 21; Trafaria (ALmada), nos Bombeiros, às 21 e 30; Sessões: Barreiro, no Refeitório da CUF, às 18; Santiago, na escola do Guilherme; Vale Lobo-Alvalade (Santiago), na escola; ambas às 20; Barrosinho-Santiago (Alcácer); Quinta da Lomba (Barreiro), nos Galitos; Pegões Velhos (Montijo), no Clube Recreativo; Setúbal, no Bairro Santo Nicolau, na Escola; todas às 21; Cova da Piedade (Almada), no Clube os Pastilhas; Almada, na Associação Académica; Costa da Caparica (Almada), no Clube Costa Cão; Cova da Piedade (Almada), nas S.F.U.A.P.; Pinhal Novo (Palmela), na Casa Viúva E. Palhoto; todas às 21 e 30. **Faro**: Olhão, comício às 21 e 30, com Margarida Tengarrinha; Selão (Monchique), às 17; Cortes António Martins (Alcoutim), às 18; Goldra de Cila (Loulé), na escola; Quatro Estradas (Loulé), na sociedade; Tavira, no Ginásio da Escola de Pesca; todas às 21; Jovenal (Silves); Bordeira (Faro), no Centro Recreativo Popular; Barão de S. João (Lagos), na escola; Monte Gordo (Vila Real de Santo António) no cinema; Figueira (Portimão), na sociedade recreativa; Boavista, (Portimão) na Sociedade Recreativa, todas às 21 e 30. **Évora:** Val Pereiro; Santa Vitória do Ameixial; Ferreira de Capelins; Falcoeiros; todas às 21. **Santarém:** Argea (Torres Novas), com Octávio Pacto; Pedreira (Tomar); Paços Negros (Almeirim); Atalaia (Vila Nova da Barquinha); todas às 21; Sardoal (Mação), no cinema; Malhada Alta; ambas às 21 e 30. **Castelo Branco**: Vale de Prazeres (Fundão), na Casa do Povo, às 21; Alcains (Castelo Branco), no cinema, com Pires Jorge; Peral; s. Pedro Esteval; Orjais (Covilhã), na escola primária; Teixoso (Covilhã), no cinema todas às 21 e 30. **Viseu**: Loureiro de Silgueiros; (Viseu); Cambres (Lamego); Vouzela; Póvoa de Vila Nova de Paiva; todas às 21 e 30. **Aveiro**: Arouca, no cinema; Vila Nova, Anadia, na Casa do Povo; Lourosa, no Clube Guilhovai, na escola primária; Esmoriz; todas às 21 e 30. **Guarda**: Carnicães (Trancoso), às 16; Vilar Formoso (Almeida), às 21. **Leiria**: Cintrão (Bombarral); Marrades (Leiria) na Escola Primária; (Marinha Grande, no Teatro Stefens; todas às 21 e 30. **Porto:** Vila das Aves (Santo Tirso), comício no Cine Alves, com Carlos Costa; Senhora da Hora (Matosinhos), comício no cinema; Porto, Santo Ildefondo, no Grupo dos Modestos; Valbom (Gondomar), na escola primária; vilar do Pinheiro (Vila do Conde), na escola primária; Mosteiró (Vila do Conde), na escola primária; Vilar do Paraíso (Gaia), na escola preparatória de Lagos; S. Félix da Marinha (Gaia), na Escola de Matosinhos; Grijó-Loureiro (Gaia), na Associação de Socorros Mútuos; Águas Santas — F. Gemil (Maia), na escola do Paço; Lordelo (Paredes) no cinema; Voelhe (Penafiel), na escola primária do Calvário; todas às 21 e 30. **Vila Real:** Sabrosa, no salão dos Bombeiros, às 21.30 Condessoco (Boticas) na escola primária; Loivos (Chaves), na escola primária; ambas às 21; Parada de Cunhos, na escola; Arroios (Vila Real), na escola primária, ambas às 21 e 30. **Bragança:** Vila Flor (Bragança), comício na Casa do Povo; Moncorvo (Bragança); ambas às 21. **Viana do Castelo**: Gandra (Valença), na escola primária; Freixeró (Soutelo), na Casa do Povo; ambas às 21 e 30. **Braga**: Famalicão, no cineteatro, comício com Veiga de Oliveira; Celorico de Basto, na escola do ciclo; ambas às 21 e 30. **Coimbra:** Verride; S. Paio de Gramaços; ambas às 21; Condeixa-a-Velha; Coimbra, no União de Coimbra; Conchada; Brasfemes; Ceira-Sobral; Maiorca; Cova de Serpe; Quiaios, Praia de Mar; Vila Nova de Poiares; Gesteira; todas às 21 e 30.

P.P.M.

Distrito de Lisboa: Santa Suzana (Sintra), no Clube Desportivo, às 22; Alenquer, Sporting Clube de Alenquer, às 21.30 com Gonçalo Ribeiro Teles.

Distrito de Santarém: Vila Nova de Ourém nos bombeiros, às 21.30. **Distrito de Viseu:** Santa Comba Dão, na Casa do Povo, às 21.30; Castelo (Penalva), às 21, **Distrito de Vila Real;** Vila Pouca de Aguiar, às 21.30, **Distrito de Aveiro:** Bustes, na junta de freguesia, às 18.30; Castelões (Vale de Cambra), na esc. primária, às 21.30; Oliveira do Bairro, no salão paroquial, às 21.30; S. Bernardo, no salão paroquial, às 21.30; S. Jacinto, na escola primária, às 16.30. **Distrito de Beja:** Canhestros e F. do Alentejo ambos às 16, nas respectivas Casas do Povo. **Distrito de Bragança:** Bragançal, às 21.30; Mirandela, às 16. **Distrito de Castelo Branco:** Monfortinho, às 21. **Distrito de Evora:** Casa Branca, às 16; Montemor, às 21.30. **Distrito da Guarda:** às 16, Freixedas; Gouveia; Pala; Pinhel. **Distrito de Leiria:** às 21, Caldas da Rainha; Guia (Pombal); Santa Catarina da Serra (Leiria), no salão paroquial.

P.P.D.

Distrito de Santarém: O secretário-geral do P. P. D., que regressa hoje, de manhã, da ilha da Madeira, visita hoje mesmo, o distrito de Santarém, chegando a Torres Novas às 16 horas e participando em comícios em Abrantes, às 18; em Tomar, às 19, e, em Rio Maior, às 21.30. No mesmo distrito efectua aquele partido as seguintes sessões de esclarecimento: Ferreira do Zêzere, Resgais (T. Novas), Cardais (T. Novas) e Casével (T. Novas) e Santa Margarida.

Distrito de Aveiro: Comícios — Oliveira do Bairro, às 18, e Oliveira de Azeméis, às 21.30, ambos com Magalhães Mota; Ovar, às 21.30, com José Alfaia.

Sessões — Póvoa do Forno (Oliveira do Bairro), às 18; Ovar; Luvão (Vagos); Roge (Vale de Cambra); Vila da Feira; Espinho; Arouca; Lamas (Águeda); Macinhata (Águeda); Moita (Anadia); Rechico (Estarreja); Barcosso (Mealhada); Monte (Murtosa); Concelhio (Oliveira), todas às 21 horas.

Distrito de Setúbal: Às 21.30: Comício — Montijo, no cineteatro Joaquim de Almeida.

Sessões — Cercal (Santiago do Cacém), na Casa do Povo; Almada e Grândola.

Distrito de Viseu: Às 21.30: Canas de Senhorim; Moledo (Castro Daire); Freixiosa (Mangualde); Quilho (Mortágua); Santa Cristina (Mortágua); Fornelos (Oliveira de Frades); Rãs (Satão); Vila Longa (Satão); Alhais (V. Nova de Paiva); Valdigem (Lamego); Sande (Lamego); Avões (Lamego); Parada do Bispo (Lamego); Ribeiradio (Oliveira de Frades); Povoa Penela (Penedono); S. João das Areias (Santa Comba); Granja de Paiva (Moimenta da Beira); Ferreirim (Sernancelhe); Parada (Tondela); Alvarim (Tondela).

Distrito de Évora: Às 21 horas: Évora, no teatro S. Marcos, Montetrigo e S. Pedro do Corval.

Distrito do Porto: Guilhabréu (Vila do Conde); Avintes (V. N. Gaia); Vila Nova de Gaia; Lousada (Senhora da Aparecida), todas às 21.30; Felgueiras, às 16.30; Casais (Lousada); Vermoim (Maia); Lavra (Matosinhos), todas às 21.30; S. Mamede de Recezinhos (Penafiel), às 16; Paços de Sousa (Penasiel); Argivai (Póvoa de Varzim); Santo Tirso, todas às 21.30.

Distrito de Vila Real: Jou, às 21.30.

Distrito de Leiria: Às 21.30: Pedruras (Batalha); Tornada (Caldas da Rainha); Leiria Gare (Sismeria do Monte Redondo); Moinhos da Barosa (Sismeria do Monte Redondo); Laceira (Sismeria do Monte Redondo); Monte Redondo, sede; Gestocas (Pedrógão); Bombarral; Aguada (Figueiró dos Vinhos); Pedreiras (Porto de Mós); Estrada (Pombal), na escola, às 20.30; Abiul (Pombal), no salão paroquial.

Distrito da Guarda: Às 21.30: Seiocas; Marmeleiro; Sameiro; Fredas; Vilar Torfim; Souto.

Distrito de Bragança: Comício — Alfândega da Fé, às 21 horas.

Distrito de Lisboa: Comícios — Ericeira (Mafra), com Helena Roseta; Torres Vedras, com Alfredo de Sousa e Furtado Fernandes; em Algés, com Fernando Pinto e Marcelo Rebelo de Sousa, todos às 21.30.

Sessões — Lisboa, na Comp.ª Seguros Tranquilidade, às 19, com Helena Roseta; Maxial (T. Vedras); Freiria (T. Vedras); S. João do Estoril, no liceu; Janas (Sintra); S. João das Lampas, todas às 21.30.

P.S.

Comícios — Espinho, pavilhão e Argoncilha Vila da Feira) no cine-teatro, ambos às 21.30. **Sessões** — Moldes e Contada (Ílhavo) nas respectivas escolas primárias e S. João da Madeira na esc. primária das Fontainhas e na Esc. Conde Dias Garcia — todoas às 21; Quinta do Lameiro (esc. primária) Quinta do Picado (esc. primária) Mamodeiro (esc. primária) Tamengos (esc. primária) Silvã. Mealhada, (esc. primária) Barrô, Agueda (salão lhada (clube recreativo); S. Vicente Ovar, (esc. primária); Santa Catarina Vagos (esc. primária) Oleiros, Vila da Feira, (pavilhão gimnodesportivo) Quintã do Loureiro Aveiro, (esc. primária) Barrô, Águeda (slãao da Junta) — todas às 21.30. **Distrito de Bragança:** Às 21 — Mogadouro, Coelhoso, Mirandela, Alfandega da Fé, com Trigo de Morais, Castro Vicente, Bragança. **Distrito de Coimbra** Cernache (Coimbra) às 18; Almalaguez (Coimbra) às 18.30; Tapeus (Soure) às 21; Eiras (Coimbra) Casal da Missa, Condeixa-a-Nova; Traveira, Condeixa-a-Nova; Rapada, Oliveira do Hospital, Gavinhos de Baixo, Oliveira do Hospital, Arazere, Montemor-o-Velho Sarzedo, Arganil Montevez, Penela, Carvoeira, Penacova, Murtede, Cantanhede, Enxofães, Cantanhede, Foz do Arouce, Lousã Serpins, Lousã Vale do Açor, Coimbra, Vinahais-o-Velho Pampilhosa da Serra, Vidual Papilhosa da Serra, Janeiro de Baixo, Pampilhosa da Serra — todas às 21.30 **Distrito de Faro:** Almancil, Loulé, Tunes, Silves, Santo Estêvão, Tavira, Ferragudo, Portimão, Algoz, Silves, todas às 21.30; Odeleite, Castro Marim, Cacela, V. R. Santo António, ambas às 21. **Distrito de Lisboa** Às 21.30 Moita dos Ferreiros Lourinhã Orjariça, T. Vedras, Vila Facaia, T. Vedras, Campelos, T. Vedras, Santa da Carlota, Alenquer, Bairro Alenquer, Encarnação, Mafra, Vermelha (Verruguilha), Mafra. **Distrito de Leiria.** às 21 horas — Comício Pombal. **Sessões** — Alquidão da Serra Porto de Mós, Azóia, Leiria, Alfeizerão, Alcobaça. **Distrito de Portalegre:** Comício Fronteira. Sessões: Vale de Seda, Fronteira às 19; Arés Nisa, Vale de Açor, Ponte se Sôr, Póvoa de Anuadas, Castelo de Vide, todas às 21. **Distrito de Santarém.** Casal Bernardos, Tomar, 20.30; Atouguia Tomar, às 21.30; Torres Novas, Eireira, Cartaxo; Arneiro dos Borralhos, Santarém; Romeira, Santarém, Vale de Óbidos Rio Maior, Abrantes todas às 21. **Distrito de Vila Real:** Às 21 horas Murça, com António Barreto, Bisalhães; Folhadela, Mateus, Parada de Cunhos, Justes Penajóia (Lamego) na esc. primária Salzedas (Tarouca) na esc primária. **Distrito de Setúbal:** (às 21.30) Santiago do Cacém (Casa do Povo de S. Francisco) com Rosa Rainho e Catanho de Meneses, Paio Pires Seixal, (Grupo Recrativo de S. António) Grândola (Salão de Pinheiro da Cruz) Samouco, Alcochete (Sociedade Recrativa S. Francisco) Sesimbra (esc. primária das Pedreiras), Águas de Moura (esc primária da Asseiceira); Azeitão (União e Progresso Vendas de Azeitão), Almada (Matadouro do Pragal); Santiago do Cacém (Escola de S. Bartolomeu da Serra), Barreiro (Soc. de Cabeço Verde, Palhais), com José Luís Mendes, Aires Rodrigues; Moita (Marítimo F.C. Rosairense) Moita (esc. dos Brejos) Grandola (Minas do Lousal), com Maldonado Gonelha. **Distrito de Viana do Castelo,** Serdeiras, 21.

P.D.C.

Distrito de Lisboa: Oeiras, nos Bombeiros, às 21. **Leiria**: Alcobaça, no parque de viaturas dos Bombeiros Voluntários, às 17. **Faro:** Loulé, comício às 21. **Aveiro**: Verdemilho, na escola primária, às 15 e 30; Albergaria-a-Velha, na escola preparatória, às 21 e 30.

U.D.P.

Distrito de Braga: Comício Guimarães no salão da INATEL às 21.30; Sessões Real (Braga), na escola, Amares, na escola S. S. Pedro d'Este na esc. todas às 21.30. **Distrito de Vila Real** Comício Vila Real às 21. Sessão Boticas (Chaves) às 21.30. **Distrito de Lisboa:** Ajuda (Rio Seco) colectividade; Cruz Quebrada (SIMECQ); Linda-a-Velha, esc. primária; Barcarena, Galinheiras (salãocapela), Silveira; Merceana; Alverca; bombeiros, Aveiras de Cima, cinema, todas às 21.30 Massamá (Queluz) Olival de Basto, colectividade Campolide, Clube Santana, Azambuja (salão paroquial), Tabuenses (S. Bento); Sobreiro (Mafra), Eugaria; Belas, Cine-Teatro do Povo, Mafra; Escola Patrício Prazeres, Liceu D. Dinis, Guerreiro, ec. primária, todas às 21 horas. Móveis Olaio (Bobadela) às 18; Hotelaria, R. Serpa Pinto, às 15.30; Hotelaria, Junta Freguesia S. João Ocidental às 22 horas.

Distrito de Aveiro: às 21.30: Codal (Vale de Cambra), no salão paroquial; Estarreja, no liceu; Pinheiro de Bemposta, na escola. **Distrito de Castelo Branco:** Castelo Branco, às 21. **Distrito de Coimbra:** Figueira da Foz, Clube Naval; Lordemão, Escola; Semide, Todos às 21 horas. **Distrito de Évora:** Estremoz, às 21. **Distrito de Faro:** Cacela Velha; Fuzeta; Querença; Bensafrim; Almodoro (Castro Marim), todos às 21. **Distrito do Funchal:** S. Roque, às 20. **Distrito da Guarda:** Cubo e Trinta, ambos às 21. **Distrito de Portalegre:** Terrugem, na Casa do Povo, às 21. **Distrito de Santarém:** Salvaterra de Magos; Riachos (Torres Novas); Serra do Meio; S. Miguel do Rio Torto, todas à noite. **Distrito de Setúbal:** Montijo (Bairro Areias) Soc. Areias; Fernão Ferro, Centro Paroquial Bem-Estar, Feijó, Clube Recreativo; Baixa da Banheira, B.º Fundo F. Habitação; Quinta do Anjo, Casa do Povo, todos às 21.30; Azinheira de Barros, Casa do Povo; Alvalade, Cinema do Povo, ambos às 21; Palhais, C. Recreativo Desportivo, às 21.30. **Distrito do Porto:** Paredes bombeiros de Cete; Maia, Esc. Dramática de Milheirós; Porto, Centro Social do B.º do Cerco do Porto; Centro Social de Miragaia; Caixa Beneficente dos Tuberculosos; Pauliteiros de Nevogilde; Juventude do Ouro; Fac. Economia; campo de jogos de Rui Navega; Marco de Canavezes, Cine-Teatro Alameda; Escola Sobre-Tâmega; Matosinhos, Casa do Povo Santa Cruz do Bispo; escola de Leça da Palmeira; Assoc. Rec. Freixieiro-Perafita; Constantino Neri, todos às 21; Fábrica Sonafi, às 18; Santo Tirso, Escola Pr. de Santiago de Vougado; Escola Comercial e Industrial de Santo Tirso; Gondomar, escola primária da Bela; V. N. de Gaia, Assoc. Cultural «A Vencedora», de Vilar de Andorinho. **Distrito de Beja:** Selmes, Pedrógão, Casével e S. Marcos de Ataboleira, todos às 21.